

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Departamento de Ciências e Técnicas do Património

Casas Cristãs da *Taluka* de Salsete - Goa

Volume I

Lígia Maria Filipe Santos Sampaio

Dissertação de Mestrado em História da Arte
Portuguesa, orientada pelo Professor Doutor
Manuel Joaquim Moreira da Rocha.

Porto
2011

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha, pela orientação rigorosa, autêntica, entusiasta e inspiradora que me dispensou ao longo deste trabalho. Reconheço e agradeço também a confiança, os conselhos e os incentivos que me transmitiu.

Na impossibilidade de agradecer a todos, expresso os meus agradecimentos aos meus colegas e amigos que me apoiaram ao longo deste trabalho.

Aos funcionários das Bibliotecas, que percorri, durante esta investigação, em especial à Biblioteca Municipal do Porto, à Biblioteca Almeida Garrett e à Biblioteca da FLUP.

Às minhas colegas de trabalho, Lúcia Meireles e Sara Azevedo, que muito contribuíram com a sua amizade, maturidade e entusiasmo, para a minha serenidade no decorrer deste trabalho. Também o meu muito obrigada à Carla Alves e ao Pedro Loureiro, pela disponibilidade com que me apoiaram. À Helena Almeida agradeço e reconheço o apoio que me concedeu. À Susana Machado os meus sinceros agradecimentos, pelos seus conselhos, sugestões e pela dedicação que sempre me devotou ao longo deste meu trabalho.

Às minhas companheiras de viagem, Maria Amélia e Teresa Tellechea, a quem agradeço toda a amizade e cooperação com que me acarinharam durante aquele período de viagem e permanência em Goa, na Índia.

À Carmita Noronha e ao filho Óscar Noronha Sequeira Nazareth, por me terem recebido em Goa como se fosse da família, e me fazerem sentir como se estivesse em casa. Ao Óscar Nazareth, a minha gratidão por me ter acompanhado por sua iniciativa em todas as visitas que efectuei às casas da *taluka* de Salsete. Devo-lhe grande parte da acessibilidade e facilidade com que os proprietários das casas que visitei me abriram as portas, agradeço-lhe também por me ter tirado as fotografias com todo o seu empenho e profissionalismo.

À Mónica Reis, pela sua constante disponibilidade em me facilitar informações preciosas sobre a viagem a Goa, agradeço-lhe a recomendação do excelente motorista Luís Fernandes que me garantiu todas as minhas deslocações enquanto lá permaneci.

À minha tia Maria da Graça, por me ter proporcionado momentos de profunda tranquilidade durante um período em que estive a preparar parte deste trabalho.

À minha colega Sofia Vechina, que me acompanhou no decorrer do mestrado, quero agradecer a amizade e todos os conselhos, sugestões e ajudas que me prestou ao longo deste trabalho.

O meu agradecimento às famílias goesas pela atenção e simpatia com que me receberam.

A minha maior gratidão é dirigida à minha família, à minha cunhada Marta Sampaio que sempre me apoiou e em especial ao meu pai que sempre me auxiliou de forma incondicional.

Resumo

O presente trabalho tem por tema o estudo das “Casas Cristãs da *Taluka* de Salsete”. Consiste na investigação das residências de arquitectura indo-portuguesa circunscritas à *taluka* de Salsete em Goa na Índia. O universo desta pesquisa prende-se a um inventário por nós definido, englobando sessenta e nove casas cristãs visitadas, tendo sido apurado um conjunto de dezasseis casas sobrado e cinquenta e três casas pátio. As casas indo-portuguesas, objectivo deste estudo, inserem-se num período compreendido entre o final século XVII ao século XIX, cujos proprietários são as elites autóctones, os brâmanes e os chardós convertidos ao cristianismo, a quem os portugueses reconheceram direitos e integraram na administração do império.

Abordamos de forma genérica os principais acontecimentos marcantes do Estado Português da Índia, de forma a facilitar a contextualização do cenário histórico e focamo-nos em evidenciar as interinfluências estéticas entre os costumes enraizados na tradição hindu e a cultura portuguesa travada durante 450 anos. Desenvolvemos de uma forma aprofundada uma análise dos aspectos similares e divergentes entre a casa cristã de Salsete e a casa nobre portuguesa.

Área Disciplinar

História da Arte / Arquitectura

Palavras-chave

Arquitectura Indo-Portuguesa / Casa sobrado / Casa pátio / Casa nobre portuguesa / Goa / Salsete / Cristianismo / Brâmanes e Chardós.

Abstract

The present work regards the study of ‘Taluka of Salsete’s Christian Houses’. It consists in the Indo-Portuguese architecture residences investigation, circumscribed to Salsete’s taluka in Goa, India. The focus of the research is an inventory by us defined which include sixty nine visited Christian houses, sixteen of these being townhouses and fifty three being patio homes. The Indo-Portuguese houses, the object of this study, relate to a period between the end of the seventeenth century and the nineteenth century, owned by the local elite, Brahmins and Chards converted to Christianity, to whom the Portuguese had granted rights and had integrated in the Empire’s administration.

Generically, we’ve approached the main events of the Portuguese State in India to facilitate the historical scenario context and focused on highlighting the interconnecting aesthetics influences between the Hindu tradition’s based customs and the Portuguese culture held for 450 years. An in depth analysis was made regarding the similar and diverging aspect of the Salsete’s Christian house and the Portuguese nobleman’s house.

Disciplinary area:

Art History / Architecture

Keywords:

Indo-Portuguese Architecture / Townhouse / Patio home / Portuguese nobleman’s house / Goa / Salsete / Christianity / Brahmins and Chards.

Volume I

Sumário

Lista de Abreviaturas e Siglas	9
Introdução	10
O Estado da Arte.....	13
1. Cenário Histórico-Geográfico da Presença Portuguesa em Goa.....	24
1.1. Contextualização das Condições do Território de Goa na Fixação dos Portugueses.....	24
1.2. Marcas do Estado Português da Índia.....	28
1.3. A Importância de Goa Enquanto Capital do Estado da Índia	30
1.4. O Abandono de Velha Goa e a Ida para Panjim.....	31
1.5. A Sociedade Civil de Goa e a Conversão ao Catolicismo dos Brâmanes e Char-dós	34
2. A Arquitectura Doméstica dos Cristãos da <i>Taluka</i> de Salsete - Goa	38
2.1. Referências às Primeiras Construções Habitacionais dos Portugueses em Goa	38
2.2. <i>Taluka</i> de Salsete: Algumas Notas	40
2.3. A Caracterização Morfológica das Casas Cristãs das Elites de Salsete	44
2.3.1. Muros e Portões de Entrada.....	44
2.3.2. A Fachada.....	45
2.3.2.1. Alpendres	49
2.3.2.3. Janelas.....	52
2.3.3. Elementos que Nobilitam a Fachada.....	55
2.3.3.1. Frontões	55
2.3.3.2. Portas e Brasões	55
2.3.3.3. Colunas e Pilastras.....	56
2.4. O Oratório e a Capela Privada.....	58
2.4.1. O Oratório e a Capela nas Casas da <i>Taluka</i> de Salsete	58
2.4.2. O Interior dos Oratórios e das Capelas	64
2.4.3. Temas e Invocações	65
2.4.3.1 Estampas	68

2.4.4. Elementos Estruturais e Decorativos	68
2.4.4.1. Tipos de Oratórios	68
2.4.4.2. Trono	71
2.4.4.3. Colunas	71
2.4.4.4. Peanhas	73
2.4.4.5. Coroamento.....	74
2.5. A Casa Sobrado e a Casa Pátio	76
2.5.1. O Enquadramento Histórico destas Tipologias de Habitação	76
2.5.2. Os Pátios das Casas Pátio e das Casas Sobrado	79
2.5.3. As Casas Cristãs Sobradadas.....	81
2.5.4. As Casas Pátio Cristãs.....	83
2.6. Os Aspectos Similares e Divergentes entre a Casa Cristã de Salsete e a Casa Nobre Portuguesa.....	84
3. Conclusão	89
Glossário.....	91
Bibliografia.....	95

Volume II

APÊNDICES

Apêndice A	5
Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da <i>taluka</i> de Salsete em Goa	
Tipologia de Casa Sobrado	7
Tipologia de Casa Pátio	17
 Apêndice B	39
Elementos de Nobilitação e Decorativos da Fachada	
Portões de entrada	41
Alpendres	42
Janelas de carepas dos alpendres	45
Janelas de peitoril e de sacada.....	46
Colunas	49
Frontões	50
Brasões	51
 Apêndice C	53
Oratórios e Capelas em Goa na <i>taluka</i> de Salsete	
Tabelas de Identificação dos Oratórios e Capelas	55
Oratórios de Pousar.....	57
Oratórios de Parede.....	72
Oratórios-Altar	74
Capelas	84
Imagens devocionais	87
Estampas	90
Baldaquinos	91
Monogramas	92

Apêndice D	93
Imagens de Pátios	
Pátios fechados	95
Pátio em L	101
Pátio em U	101
Apêndice E	103
Seminários Internacionais de história Indo-Portuguesa	105
Apêndice F	107
Gráfico sobre o Estado de Conservação das casas	109
Apêndice G	111
Fichas individuais do Inquérito ao Edificado em Goa na <i>taluka</i> de Salsete	
Tipologia de Casa Sobrado - 17 fichas	113
Tipologia de Casa Pátio - 54 fichas	149

Lista de abreviaturas e siglas

A.A.V.V.	Vários autores
CNCDP	Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
c/	com
coord.	coordenação
dir.	direcção
ed.	edição
E.P.I.	Estado Português da Índia
f.	folha
F.A.U.P.	Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto
F.B.A.U.P.	Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto
F.L.U.P.	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
fasc.	Fascículos
ff.	folhas
fig.	figura
figs.	figuras
ISBN	<i>International Standard Book Number</i>
Lda.	Limitada
n.º	número
n.ºs	números
n/s.	não sabe
obs.	observações
org.	organização
p.	página
pp.	páginas
s/	sem
s/d.	sem data
s.l.	sem local de edição
sep.	separata
vol.	volume
vols.	volumes

Introdução

O tema escolhido *Casas Cristãs da taluka de Salsete*, retrata as residências de arquitectura indo-portuguesa, edificadas entre o século XVII e o século XIX tendo como proprietários Brâmanes e Chardós convertidos ao cristianismo, a quem os portugueses reconheceram direitos, integraram e atribuíram altos cargos no Estado da Índia. Os Brâmanes e os Chardós difundem nas suas casas, por vezes palácios, influências estéticas portuguesas em associação com a tradição hindu, expressando a convivência travada. Estas casas encontram-se dispersas pelas várias *talukas* de Goa, contudo é em Bardez e Salsete, que se verifica o maior número deste tipo de edificações. Optamos por circunscrever a nossa investigação à *taluka* de Salsete, localidade que faz parte das regiões das Velhas Conquistas, tendo sido adquirida em 1543, compreendendo cidades e várias aldeias, destacando-se Margão, a cidade sede do distrito de Goa Sul, onde estão situados alguns monumentos antigos, e várias casas apalaçadas de estilo colonial.

Estas casas são, normalmente, propriedade da mesma família durante várias gerações, no entanto, deparamo-nos com algumas dificuldades, por não existirem documentos que nos indiquem quem foram os autores dos projectos e também por não existirem provas que nos forneçam as datas concretas dessas construções.

O objectivo do nosso estudo são as casas indo-portuguesas, pelo que focamos a nossa investigação na contextualização e na divulgação de um conjunto de sessenta e nove casas cristãs da *taluka* de Salsete, em Goa, na Índia, com um interesse particular para as áreas disciplinares da História da Arte e da Arquitectura. Pretendemos, acima de tudo, analisar os aspectos similares e divergentes entre a casa cristã das elites de Salsete e a casa nobre portuguesa.

A metodologia adoptada numa primeira fase consistiu numa pesquisa em torno da Arte Indo-Portuguesa e de bibliografia específica sobre o império português da Índia, focando o Estado de Goa, com a intenção de compreendermos o Estado da Arte. Seguiu-se um estudo aprofundado sobre as condições históricas, sociais, artísticas e arquitectónicas. Adaptamos o método de abordagem que nos pareceu mais adequado, procedendo-se à leitura de várias obras com a finalidade de se reunirem informações necessárias ao desenvolvimento do trabalho compiladas em fichas de leitura. No decorrer da pesquisa, e com a intenção de adquirirmos conhecimentos específicos sobre a Arte Indo-Portuguesa, consideramos necessária a frequência de eventos que nos levassem a enriquecer a nossa

investigação, e com esse propósito frequentámos cursos¹, colóquios e assistimos a conferências e a workshops. Após esta fase, preparámos a nossa viagem e trabalhamos na elaboração de uma lista de cinquenta potenciais casas, que seriam o nosso ponto de partida e que poderíamos ir visitar, restritas à *taluka* de Salsete. A circunscrição exacta de uma só *taluka*, deve-se à importância de termos conhecimento de aí estarem localizadas várias residências cristãs de estilo colonial e também, como um ponto de segurança face aos nossos objectivos concretos de visitarmos casas sem desperdiçarmos tempo em acessibilidades, por vezes difíceis. Antes da nossa partida combinámos com um motorista goês para nos acompanhar durante todo aquele período de estadia em Goa.

Demos início ao trabalho de campo, visitámos um conjunto de sessenta e nove casas cristãs, entre Março e Abril do ano 2011, com permanência em Goa, na Índia, sendo este o universo da nossa pesquisa. Tivemos contacto com sessenta e seis famílias cristãs proprietárias e por vezes, com representantes dessas famílias. Pedimos autorização para reunir alguns dados de identificação das casas e das famílias e preenchemos uma ficha, relativa a dados exteriores e interiores das habitações que designámos de “*Inquérito ao Edificado*”. Solicitamos também permissão para fotografar o interior, nomeadamente o oratório, o salão da casa e o pátio, do qual obtivemos licença na grande maioria das residências. Por razões diversas, em alguns casos, não foi possível visitar o oratório. Apuramos um conjunto de dezasseis casas sobrado, e cinquenta e três casas pátio.

Numa segunda fase, iniciámos o trabalho de gabinete, tendo-nos debruçado no estudo da arquitectura doméstica, mais precisamente na caracterização das casas cristãs que visitamos durante a nossa permanência em Goa e detivemo-nos na sua análise e no cruzamento com as casas nobres portuguesas.

A presente dissertação está ordenada em dois volumes. No primeiro volume iniciamos com uma análise do “*Estado da Arte*” e apresentamos o texto resultante da investigação e a subsequente análise. Organizamos o trabalho em duas partes. Na primeira parte incidimos no cenário histórico-geográfico da presença portuguesa em Goa e destacamos a con-

¹ Frequentamos o curso “*Arquitectura e Arte Indo-Portuguesas*” ministrado pelo Professor Paulo Varela Gomes, que teve lugar no Museu do Oriente em Lisboa, realizado em seis sessões, entre os meses de Fevereiro e Maio de 2010, totalizando dezoito horas. Frequentamos também o Colóquio que foi efectuado em Oeiras no dia 1 de Maio de 2010 intitulado “*O Estado Português da Índia – Aspectos Artísticos*” sob a coordenação de José Meco e Joaquim Boiça. Entre os dias 23 a 26 de Outubro de 2010, frequentamos na Universidade de Coimbra a II Reunião Internacional “*Património Mundial de Origem Portuguesa – WHPO*” e assistimos às conferências e ao workshop “*Património de Influência Portuguesa: política e ética de memória*”, organizado pela Universidade de Coimbra e pela Comissão Nacional Portuguesa da UNESCO, pelo Ministério da Cultura de Portugal, pelo ICOMOS Portugal e pelo Turismo de Portugal.

textualização das condições que permitiram a fixação dos portugueses, realçando as marcas que os lusitanos operaram na Índia e a importância de Goa enquanto capital do Estado da Índia. Para terminar a primeira parte, explicamos a constituição da sociedade civil de Goa e incidimos nos brâmanes e nos chardós, por serem os proprietários das casas que analisamos. Na segunda parte, fizemos uma referência às primeiras construções residências dos portugueses em Goa, com base nas descrições dos viajantes e historiadores. Também descrevemos a *taluka* de Salsete e caracterizamos a morfologia das casas cristãs, incidindo no assunto da fachada, dos oratórios e da terminologia e classificação das casas sobrado e das casas pátio, tendo-nos debruçado na comparação com a casa nobre portuguesa.

No segundo volume apresentamos o Apêndice Fotográfico, relativo às imagens das tipologias de arquitectura, a casa sobrado e a casa pátio, as quais surgem expostas em tabelas, organizadas alfabeticamente, em primeiro lugar pelas terras da *taluka* de Salsete e posteriormente pelo nome dos proprietários das casas. Damos um especial destaque ao levantamento fotográfico das casas indo-portuguesas, aos pormenores da fachada, aos portões de entrada, aos alpendres e às janelas de carepas, às janelas de peitoril e de sacada, às colunas, aos frontões, aos brasões, às capelas privadas, aos vários tipos de oratórios, às imagens devocionais, às estampas, aos baldaquinos e aos monogramas patentes nesses oratórios e capelas. Também apresentamos um apêndice fotográfico dos pátios, expomos uma informação em tabela sobre os vários seminários internacionais de história indo-portuguesa, mostramos um gráfico sobre o “*Estado de conservação das casas*” e terminamos com o levantamento levado a cabo durante a permanência em Goa, o “*Inquérito ao Edificado*”.

Informamos que as fotografias e os mapas apresentados, que não indicam a fonte são da responsabilidade do autor.

O Estado da Arte

São vários os autores portugueses e estrangeiros que abordam o conceito da Arte Indo-Portuguesa, neste contexto focamo-nos em diversas obras e constatamos que a arquitectura religiosa é o principal alvo desses trabalhos, encontramos algumas obras sobre arquitectura militar e estudos sobre as artes decorativas e em menor escala surgem trabalhos sobre a arquitectura civil, propósito do nosso estudo. O objecto da nossa atenção, análise e reflexão foi direccionado para as obras gerais sobre Goa, as teses e dissertações sobre o Estado Português da Índia, a catálogos de exposições de carácter histórico entre Portugal e Índia, a periódicos que retratam aspectos do E.P.I. e a seminários e colóquios sobre a História Indo-Portuguesa.

Ainda que seja tão diversa a natureza de assuntos que vemos expostos nas obras que consultamos, optamos por apresentar aqui, sumariamente o conteúdo de algumas obras de carácter relevante, sobretudo temas abordados sobre a arquitectura doméstica e os aspectos relacionados com o conceito de arte indo-portuguesa e também, por vezes, evidenciamos alguns elementos sobre arquitectura religiosa e algumas observações que nos pareceram importantes para o desenvolvimento deste trabalho. Este capítulo “Estado da Arte” consta de um levantamento efectuado entre Outubro de 2010 a Janeiro de 2011.

Foi no âmbito das celebrações dos 500 anos da descoberta do caminho marítimo para a Índia que surgiram diversas obras e exposições que evocaram o relacionamento entre o Ocidente e o Oriente, entre Portugal e a Índia e a arte Indo-portuguesa, com publicações apoiadas na sua grande maioria pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

São as descrições dos viajantes e por vezes os testemunhos gráficos que nos denunciam a época esplendorosa dos portugueses, assim mencionamos os famosos viajantes, Jan Huygen Van de Linschoten² que viveu em Goa no século XVI e François de Laval Pyrard³, no século XVII.

² De origem holandesa, viveu em Goa de 1583 a 1588, tendo sido secretário particular do arcebispo D. Vicente da Fonseca. Através do contacto diário que estabeleceu em Goa com os portugueses e os autóctones, recolheu diversas informações e gravuras, as quais expôs na sua obra, o *Itinerário*, publicado em Amesterdão em 1596. Também constam 36 gravuras coloridas que faziam parte da versão original presente na Biblioteca Real de Haia e no Museu Marítimo em Roterdão. LINSCHOTEN, Jan Huygen Van – *Itinerário, Viagem ou navegação de ...* (1ª edição 1596), edição de Arie Pos & Rui Loureiro. Lisboa, 1997.

³ PYRARD, François de Laval - *Voyage de... Paris, 1679*. Tradução de Cunha Rivara para língua portuguesa, Nova Goa, 1905.

Detectamos que nos últimos anos têm surgido vários trabalhos de historiadores, historiadores de arte e arquitectos, os quais evidenciam diversos estudos sobre Goa, necessários para o nosso trabalho.

Mencionamos Gaspar Correia⁴ que no exercício da sua função de secretário do governador Afonso de Albuquerque escreveu sobre a actuação dos Portugueses no Oriente, em forma de lendas.

A primeira vez que temos conhecimento da utilização do termo “Indo-Portuguesa” foi no século XIX, mais precisamente em 1883, por parte de Francisco Marques de Sousa Viterbo⁵. Ainda no mesmo ano, Joaquim de Vasconcelos e Marques Gomes no âmbito da Exposição Distrital de Aveiro⁶, fazem referência à “Arte Indo-Portuguesa”.

Ao longo do século XIX, há outros autores que interpretam a arte indo-portuguesa, entre os quais mencionamos o arquitecto alemão Albrecht Haupt⁷ de formação filosófica

⁴ Apesar de sabermos pouco sobre a vida de Gaspar Correa, temos conhecimento que embarcou para a Índia em 1512 com Jorge de Melo Pereira e foi secretário do governador Afonso de Albuquerque até 1515. A sua obra consiste na transmissão de informações sobre a actuação dos Portugueses no Oriente. Está estruturada em lendas e cada “lenda” corresponde ao período de acção de um governador, desde o período da descoberta do caminho marítimo para a Índia até ao exercício da governação de Jorge Cabral em 1550, destacando o governo de vários vice-reis e governadores como D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, Lopo Soares de Albergaria, D. Diogo Lopes de Sequeira, D. Duarte de Meneses, D. Vasco da Gama, D. Henrique de Meneses, Lopo Vaz de Sampaio, Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Estevão da Gama, Martim Afonso de Sousa, D. João de Castro, Garcia de Sá até Jorge Cabral. CORREA, Gaspar – *Lendas da Índia*. Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858.

⁵ Sousa Viterbo, o médico-historiador refere que durante todo o século XVI os portugueses tiveram o exclusivo domínio nos mares das Índias e Lisboa tendo-se tornado o império de todo o comércio oriental, também salienta que os estrangeiros só conhecem os portugueses pelas suas descobertas marítimas. “*A notícia da descoberta da Índia produzida em Portugal um alvoroço extraordinário*”. Destaca como D. Manuel no século XVI se manifestou junto do papa. Realça o facto de os poetas da época descreverem com deslumbramento o aspecto que teria a então conhecida “*Veneza do Oriente*”. Considera que daquela triunfal Lisboa do século XVI apenas restara a tradição eternizada nas narrativas dos historiadores, nos diários náuticos nos cantos dos poetas e nos arquivos, contudo encara como um testemunho notável a Torre de Belém. O monumento de influência oriental e com aspecto grandioso que remonta à audácia daquele período áureo dos portugueses. Garante que esta opinião é compartilhada por estrangeiros, viajantes e artistas. Sousa Viterbo refere que os marinheiros e os homens de armas eram aqueles que sentiam uma maior atracção pela Índia. Também os aventureiros e homens de tráfico, os artistas e os operários (em número reduzido). Informa que as fortalezas levantadas pelos portugueses exigiam engenheiros para as delinear e operários para a construir, havendo assim em diversas cidades estaleiros e depósitos de armas que requeriam trabalhadores com experiência. Em relação à arquitectura religiosa Francisco Sousa Viterbo menciona que o cristianismo se expandiu e efectuou as suas conquistas, refere a apropriação da maior parte dos templos indianos. Menciona que se ergueram as igrejas católicas, e no entendimento de Sousa Viterbo influenciadas pelos padrões barrocos. A arte indiana por sua vez não parece ter causado a admiração por parte dos navegadores portugueses. Em face do conceito de arte indo-portuguesa, colocou a questão, se os objectos seriam realizados na Índia por artífices autóctones, ou seriam fabricados em Portugal com influência indiana, acabando por considerar ambas as hipóteses válidas. VITERBO, Francisco Marques Sousa – *A Exposição D’ Arte Ornamental*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1883. pp. 35-44. Sousa Viterbo refere que Portugal no século XVI seria “*infalivelmente, um vasto e precioso museu oriental*”. Menciona que os viajantes que passavam em Lisboa destacavam os estabelecimentos da Rua Nova, como uma rua fascinante, com produtos de arte oriental. Alude que as especiarias não eram os produtos exclusivos oriundos da Índia, havendo riquezas de toda a espécie. Refere a importância da notícia, que chegava a Portugal através das naus vindas da Índia. Expõe um episódio pela parte do monarca português D. Manuel que por intermédio da embaixada de Tristão da Cunha, enviou ao papa Leão X um elefante e uma onça, “*que tanta admiração causou [...] um e outro engenhosamente domesticados*”, D. Manuel mandava também notáveis espécies de fauna do oriente. VITERBO, Francisco Marques Sousa – *O orientalismo em Portugal no século XVI*. Imprensa Nacional, Lisboa, 1893.

⁶ GOMES, Marques e VASCONCELOS, Joaquim de – *Exposição Distrital de Aveiro em 1882*. Aveiro, 1883. p. 12.

⁷ Arquitecto alemão (nasceu em 1852 e faleceu em 1932) com o objectivo de dar a conhecer ao povo alemão, a arte e as realizações artísticas portuguesas. “*Assistimos assim ao modo como a arquitectura de um pequeno país envolve o mundo então conhecido, como os mensageiros do primeiro colonizador da Idade Média divulgaram a Arte da sua terra natal pela Índia e China, até às margens do La Plata. Em troca, trouxeram consigo [...] recordações dos encantado-*

que fez um levantamento da Arte do Renascimento de Portugal, com o objectivo de dar a conhecer ao povo alemão, a arte e as realizações artísticas portuguesas. Também Lopes Mendes⁸ esteve na Índia Portuguesa durante nove anos, tendo desempenhado cargos ao serviço do conselheiro Mendes Leal, então ministro e secretário de estado dos negócios da marinha e ultramar de várias comissões oficiais. Durante o período de horas livres recolheu informação que expôs numa edição de dois volumes, movido pelo desejo de ser útil ao país que para além da escrita, perpetua através dos desenhos que delineou dos monumentos que considerou serem gloriosos e que testemunhavam a grande eloquência dos portugueses na Índia e que naquela altura estavam em ruínas.

No século XX, o Padre M. J. Gabriel de Saldanha⁹ dedica uma obra com dois volumes à história de Goa, sendo o primeiro volume dirigido à história política e o segundo destinado à história arqueológica de Goa. Entre 1931 a 1949 foram várias as obras que surgiram a abordar assuntos ligados à Índia, mais concretamente a Goa, mencionamos Alberto Carlos Germano da Silva Correia e Jean Caparat¹⁰, Reynaldo dos Santos¹¹, João Couto¹²,

res países longínquos, e com elas alimentaram o velho mundo. [...] Naqueles vinte e cinco anos do reinado de D. Manuel, em que se criou uma das mais peculiares orientações no domínio da arquitectura e da decoração, que arrastou também consigo a pintura e a escultura, essa arte tão característica do povo colonizador. Uma Arte que salienta e define a situação de um povo no limiar entre o velho e o novo mundo, e que por isso não pode ser medida pelos padrões habituais inspirados nas realizações clássicas da velha Europa». Em relação à arquitectura religiosa refere a Sé de Goa, como sendo um grande edifício ao estilo de S. Roque de Lisboa. Também alude sobre o colégio Jesuíta de São Paulo em Goa. Em face do conceito de arte indo-portuguesa reflecte sobre as repercussões das influências do Oriente sobre os portugueses e a sua arte. Considera que os navegadores portugueses ficaram com uma profunda impressão de deslumbramento de magnificência, de esplendor e de luxo em relação às construções da Índia. Naturalmente viriam então mais tarde a imitar nas construções portuguesas os «aspectos esplendorosos» dos edifícios no Oriente. Refere que se distinguem em vários e importantes edifícios portugueses esses pormenores, imitados não só da Índia, mas do Oriente. Também relaciona o facto de numerosos arquitectos e canteiros terem partido nas armadas para executar obras no Oriente tendo por lá permanecido por vários anos e aí recebessem “*impressões perduráveis desses monumentos*”. As actividades dos artífices recrutados por artistas de várias áreas, como pintores de igrejas e mais tarde empregados ao serviço dos jesuítas. Refere Tomás Fernandes que foi para a Índia como arquitecto e fortificador no reinado de D. João III, também João de Castilho, como estando sob a influência da Arte Oriental nas suas obras, tal como Alcobaça, Tomar e Belém. Destaca exemplos, como a Sala do Capítulo de Tomar, Torre de Belém (explicada pela actividade arquitectónica que o rei promoveu em terras coloniais, em especial a Índia). HAUPT, Albrecht – A arquitectura do Renascimento em Portugal. Presença, Lisboa 1985 (ed. original 1890-95). pp. 16-17.

⁸ Este livro foi editado pela primeira vez em 1886. MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, volume I. Fundação Oriente, 1992. MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, volume II. Fundação Oriente, 1992.

⁹ Obra dividida em dois volumes sobre a História de Goa. No primeiro volume, destaca a primeira parte referente a História de Goa antes da chegada dos portugueses. Numa segunda fase faz uma análise à chegada de Vasco da Gama em 1498 à Índia ao estabelecimento dos portugueses neste território até à tomada de Goa por Afonso de Albuquerque em 1510 desenvolvendo a acção política deste governador e dos seus sucessores. Refere o auge do florescimento de Goa entre 1550-1600 e o anúncio dos sinais de decadência do poderio português no oriente e a fase progressiva dessa decadência. Expõe a entrada dos ingleses em Goa e a sua retirada (1794-1813). Menciona a implantação do regime constitucional em Goa (1807-1887). Descreve a extinção do exército da Índia o tratado Luso-britânico e a construção da linha de ferro de Mormugão. Alude sobre o Padroado Português no Oriente, também faz referência à divisão administrativa, judicial e eclesiástica do Estado da Índia. SALDANHA, M. J. Gabriel de Saldanha – *História de Goa – Política e Arqueológica* – ISBN: 81-206-0590-X / 81-206-0591-8 – volume I, História Política – Casa Editora – Livraria Coelho, Nova Goa, 1925. O segundo volume é direccionado à história arqueológica de Goa, referindo-se à Cristianização e a construção de igrejas fora da cidade. Faz alusão às Ordens religiosas e aos seus edifícios. Também há a referência a vários edifícios civis, a ruas, praças, colégios, pelourinhos, monumentos e a fortificações. SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica* – ISBN: 81-206-0590-X / 81-206-0592-6 – volume II, História Arqueológica – Casa Editora – Livraria Coelho, Nova Goa, 1926.

¹⁰ CORREIA, Alberto Carlos Germano da Silva; CAPART, Jean - *La Vieille Goa*. Bastorá: Jaime Rangel, 1931.

Alfred Keil¹³ o qual, na sua obra faz uma análise à confluência da arte portuguesa com a indiana, explicando-a como uma pretensão dos artistas autóctones, como forma de lisonjarem os portugueses, também refere a assimilação através dos casamentos mistos, que levam a um contributo equivalente às duas culturas. Mencionamos Agostinho de Carvalho¹⁴ que enuncia no campo da cultura, que a Índia se trata de “civilização milenária”, que se impôs em vários domínios, tal como na arte, nas ciências na literatura e no direito. Menciona a origem de um brâmane e conjecturas que envolvem a sua vivência. Também Maria José de Mendonça¹⁵ como conservadora do Museu Nacional de Arte Antiga contribuiu para a divulgação da arte indo-portuguesa.

A partir da segunda metade do século XX destacam-se vários autores com obras relacionadas com a arte indo-portuguesa, conforme John Irwin¹⁶ na qualidade de director do Departamento de Arte Oriental no Museu Vitória e Alberto, também destacamos Mário Tavares Chicó¹⁷ que se refere a Goa como um importante centro artístico tendo-se distinguido mais tarde, após a primeira época da arte indo-portuguesa. Essa época compreende o início da nova catedral em 1562 até à fundação do Convento das Mónicas em 1606, período em que a cidade se alargou e se enriqueceu com novos monumentos. Maria Madalena Cagigal e Silva¹⁸ ligou-se no estudo da arte indo-portuguesa, conforme alude Maria Cristina Osswald¹⁹ “(...) *autora dedicada à arte indo-portuguesa* (...)”, em face do conceito da arte indo-portuguesa, encarou como uma confluência composta de ele-

¹¹ SANTOS, Reynaldo dos – *A influência do Império nas Artes*. Alta Cultura Colonial, Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1936. SANTOS, Reynaldo dos – *O Espírito e a Essência da Arte em Portugal*, in *Conferências de Arte*. Lisboa, Sá da Costa, 1943. SANTOS, Reynaldo dos – *A Índia Portuguesa e as Artes Decorativas*, Belas Artes, 2ª Série, nº 7, 1954.

¹² COUTO, João – *Alguns Subsídios para o Estudo Técnico das Peças de Ourivesaria no Estilo denominado Indo-Português, Primeiro Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*. 2.ª secção: Portugueses no Oriente. Lisboa, Ministério das Colónias, 1938. pp. 35-49.

¹³ KEIL, Alfred – *A arte portuguesa e a Arte Oriental*, in “*Congresso do Mundo Português*”. Vol. V, tomo III, Lisboa, 1940. p. 161.

¹⁴ CARVALHO, Agostinho de – *Índia misteriosa. Povos e costumes Indus*. Coimbra, 1948.

¹⁵ MENDONÇA, Maria José de – *Alguns tipos de Colchas Indo-Portuguesas na colecção do Museu de Arte Antiga*. Boletim do Museu, vol. II, facc. II, 1949 Janeiro-Dezembro. pp.1-21.

¹⁶ IRWIN, John – *Reflection on Indo-Portuguese Art*. Burlington Magazine, December 1955. pp. 386-388.

¹⁷ CHICÓ, Mário Tavares – “*A Igreja dos Agostinhos de Goa e a Arquitectura da Índia Portuguesa. Um problema de reconstituição conjectural*”. vol. II. n.º2, Garcia da Horta, Lisboa, 1954. CHICÓ, Mário Tavares - *Algumas observações acerca da arquitectura da Companhia de Jesus no distrito de Goa*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, 1956. Em relação à arquitectura religiosa Chicó refere-se a determinadas igrejas como à Igreja de S. Francisco de Assis – “*hoje uma das mais belas igrejas barrocas da Índia*”. Refere-se à Igreja de Santa Catarina – século XVI (segundo decénio) – desaparecida, da qual resta apenas a porta de uma construção civil fronteira à Sé Nova. Também se refere a outras igrejas, tal como a Igreja do Rosário – situada entre Pangim e Velha Goa, iniciada em 1543, construída por artistas reinos, com motivos de decoração do gótico final e do Renascimento, com elementos da arte hindu à arte muçulmana. Menciona a Nova Catedral – iniciada em 1562. Reporta-se à Igreja de Bom Jesus – edificada 1594, refere-se à Igreja dos Agostinhos (Santa Maria da Graça), com. 1587 e ao Convento da Mónicas – fundado em 1606. CHICÓ, Mário Tavares – *A Igreja do Priorado do Rosário de Velha Goa, A Arte Manuelina e a Arte do Guzarate*. Academia Nacional de Belas Artes, Separata de Belas Artes n.º7, Lisboa, 1954.

¹⁸ CAGIGAL E SILVA, Maria Madalena de – *A Arte Indo-Portuguesa. João Barreira (dir.) Arte Portuguesa: As Artes Decorativas*. II vols. Lisboa, Edições Excelsior, 1951, vol. I, pp. 245-264.

¹⁹ OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro – *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996.

mentos portugueses e indianos, dirigidos pelos encomendantes que interferiam na escolha dos motivos e decoração. José de Freitas²⁰ na sua obra anuncia Pangim como uma capital de Estado, como tendo sido uma cidade de ruas e avenidas asfaltadas e com muitas casas de dois andares, alude que na Índia Portuguesa há “três Goas”, referindo-se à Goa Velha como pequena aldeia de pescadores ao Sul da ilha perto do rio Zuari, a Velha Goa como sendo a primeira grande cidade portuguesa cristã do Oriente, que em tempos foi a antiga Goa e que restavam apenas ruínas e a terceira Goa seria Panjim como a capital do Estado. Menciona que na Velha Goa havia a Rua dos Ourives, a Rua dos Alfaiates e palácios deslumbrantes assim como igrejas e conventos. Informa que os jornais da Índia pertencem a famílias com influência maior ou menor na vida pública do país e herdeiros de dignificantes tradições, como “*O Heraldo*” de Santa Rita Vaz, “*O Diário da Noite*” da família Menezes, “*Índia Portuguesa*” de Margão chefiado por Leonor de Loyola Furtado.

O americano Boies Penrose²¹ efectuou uma síntese escrita sobre Goa durante a permanência do E.P.I. criticando os portugueses e salientando o terceiro quartel do século XVI como brilhante para a história militar e política de Goa, como também sendo marcado por um desabrochamento das artes. Focou alguns aspectos relacionados com a arquitectura civil e doméstica, tendo-se referido aos edifícios de Goa, tanto as lojas como as casas particulares, sendo constituídas por dois andares com uma construção de argamassa e cal vermelho, pintadas com uma aguada a vermelho, a ocre ou a branco, referiu-se às janelas e à pouca utilização do vidro, sendo este substituído pelas conchas de ostra bem polidas. Salientou o uso das grades e gelosias as quais permitiam, que as senhoras vissem de casa quem passava, sem serem notadas, também se referiu às espaçosas varandas do andar superior, apetecíveis no tempo quente, alude que embora as casas estivessem juntas umas às outras, tinham jardins e pomares no logradouro. Ficou a referência aos palácios que

²⁰ Refere que a Velha Goa tinha mais de três km de Este para Oeste, quase a mesma largura de Norte a Sul e consolidava uma área de mais de dez km. Era combinada com quatro portas, a de Ribandar, onde se ergeu o arco dos Vice-Reis, a do Mandovi, no “Terreiro dos Mantimentos”, a de Nossa Senhora da Serra ou dos condenados, que ficava junto ao largo do Pelourinho e a porta de S. Pedro. FREITAS, José de – *Terras Portuguesas no Oriente*. Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1953.

²¹ Penrose destaca a Rua Direita, como uma avenida apontada a sul por cerca de dois quilómetros, entre o Terreiro do Paço e a Misericórdia, designada por “O Leilão”. A maior parte dos monumentos já tinham sido construídos no ano de 1600. Salienta que o forte de Adil Xá fora construído para proteger o porto, contudo em 1554 foi completamente reconstruído e mais tarde o vice-rei D. Pedro de Mascarenhas voltou a alterá-lo e mudou-se para lá, tendo assim deixado o Palácio do Sabaio (perto da Catedral). Linschoten e Pyrard passaram a designar ao antigo forte de Adil Xá, o edifício do Mascarenhas, que descreveram como «... um belo e sumptuoso edifício, erigido em volta de dois pátios e célebre pela sua galeria de pintura [...] Adjacente havia uma magnífica sala de audiência com retratos de cortopo inteiro de cada um dos Vice-reis e Governadores; era aqui que os Vice-reis não só reuniam os seus conselhos, como também recebiam os embaixadores dos príncipes do Oriente». Citou a famosa Rua Direita, a Misericórdia, o Hospital de S. Lázaro, o Convento de S. Francisco, o Colégio de S. Paulo, como sendo da mesma época. PENROSE, Boies – *Goa – Rainha do Oriente*. Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, Comissão Ultramarina, Lisboa, 1960.

com a sua grandeza concediam aos Vice-reis um elevado nível de magnificência que competiam com os do Grão Mogol ou do Sofi da Pérsia.

Encontramos outras referências ligeiras à arquitectura doméstica, desta vez através da obra de Jaime Cortesão²², precisando que as casas de habitação eram mais baixas, beiradas por alpendres, rasgadas para a rua janelas e ladeadas de varandas corridas em galeria de madeira sobre o jardim, do qual descia uma escada exterior de pedra. Refere que os materiais de construção utilizados eram a areia e a cal de ostras, também salienta que em vez de vidros usava-se escamas de ostras designadas por “janelas de carepas”. As casas eram normalmente pintadas de branco ou de vermelho alaranjado e davam geralmente para um jardim com figuras de pedras alinhadas, com fontes, mirantes e frutas tropicais que emanavam um certo aroma perfumado. Geralmente junto às casas havia uma árvore que espalhava uma boa sombra, de espécie que havia sido trazida pelos portugueses, aquando da sua passagem por Malaca. Jaime Cortesão, em 1968, faz referência a Goa como sendo uma cidade resplendorosa nos finais do século XVI, reconhecendo-a como a criação urbana colonial que melhor expressa o carácter dos portugueses, nas suas virtudes e defeitos. Esclarece que a cidade se expandiu na margem esquerda do rio Mandovi, pelo facto de ter características naturais mais defensivas.

Carlos de Azevedo²³, em face ao conceito de Arte Indo-Portuguesa alude que a partir das influências portuguesas e indianas, resultou uma arte original, a Arte Indo-

²² Em relação à arquitectura religiosa, Jaime Cortesão faz paralelismos de semelhanças entre o estuário do Mandovi e o estuário do Tejo, exemplificando com o “*Largo na foz entre o Cabo hoje chamado de D. Paula, e a ponta da Aguada na ilha de Bardez (...) a saliência de Pangim na ilha de Goa e as alturas dos Reis Magos na mesma ilha*”, embora Lisboa esteja assente na margem direita do Tejo e Goa na margem esquerda do Mandovi. Refere «*Filipe Sassetti, sempre um pouco desdenhoso com os Portugueses, comparava em 1584 a extensão de Goa à de Pisa. Mas o circuito da cidade, poucos anos volvidos, era duplo, segundo Linschoten (1590), e triplo, segundo Pyrard (1609), do que fora antigamente. Do lado norte, o conjunto dos edifícios e muralhas formavam uma defesa ininterrupta. A leste a Albuquerque, além do baluarte de Pangim, mandara construir a fortaleza da cidade, que se alargou e transformou em residência dos vice-reis, e a de Benastarim. Mais tarde construíram-se muralhas, cingindo a cidade pela banda do rio, defesa que se alargou a todo o canal de Combarjua – obra terminada em tempo do grande vice-rei D. Luís de Ataíde*». Há a referência às grandes portas em túneis abaluartadas que se destinavam à passagem dos indígenas entre Bardez e Salsete, a cidade e as ilhas, designados de “passos”, assim o passo de Pangim a Bardez, o de Daigin a Norva, a Bardez, o de Passo Seco, o de Benastarim a Salsete. Em cada porta estava um funcionário que tinha como função cobrar o imposto de passagem, “*um bazaruco*” por pessoa, e à saída de cada indígena imprimiam no braço a tinta um sinal, que ao regressar serviria de salvo-conduto, fiscalizando-se assim o trânsito das pessoas. Pelo rio acostavam as “*naus, as carraças os galeões de Portugal, as champanas, as cotias, as paléguas indostânicas, as naus de Cambaia e de Ormuz, os juncos chins e javaneses com os mercadores e tráfico mais rico*». CORTESÃO, Jaime – *O Império Português no Oriente*. Lisboa. Edições Portugália, 1968.

²³ Nesta obra Carlos de Azevedo aborda a arquitectura militar e as várias fortalezas de Goa, Damão e Diu. Refere a Fortaleza de Diu, o Forte de Mormugão, a Planta da cidade de Damão, o Forte dos Reis Magos e o Forte do Tiracol. Ao nível da arquitectura religiosa, indica-nos que a partir de meados do século XVI se iniciou um novo projecto de construção de igrejas que viria a engrandecer várias regiões da costa do Malabar, tendo contado com a mão-de-obra local. Albuquerque levanta a Igreja de Santa Catarina em Goa, em 1514 a Igreja do Priorado do Rosário que teve início das obras em 1543, e construída por mestres “reinóis”, vindos do reino, de Portugal continental, marcando o final da primeira época de construção. No final do século XVI é Goa é marcada por edifícios religiosos monumentais. Resta ainda deste período: o portal manuelino de S. Francisco de Assis em Velha Goa e as ruínas da Igreja da fortaleza de Diu. AZEVEDO, Carlos de - *A Arte de Goa, Damão e Diu*. Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1969.

Portuguesa. Salienta que perante a análise de um edifício religioso, se deverá ter sempre em conta a interpretação própria dos artistas locais.

Pearson²⁴, dedica uma obra aos portugueses da Índia fazendo parte de um novo estilo das histórias de Cambridge University Press. M. N. Pearson define, em 1897, a Velha Goa como uma cidade idêntica a qualquer cidade indiana, diferenciando-se apenas na Rua Direita.

Mencionamos Teotónio de Souza²⁵, nascido em Goa, mas que em 1994 optou pela nacionalidade portuguesa, vivendo em Portugal, e que tem abordado obras relacionadas com Goa enquanto capital do Estado Português da Índia.

Emergem catálogos de exposições sobre a Arte Indo-portuguesa dos quais destacamos alguns que nos parecem ser relevante para o desenvolvimento do nosso trabalho. Sobressaem nomes como, Maria Helena Mendes Pinto, João Paulo Oliveira e Costa, ligados à Exposição “De Goa a Lisboa”²⁶, realizada para o Festival Europália Portugal, em 1991, apresentada em Bruxelas na sede da Barque Bruxelas Lambert, entre 24 de Setembro e 15 de Dezembro de 1991, e mais tarde patente entre 29 de Junho a 30 de Outubro de 1992, no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra, manifestando a história e a diáspora portuguesa em terras do Oriente. Em 1994 temos referência de um catálogo “Indo-Portuguesmente”²⁷ no âmbito das comemorações dos descobrimentos portugueses. Em 1998 realizou-se a exposição “Vasco da Gama e a Índia”²⁸, entre 11 de Maio a 30 de

²⁴ Pearson alude que a Velha Goa estaria dividida pelos portugueses por diversas zonas fixas, conforme a classe da população. PEARSON, M. N. – *Os Portugueses na Índia*. Editorial Teorema, Lda., 1987.

²⁵ O trabalho “*Goa Medieval*” deste autor, em termos gerais, pretende acima de tudo instaurar uma corrente de pesquisa de forma a dar lugar a uma discussão que nos leve a deixar de ser medievais. Deixando-nos claro de que ainda existe muito a fazer na forma de entendermos o nosso passado, e que deveremos avançar com prudência, com celeridade e sem receio de expormos os nossos passos. SOUZA, Teotónio R. de – *Goa Medieval – A cidade e o Interior no Século XVII*. Lisboa, Editora Estampa, 1994. SOUZA, Teotónio R. de – *Goa. Roteiro Histórico – Cultural*, Lisboa,

²⁶ Há um destaque às obras expostas na exposição, exaltando pinturas da autoria de Manuel Henriques, André Reinoso e Escola Portuguesa, relatando momentos da vida de S. Francisco Xavier na Índia. Também surgem outros elementos relativos à arte indo portuguesa, como os relicários, os crucifixos de altar, os calvários, as cruzes, a sacra, os retábulos de oratório, os rosários, os cofres, os oratórios relicários, a Árvore de Jessé em marfim esculpido em baixo relevo, a virgem em majestade, várias imagens esculpidas em marfim da Nossa Senhora, outras imagens esculpidas em marfim do Menino Jesus, várias imagens de Santos esculpidas em marfim, o porta-paz em madeira esculpida, vestes litúrgicas, véu de cálice, pano de esquiife, a alva, o godrim, panos de armar, as colchas bordadas, o guarda-porta, o cofre de reserva do Santíssimo com motivos de madrepérola, Sacramento, as estantes de missal, os púlpitos, os oratórios em madeira de teca entalhada, as cadeiras de braços, as arcas, as estantes, os escritórios com tampa e com motivos embutidos característicos em marfim e osso, os baús, as arca-escritórios, as gaveta-escritórios, o altar com retábulo, pedras votivas e panos de frontal de altar. *De Goa a Lisboa - A Arte Indo Portuguesa dos séculos XVI a XVIII*. Secretaria de Estado da Cultura, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1992.

²⁷ *Indo-Portuguesmente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos portugueses, Lisboa, 1994.

²⁸ A exposição realça as Artes Decorativas Indo-Portuguesas, incidindo nos manuscritos, ordenações, gravuras (códice, plantas, mapas, pergaminhos, ilustrações), retratos de famosos, pinturas anónimas (que salientam os usos e costumes), desenhos das embarcações, livros de marinha. Também realça as figuras mitológicas, as estelas indianas, as esculturas, os azulejos, os objectos em bronze (moedas, armas, astrolábios), objectos em madeira, a faiança, os crucifixos, os calvários de vários materiais, as esculturas religiosas em madeira, os cofres, os oratórios, as estantes de missal, as salvas com pé, o marfim esculpido, os vários tipos de adornos (colares, pendentes, rosários, laços) as colchas, as telas bordadas, os panos de porta, os contadores, as mesas, os escritórios de banca, as gavetas de escrivãzinha, as mesas de fechar, as arcas, as janelas (em madeira) e as tapeçarias decoradas. PINTO, Maria Helena Mendes; GARCIA, José Manuel;

Junho na Capela de Sorbonne por ocasião das conferências internacionais em Paris nos dias 11, 12 e 13 de Maio 1998, havendo um catálogo a registar este momento, o qual evoca o relacionamento entre o Ocidente e o Oriente, entre Portugal e a Índia e comemora a celebração dos 500 anos da descoberta do caminho marítimo para a Índia que deu origem à Carreira da Índia, desta exposição destacam-se Maria Helena Mendes Pinto e José Manuel Garcia, na qualidade de comissários científicos. Em 1988, no âmbito da exposição “*Os Construtores do Oriente Português*”²⁹, realizada no Edifício da Alfândega do Porto em estreita colaboração entre a Câmara Municipal do Porto e a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos, resultou um catálogo o qual realça as comemorações dos Descobrimentos Portugueses com textos alusivos à Índia Portuguesa, abordando questões culturais, artísticas, costumes, religião, mártires do cristianismo, sociedade, elites, estrutura política e administrativa, a corte cerimonial, tumularia régia, os missionários na Índia, a arquitectura Chã no interior das igrejas portuguesas no Oriente, tendo tido como comissário geral António Manuel Hespanha.

No final do século XX surgem artigos, várias obras e é sobretudo no âmbito académico que ocorrem variadíssimas referências à Arte Indo-Portuguesa. Destacamos José Manuel Fernandes³⁰, Maria Cristina Osswald³¹, João Paulo Oliveira e Costa³², Rafael Moreira³³ e Walter Rossa³⁴.

AAVV - *Vasco da Gama e a Índia*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1998.

²⁹ O catálogo também regista os objectos patentes na exposição de origem oriental, como: a esfera armilar, cruz de Cristo, atlas, livro das plantas das fortalezas, mapas topográficos de Goa, os escritórios, cofres, gaveta-escritório, arca-escritório, falconete, esmeril, quartos de canhão, espingarda com o símbolo da paixão de Cristo, tsubas, vários retratos de monarcas de vice-reis e nobres portugueses, esculturas, porcelanas da dinastia Ming, vários documentos, moedas, elefantes trabalhados em pedra, frontais de altar, dalmática, vários objectos de carácter religioso, como a estola o manipulo os oratórios, os oratórios portáteis, a vara processional, os calvários, as cruzes processionais, a Nossa Senhora com o Menino de proveniência Chinesa da Dinastia Quing, o bostiário, o rosário, as taças, as estantes de missal, as placas de marfim religiosas, várias esculturas religiosas em marfim e madeira alusivas aos Santos e ao Menino Jesus, alguns trabalhos sino-português como a Meridiana de bolso. Também, as colchas e os contadores. HESAPANHA, António Manuel; AAVV. – *Os Construtores do Oriente Português. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1998.

³⁰ FERNANDES, José Manuel – *Vestígios do Manuelino na arquitectura religiosa de influência portuguesa na Índia: Malabar, Coromandel, Goa*. Oceanos 19/20, 1994.

³¹ Trata-se de uma dissertação de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro – *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996. OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro – *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 2.º vol. Porto, 1996.

³² COSTA, João Paulo Oliveira e, “A Nobreza e a Fundação do Estado Português da Índia”, in Vasco da Gama. Homens, Viagens e Culturas. Actas do Congresso Internacional, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2 vols., pp. 39-73, 2001. COSTA, João Paulo Oliveira e, “*Os capitães mores da Carreira da Índia no reinado de D. João III*”, in A Carreira da Índia. Actas do V Simpósio de História Marítima, Academia da Marinha, Lisboa, pp. 213-231, 2003. COSTA, João Paulo Oliveira e, “*O conde de Tentúgal e a linhagem dos Melos na política ultramarina manuelina*” in A Alta Nobreza e a fundação do Estado da Índia. Actas do Colóquio Internacional, CHAM, Lisboa, , 2004. pp. 9-32. COSTA, João Paulo Oliveira e Costa; PINTO, Maria Helena Mendes; MACEDO, Jorge Borges de – *De Goa a Lisboa - A Arte Indo Portuguesa dos séculos XVI a XVIII*. Secretaria de Estado da Cultura, Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra, 1992.

³³ MOREIRA, Rafael – *From Manueline to Renaissance in Portuguese Índia*. Mare Liberum 9, 1995. MOREIRA, Rafael – *As formas artísticas., História dos Portugueses no Oriente*. Fundação Oriente, Lisboa, volume 1, 1998.

Distinguímos autores que desenvolveram trabalhos de carácter relevante no âmbito da arquitectura doméstica indo-portuguesa de Goa objecto do nosso estudo, tal como Ângelo Silveira, Hélder Carita, Pedro Dias, Heta Pandit e Annabel Mascarenhas e algumas comunicações dispersas, das quais destacamos Carolina Ifeka.

Hélder Carita³⁵, face do conceito da Arte Indo-Portuguesa realça haver um profundo intercâmbio entre as duas culturas. No início da sua obra começou por identificar dois ciclos na arquitectura civil Indo-portuguesa, o primeiro ciclo, relativo às construções das residências por parte dos colonos portugueses, a que designa arquitectura colonial e o segundo ciclo, relativo às construções de habitações por parte das famílias autóctones, brâmanes e chardós a qual designa de arquitectura indo-portuguesa, considera que ambos os ciclos são indo-portugueses contudo com ênfases diferentes. Incide na arquitectura civil indo-portuguesa com uma análise do modelo de arquitectura chã como o primeiro exemplo estético de referência nos palácios de Goa, também menciona o maneirismo de influência italiana e explica o modelo tradicional de casa hindu, aborda aspectos da arquitectura civil Indo-portuguesa e destaca a consolidação e o poder das famílias brâmanes e chardós entre os séculos XVII a XVIII, incidindo no desenvolvimento de algumas casas de famílias autóctones das castas mais altas da sociedade goesa. Dedicar um capítulo à análise das quintas de Panjim no século XVIII e à divulgação do tardo-barroco. Caracteriza o modelo de casa de pátio e classifica o neogótico e gosto *fin de siècle* na arquitectura Indo-portuguesa.

Ângelo Silveira³⁶ incide a sua investigação na arquitectura doméstica de Goa, na tipologia da casa pátio. Numa primeira fase, define os princípios da casa pátio tendo distinguindo a casa hindu da casa pátio cristã, universo do seu estudo. Numa segunda fase, avalia o estado de conservação das casas e analisa as particularidades e potencialidades dos materiais, concluindo que o modelo cristão de casa pátio corporiza pela primeira vez ao nível morfológico e ao nível decorativo um modelo de arquitectura doméstica indo-portuguesa.

Pedro Dias³⁷ enuncia na sua obra que o princípio basilar da composição da família era o feminino, sendo a casa o seu local predominante, daí que geralmente se preservava o sistema estrutural da morada hindu, moldada às funções utilitárias a que a mulher estava

³⁴ ROSSA, Walter – *Cidades Indo-Portuguesas*. Lisboa, CNCDP, 1997. ROSSA, Walter; HESPANHA, António Manuel – *Indo-Portuguesas - Contribuições para o estudo do urbanismo português no Hindustão Ocidental*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

³⁵ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Livros Quetzal S.A., Lisboa, 1996.

³⁶ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*.

³⁷ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ª edição, Editor Publico, 2009.

acostumada no entanto a fachada normalmente apresentava um registo ocidental. Também refere que as casas particulares de Goa, na Rua do Leilão, se dispunham alinhadas e com as fachadas a abrirem directamente para a rua. Explica que “*As casas eram rebocadas e pintadas, e tinham telhados com forte inclinação, cobertos por telha vermelha*”³⁸ também refere que a grande parte das casas tinha dois pisos, um térreo que poderia ser de comércio e um andar sobradado que poderia ter janelas ou varandas com portadas com gelosias de madeira de carepas. Alude que os construtores destas residências eram locais e “*sem formação erudita mas com capacidade técnica e prática. Só nos palácios públicos intervieram os mestres reinóis, portugueses e italianos*”³⁹. Aponta duas fases divergentes na arquitectura doméstica indo-portuguesa, na primeira em que imperaram os valores ocidentais e na segunda fase “*... em que se deu a ascensão de formas e modos locais, desenvolvendo-se estruturas espaciais onde é patente o modelo da casa hindu*”⁴⁰.

Heta Pandit e Annabel Mascarenhas⁴¹ expõem como ponto de partida a arquitectura das residências de Goa, assim como o modo de vida e sociedade anterior e posterior à chegada dos portugueses. Mencionam o estilo de vida do final do século XIX e analisam os elementos arquitectónicos de diversas casas de Goa.

Caroline Ifeka⁴² refere que a estrutura da casa na história Indo-Portuguesa de Goa, está ligada a determinados factores, quer pelo grupo de carácter religioso como também pela casta em que se inserem. Distingue os aspectos exteriores e interiores da casa e caracteriza a aparência exterior com um maior cuidado pelas dimensões físicas pelos materiais de construção, as varandas, a orientação dos quartos, mencionando que todas estas particularidades estão muito relacionadas com o estilo de vida das pessoas que vivem na casa. O espaço interior está relacionado com as áreas da cozinha, área de descanso, área de recepção, do culto religioso, estas divisões estão muito ligadas a determinadas atitudes, bem como a preparação de alimentos, a relação entre homens e mulheres e a variação entre grupos religiosos e as castas. Considera a autora que as casas podem ser uma relevante fonte de informação sobre o desenvolvimento das castas.

No início do século XXI emergem diversas obras, algumas no âmbito da Arte Indo-Portuguesa, dos quais seleccionamos alguns autores que passamos a referenciar, como

³⁸ DIAS, Pedro – Arte de Portugal no Mundo; *Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ª edição, Editor Publico, 2009. p. 48.

³⁹ DIAS, Pedro – Arte de Portugal no Mundo; *Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. p. 49.

⁴⁰ IDEM, *Ibidem*, p. 49.

⁴¹ PANDIT, Heta; MASCARENHAS, Annabel – *Houses of Goa*. Architecture Autonomous, India, 2006.

⁴² Apresentou uma comunicação no IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa sobre “A casa na história de Goa” do século XVIII até meados do século XX. IFEKA, Caroline - IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985.

David M. Kowal⁴³, José Pereira⁴⁴, Fátima Eusébio⁴⁵, Jorge Flores⁴⁶ e Nuno Vassalo e Silva⁴⁷, Paulo Varela Gomes⁴⁸, Mónica Reis⁴⁹ e Alice Santiago Faria⁵⁰.

⁴³ KOWAL, David M. – *The evolution of ecclesiastical architecture in Portuguese Goa*. India and Portugal Cultural Interations, ed. José Pereira and Pratapaditya Pal, Marg Publications, Mumbai, 2001.

⁴⁴ PEREIRA, José – *The evolution of the Goa Hindu Temple*. India and Portugal Cultural Interations. PEREIRA, José – *Churches od Goa*. New Delhi, Oxford University Press, 2002.

⁴⁵ EUSÉBIO, Fátima “*O intercâmbio de formas na arte indo-portuguesa: o caso específico da arte da talha*” 2003.

⁴⁶ FLORES, Jorge; VASSALO e SILVA, Nuno – *Goa e o Grão – Mogol*, Fundação Calouste Gulbenkian, catálogo 2004.

⁴⁷ VASSALO e SILVA, Nuno – *Tesouros da Terra da Promissam: a ourivesaria entre Portugal e a Índia*. Oceanos, 19/20, 1994. VASSALO e SILVA, Nuno – *A herança de Rauluchantim*. Catálogo, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa E CNCDP, 1996.

⁴⁸ GOMES, Paulo Varela – *14.5 Ensaios de História e Arquitectura*. Almedina, Coimbra, 2006. pp. 159-228. GOMES, Paulo Varela – *Bombay Portuguese – ser ou não ser português em Bombaim no século XIX*. Revista Portuguesa de História das Ideias, n.º 28, 2007.

⁴⁹ Em face do conceito da arte indo-portuguesa, a autora menciona que entre Portugal e a Índia havia uma grande distância, sendo as viagens demoradas, como tal era inexecutável levar os artesãos especializados portugueses para actuar nos retábulos da Índia, e por sua vez, para levar constantemente retábulos de Portugal para a Índia, corriam-se grandes riscos de danificar essas obras, sobretudo no que diz respeito às condições da viagem, de carácter rigoroso. A forma encontrada foi produzir esses retábulos por artesãos locais. Artesãos esses, que já haviam utilizado as formas hindus e passaram a laborar formas cristãs, conhecedores da linguagem artística mas desconhecendo a linguagem religiosa. Refere o estudo das relações artísticas entre Portugal e a Índia incidindo na arte religiosa, tendo como objecto do seu trabalho os retábulos. A autora explica as diferentes formas, as diferentes gramáticas artísticas e acima de tudo, uma interacção na religiosidade de carácter diferente e no seu entender também admirável. Como consequência deste estudo, surgirá a criação de um inventário artístico do retábulo indo-português, nas cidades da antiga província do Norte e Goa. REIS, Mónica – *A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da igreja de Nossa Senhora dos Remédios*. Revista de História da Arte e Arqueologia, UNICAMP, Brasil. n.º 11, 2009. pp. 37-54.

⁵⁰ Arquitecta e investigadora, publicou um artigo sobre a evolução de Panjim, desde o plano urbano de 1776 até o século XX, apoiada em documentos inéditos dos arquivos de Goa e Lisboa. Com doutoramento sobre “A arquitectura e o planeamento urbano em Goa no século XIX e início do século XX”. FARIA, Alice Santiago – *O Estado da Índia e os Desafios Europeus - Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*. Centro de História de Além-Mar (CHAM) e Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (UCP), Lisboa, 23-27 de Outubro 2006.

1. Cenário histórico-geográfico da presença Portuguesa em Goa

1.1. Contextualização das condições do território de Goa na fixação dos Portugueses

Goa ocupa uma facha estreita de território no meio da costa ocidental da União indiana, com um comprimento de cerca de 105Km, e uma largura máxima de 65Km, com uma área aproximada de 3600 Km². O território de Goa está situado na costa do Malabar entre Maharashtra, a norte, e Karnataka a leste e a sul, na costa do Mar da Arábia, a cerca de 400 km a sul de Bombaim, 15° de latitude Norte, e 73° de longitude leste, e integra três regiões: o litoral, intermédia⁵¹ e interior⁵². No litoral localizam-se as regiões pertencentes às «*velhas conquistas*», estes territórios são: Bardez, Ilha de Tiswadi, Mormugão e Salsete, caracterizadas por planaltos lateríticos e maior densidade populacional. A Ilha de Tiswadi foi conquistada em 1510 por Afonso de Albuquerque, enquanto que Bardez, Mormugão e Salsete foram cedidos em 1543. As regiões pertencentes às «*novas conquistas*» foram adquiridas na segunda metade do século XVIII e compreendem as regiões de Pernem, Bicholim, Satari, Pondá, Sanguém, Quepém e Canácona.

Os principais rios do território de Goa são nove, o Mandovi, o Zuari, o Terekhol, o Chaporá o Sal ou Betul, o Bága, o Sinkerim, o Talapóna e o Calisbága. Goa, situada entre o trópico de Câncer e o Equador, com o seu clima de característica tropical, situada em zona de monções. O período seco, de ardentíssimo sol, decorre entre Dezembro e Maio, e o período húmido vai de Junho a Novembro, inicialmente anunciado pela passagem de ciclones e formalizado por chuvas torrenciais que ocorrem durante cinco a seis meses. A variação térmica do Verão para o Inverno é de 32°C para 20°C e a humidade média está normalmente acima dos 75%, estimulando ventos alísios. A pluviosidade média anual de Goa é de 270 cm e a aproximação das chuvas é anunciada pelos pirilampos, à noite, e por insectos, como as formigas voadoras e outros, que saem das suas tocas subterrâneas e no começo das monções surgem os sapos e as cobras para os eliminarem, permanecendo assim a harmonia da natureza.

⁵¹ A região intermédia de Goa pertence às zonas de «*estreitamento dos vales entre troços de planaltos mais elevados ou de alinhamentos de relevo de dureza; pelas precárias condições naturais, a densidade da população é muito mais baixa [...] no limite com o rebordo dos Gates*». BRITO, Raquel Soeiro de - *IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985. p. 35.

⁵² A região interior de Goa «*é constituído pelo rigoroso rebordo do planalto do Decão, que em queda brutal de 600 metros de altura, penetra em rolfos pela terra baixa de Goa*». Não havendo capacidade de fundação de povoamento. «*a barreira dos Gates constitui uma fronteira natural do território de Goa*». BRITO, Raquel Soeiro de - *IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa*... p. 35.

Mapa da Índia



Figura 1
Mapa da Índia

Mapa de Goa – Velhas e Novas Conquistas



Legenda:

Ilhas Tiswadi – Território de Velhas Conquistas. Conquistado em 1510
 Bardez, Mormugão e Salsete – Território de Velhas Conquistas. Adquiridas em 1543
 Território de Novas Conquistas – Adquiridas na segunda metade do século XVIII



Figura 2

Mapa de Goa, distinguindo as Velhas e as Novas Conquistas

Mapa de Goa – Distritos – Goa Norte e Goa Sul

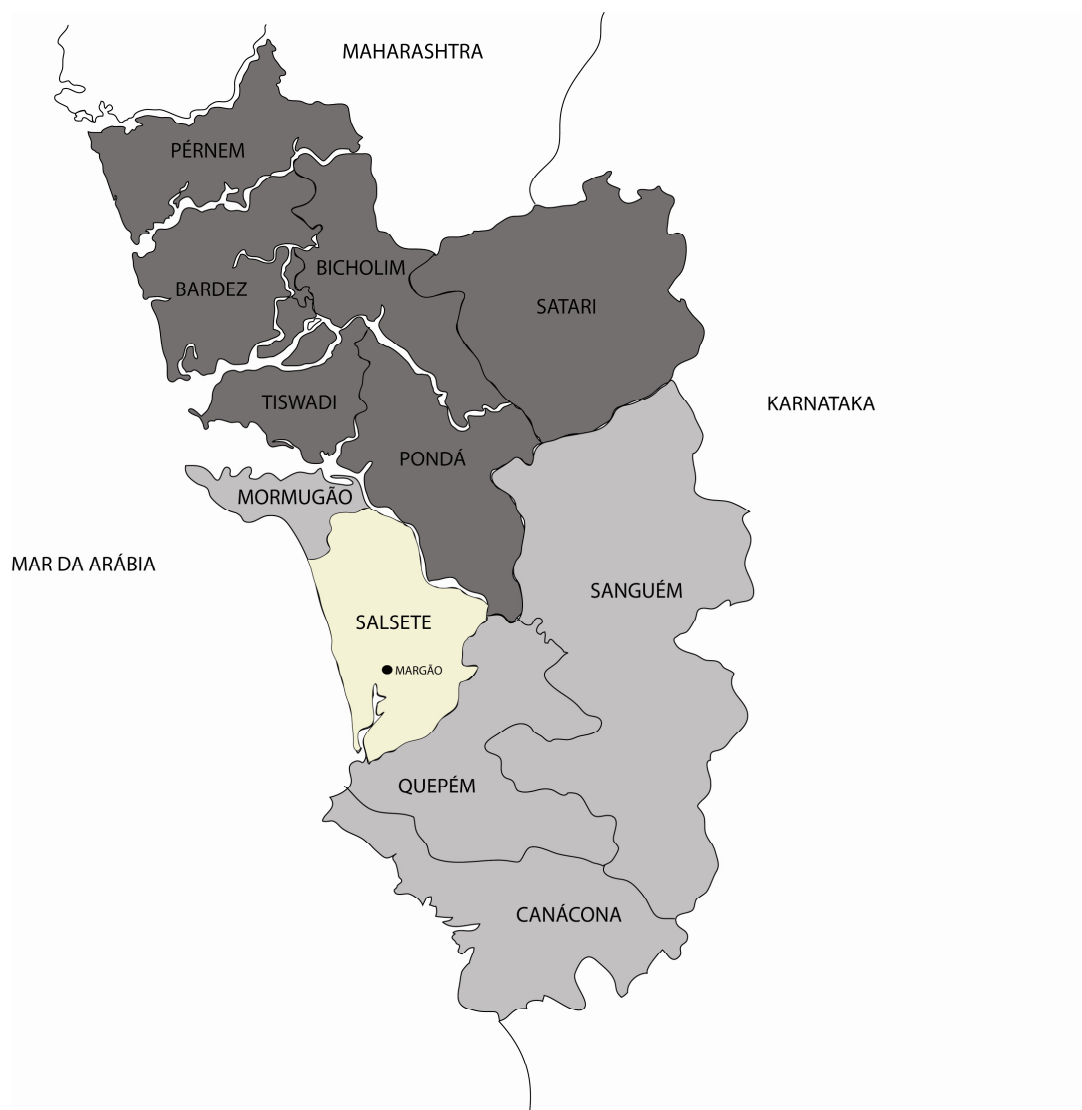


Figura 3

Mapa de Goa, distinguindo as 11 *talukas*

Assinalada a *taluka* de Salsete e a sede do distrito de Goa Sul - Margão

Legenda:
Goa Norte
Goa Sul
Goa Sul - Salsete



1.2. Marcas do Estado Português da Índia

Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia em 20 de Maio de 1498⁵³, marcado pela sua chegada a Calecute. Havia partido do Tejo no dia 8 de Julho de 1497⁵⁴, comandando a sua armada, composta por quatro navios⁵⁵; a nau São Gabriel, a São Rafael, a Bérrio e a caravela redonda de Aires Correia.

Os portugueses foram o primeiro povo europeu a estabelecer-se na Índia, tendo dado início a um novo período de relacionamento entre Ocidente e Oriente, acontecimento este de grande importância, tanto a nível nacional como internacional, daí ser designada de “Era gâmica”⁵⁶. Entre 1498 a 1591⁵⁷, foram os únicos a ingressar no mundo asiático, a economia portuguesa passou-se a estabelecer a partir da Rota do Cabo⁵⁸ partiram em busca de “cristãos e especiarias”, e permaneceram no território indiano cerca de 450 anos.

A abrangência do Padroado Português no Oriente⁵⁹, teve influência nas vertentes artísticas. Em 1558 a Sé de Goa foi distinguida como a metropolitana e primaz. A capital do Estado da Índia tinha instituições da administração central, tribunal de segunda instância, a Relação de Nova Goa e seis comarcas⁶⁰, a Procuradoria da Republica e quatro julgados municipais e a Matricula, órgão da superintendência militar. Correspondendo ao período

⁵³ ALBUQUERQUE, Luís de – *Os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989. p.136.

⁵⁴ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Urbanização e fortificação*. 1ª edição, Editor Publico, 2009. p. 9.

⁵⁵ «A armada que deixou o Restelo [...] era constituída por quatro navios não muito grandes, com uma tonelagem média que rondava os 100 tonéis. Os dois navios maiores, constituídos expressamente para esta viagem, eram as naus São Gabriel, de Vasco da Gama, que tinha por piloto Pêro de Alenquer, e a São Rafael, do seu irmão Paulo da Gama, que levava o piloto João de Coimbra. Um terceiro navio, denominado Bérrio, que poderia ser uma caravela reforçada, era capitaneado por Nicolau Coelho e tinha por piloto Pêro Escolar. Havia ainda uma nau com um suplemento de mantimentos, a qual era capitaneada por Gonçalo Nunes, cujo piloto poderia ser Afonso Gonçalves [...]» PINTO, Maria Helena Mendes; GARCIA, José Manuel; AAVV - *Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998. p. 24.

⁵⁶ “Era gâmica” É assim designada por alguns autores que referem o período da descoberta do caminho marítimo para a Índia, como uma época da História que proporcionou o início de grandes acontecimentos. ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” Matosinhos. Edições Quidnovi, 2006. p. 82.

⁵⁷ COSTA, João Paulo – *Portugal no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, volume II, pp. 158.

⁵⁸ «... [...] a abertura da Rota do Cabo tornou absoleta a via mediterrânea das especiarias e de outros produtos orientais de grande valia na Europa, cujas sub-rotas finalizavam nas cidades italianas, engrandecendo-as, especialmente Veneza, e que envolviam os portos do Mar Vermelho e do Golfo Pérsico, bem como os mercados do Cairo e de Damasco. [...] Até ao estabelecimento dos portugueses na Índia, a Europa atingia as especiarias e outros produtos orientais por outros caminhos”. ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*”... 2006. p. 82.

⁵⁹ O Padroado Português no Oriente foi instituído na época dos Descobrimentos «Este instituto jurídico tem a sua origem nos desejos de D. Duarte, que o Papa tivesse de obter a anuência do monarca português, para nomear os bispos e outras dignidades, para as terras conquistadas aos Mouros. Pela bula “Inter coetera”, de 13 de Março de 1456, foi efectivamente concedida à Ordem de Cristo a jurisdição espiritual sobre as terras conquistadas e descobertas, mas, relativamente à nomeação dos prelados, o Direito de Padroado só nasceu mais tarde, pela bula “Dum Fidel Constation”, dada a 7 de Junho de 1514, reforçando-se em 1534, com Paulo III, e sobretudo, quando a Coroa avoca a administração da Ordem de Cristo, em 1551. Sete anos volvidos, a sé de Goa foi elevada a metropolitana e primaz [...]» DIAS, Pedro - *Arte Indo-Portuguesa*: capítulos da história Almedina, Coimbra 2004. pp. 16-17.

⁶⁰ O Estado da Índia tinha seis comarcas «[...] Ilhas Bardez, Salsete, Bicholim, Quêpem e Damão [...]» SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume I, História Política – Casa Editora – Livraria Coelho, Nova Goa, 1925. p. 374.

glorioso do Padroado com a combinação de direitos, deveres e privilégios e a escolha dos prelados conforme acordado através da jurisdição espiritual sobre as terras conquistadas e descobertas.

Com o propósito de promover e regular as missões católicas, o Papa Gregório XV em 1622, impulsionou a Congregação da Propaganda da Fé ou Propaganda Fide⁶¹, espalhando a obra missionária pelo mundo, tendo-se instalado no Oriente em 1637⁶², visando limitar a acção do Padroado Português do Oriente, pondo em confronto Roma e Lisboa, destinada a debilitar as pretensões portuguesas, apoiando-se em padres goeses⁶³ e mais tarde em padres saídos do Seminário das Missões Estrangeiras de Paris. Também os missionários europeus são proibidos pelo seu governo de reconhecerem a autoridade do Padroado Português. Um dos sintomas de declínio político da coroa portuguesa no Oriente está ligado ao enfraquecimento do Padroado Português da Índia.

No dia 17 de Dezembro de 1961, a União Indiana invadiu⁶⁴ o território português do oriente, tendo as tropas portuguesas apresentado a sua rendição no dia 19 do mesmo mês. De 1961 a 1987, Goa, Damão e Diu constituíram um “Union Territory”, administrados a partir de Nova Deli, tendo este período terminado com a tomada de Goa por parte da União Indiana, em 1987. Goa passou a ser o 25º Estado da União Indiana.

A língua oficial é agora o concani, mas existem pessoas neste Estado que utilizam esporadicamente a língua portuguesa.

Durante a permanência dos portugueses no Estado Português da Índia, operaram-se marcas profundas no seio da sociedade Goesa, no que diz respeito ao ambiente social, cultural, linguístico⁶⁵, usos e costumes, o carácter religioso que ficou registado através de magníficas catedrais e igrejas, também se reflectiu na estrutura urbana, nomeadamente as primeiras construções militares de carácter defensivo, na arquitectura doméstica, na arte,

⁶¹ AA.VV., - *Os Papas de São Pedro a João Paulo II – A História da Igreja Católica protagonizada por 264 Pontífices*. Correio da Manhã, 2006. p. 224.

⁶² PINTO, Maria Helena Mendes – *Catálogo de Goa a Lisboa*. Lisboa: Europália, 1992. p. 15.

⁶³ OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996. p. 28.

⁶⁴ «... a União Indiana, com um exército de 50 mil homens, apoiado por forças aéreas e navais iniciou a Operação Vijaya, invadindo territórios defendidos por cerca de 3500 homens, mal armados [...] as tropas portuguesas renderam-se, ficando aprisionadas durante meio ano». Goa 1510. *Grandes Batalhas da História Universal*. Obra organizada e dirigida por Quidnovi. Matosinhos, 2003.p. 62-63.

⁶⁵ Foram tomadas medidas para implementar a língua e a cultura portuguesa em Goa «*Albuquerque após a sua entrada em Goa abriu escolas para a disseminação da cultura e língua portuguesa. A tarefa foi confiada aos missionários de várias Ordens religiosas [...] O conde de Alvor promulgou em 1684 um Alvará obrigando a todos aprender o português dentro de 3 anos. Em 1745 o Arcebispo D. Lourenço de Santa Maria emitiu uma Carta Pastoral obrigando a todos os nubentes aprender a ler e escrever Português antes de contrair o matrimónio. Também foram atribuídas bolsas de estudo aos que quisessem aprender a nova língua. [...] Após a Reforma Pombalina, o ensino em Goa teve grande apoio oficial*». BARROS, Joseph - *IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985. p. 33.

no mobiliário, na forma de vestir, na culinária, na dança, e na própria música regional, o mandó⁶⁶, que resulta de uma simbiose do fado, com os ritmos populares locais.

Neste momento, Goa é considerada uma das zonas mais turísticas⁶⁷ da Índia, tendo-se aí instalado as maiores cadeias de hotéis, consagrando zonas privilegiadas no litoral, atraindo os turistas pelo clima quente e seco durante o período de Outubro a Maio, também contribui a atracção pela beleza das praias, o exotismo do território a publicidade passada no âmbito oficial⁶⁸, a história, o património local em especial na Velha Goa, classificado pela UNESCO, em 1986, como património da humanidade.

1.3. A importância de Goa enquanto capital do Estado da Índia

Em 1 de Março de 1510, Afonso de Albuquerque, o primeiro governador da Índia, conquistou Goa, transformando-a na capital do império português no Oriente, detendo o poder de toda a costa indiana.

Goa foi eleita a capital do Estado da Índia⁶⁹ em 1530, pelo seu cunho geográfico, e pelas virtualidades militares, económicas e políticas, a cidade estabeleceu-se e prosperou a norte, na margem esquerda do Mandovi, por ser o estuário com melhores características defensivas. Relevante no aspecto político-administrativo e religioso, pois acolhia as sedes das congregações religiosas, também era a sede do governo a residência do vice-rei ou governador e de um grande número de altos cargos gerais e a habitação do bispo.

Goa ficou conhecida por Goa Dourada, devido ao património arquitectónico presente nas magníficas igrejas e palácios que são o testemunho do grande brilho alcançado durante a permanência dos portugueses no Oriente, também conhecida por Roma do Oriente⁷⁰, pelo facto de, em Goa estarem sediadas grandes congregações a partir de 1517⁷¹, como os

⁶⁶ «O mandó é assim comparável ao fado português, no qual a mulher do emigrante desabafa as suas preocupações e solidão [...] Canto folclórico popularizado em Salcete no século XIX. São composições líricas reflectindo a vida social da classe média e alta da população cristã de Goa». SOUZA, Teotónio R. de – *Goa. Roteiro Histórico – Cultural*, Lisboa, 1996. pp. 51 e 71.

⁶⁷ O turismo trouxe benefícios económicos, contudo também acarreta aspectos negativos relacionados com os prejuízos ambientais, causados pela proximidade dos grandes hotéis estarem instalados perto das praias. SOUZA, Teotónio R. de – *Goa. Roteiro Histórico – Cultural...* pp. 52 a 54.

⁶⁸ A publicidade passada no âmbito oficial como Goa sexualmente libertada. Em Goa os europeus são reconhecidos como “hippies”. IDEM-*Ibidem*, p. 52.

⁶⁹ «A expressão “Estado da Índia” designava no século XVI, não um espaço geograficamente bem definido mas um conjunto de territórios, estabelecimentos, bens, pessoas e interesses administrados, geridos ou tutelados pela Coroa portuguesa no Oceano Índico e mares adjacentes ou nos territórios ribeirinhos, do cabo da Boa Esperança ao Japão». COSTA, João Paulo Oliveira e – *O Império Português do Oriente*. 1.ª edição. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. p. 27.

⁷⁰ «Goa foi a verdadeira Roma do Oriente, já que na Europa, por razões idênticas, foi a Cidade Eterna que ditou as modas estáticas, durante tantos e tantos séculos». DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*. O Espaço do Índico. Lisboa, 1998. p. 10.

⁷¹ SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica* – volume II, História Arqueológica – Casa Editora – Livraria Coelho, Nova Goa, 1926. p. 2.

Franciscanos, os Dominicanos, os Agostinhos, a Companhia de Jesus, os Jesuítas, as Mónicas, os Carmelitas Descalços, os Teatinos, e os Hospitalários de S. João de Deus, no século XVIII juntaram-se os religiosos naturais de S. Filipe de Nery.

O Estado da Índia obteve um cunho particularmente urbano, tendo as autoridades incidido essencialmente no exercício dos órgãos da administração urbana. O exemplo das fortalezas, assentes no regime de capitanias e que variavam em complexidade, conforme a importância de cada uma, contribuíam para a segurança do comércio e das navegações, daí que as iniciais inquietações da corte se prendiam com a sua construção. As fortificações militares conduziram à criação em 1589 do cargo com a designação de “engenheiro-mor”⁷² da Índia, funções exercidas por arquitectos e engenheiros e relegados para um estatuto secundário⁷³.

1.4. O abandono da Velha Goa e a ida para Panjim

Goa é referenciada como tendo sido alvo de resplendor nos finais do século XVI, sendo reconhecida como a criação urbana colonial que melhor expressa o carácter dos portugueses, nas suas virtudes e defeitos. Jaime Cortesão⁷⁴ esclarece que a cidade se expandiu na margem esquerda do rio Mandovi pelo facto de ter características naturais mais defensivas. Faz paralelismos de semelhanças entre o estuário do Mandovi e o estuário do Tejo⁷⁵, embora Lisboa esteja assente na margem direita do Tejo e Goa na margem esquerda do Mandovi.

A Velha Goa era considerada uma cidade idêntica a qualquer cidade indiana, diferenciando-se apenas na Rua Direita, com muitos edifícios grandiosos de carácter religioso de raiz portuguesa, sobressaem as igrejas, também se distinguem os palácios, os edifícios civis e os recolhimentos do século XVII que dominam em Goa. Os portugueses fixaram-se na Velha Goa segundo uma divisão conforme a classe da população, por diversas

⁷² Este cargo já tivera outras designações, tais como “*mestre das obras destas partes da Índia*” e “*mestre das obras de Sua Alteza*”, tendo-se distinguido Afonso Madeira, nomeado em 1546. Já tinha havido outros mestres que trabalharam sob as ordens dos vice-reis e governadores, com funções iguais e com nomeação régia, destacando-se Tomás Fernandes, designado por Fernão Lopes de Cantanheda “*mestre das obras del-rei na Índia*”, também Francisco Pires, Leonardo Vaz, Inofre de Carvalho e Simão de Ruão, foram oficialmente “*mestres das obras reais da Índia*” mas o italiano João Baptista Cairato, foi denominado como “*engenheiro-mor*” e usufruindo de uma renda de duzentos cruzados de remunerados pela Fazenda do Estado da Índia. Foi chamado por Herádia na “*Declaração de Malaca*”, como o arquitecto-mor. DIAS, Pedro - *Arte Indo-Portuguesa: capítulos da história* Almedina, Coimbra 2004. p. 66.

⁷³ «...quando estão documentados vemos que esses homens tinham normalmente um estatuto secundário, não eram artistas de primeira plana da Europa». DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Artes decorativas e iconográficas*. 1ª edição, Editor Publico, 2008. p. 9.

⁷⁴ CORTESÃO, Jaime – *O Império Português no Oriente*. Lisboa. Edições Portugália, 1968. p. 243.

⁷⁵ Exemplificando com o «*Largo na foz entre o Cabo hoje chamado de D. Paula, e a ponta da Aguada na ilha de Bardez [...] a saliência de Pangim na ilha de Goa e as alturas dos Reis Magos na mesma ilha*». CORTESÃO, Jaime – *O Império Português no Oriente...* pp. 243-244.

zonas fixas, os vários grupos profissionais viviam numa área em conjunto, assim como os muçulmanos, estrangeiros, hindus e as prostitutas que viviam numa outra zona. Estava aqui fixada a “*sede do arcebispado e metropolitana primaz do Oriente desde 1557*”⁷⁶ e estavam presentes as várias ordens religiosas que se haviam estabelecido, como os Franciscanos, Dominicanos, Jesuítas e Agostinhos.

O abandono da Velha Goa deu-se nos fins da primeira metade do século XVII⁷⁷, os nobres e os governantes permutaram a Rua Direita e a Praça do Sabaio pelas imediações, como Ribandar, Panelim, e até Panjim ou até um pouco mais afastado, o motivo fundamental da saída da elite, excluindo o clero, está relacionado com o fornecimento de água impura provocada por uma política ineficaz de saneamento o que provocava o surgimento da cólera e a malária endémica⁷⁸ dizimando a população e tornando a urbe pouco aprazível. Já no final do século XVI havia sido atirado para o maior reservatório de água um elefante morto⁷⁹, contaminando solos e poços e contribuindo para o alastrar de epidemias.

O Conde de Alvor⁸⁰ alterou as instalações do governo para Mormugão, com a ideia de aí iniciar a nova capital, contudo este plano não pôde ser concretizado por ordem de Portugal. A ida definitiva do vice-rei para Panjim, deu-se no século XVIII, tornando-a oficialmente a capital, no ano de 1843. A Velha Goa ficou em ruínas, cercada por uma floresta que ia devastando as grandiosas igrejas, ficando quase exclusivamente habitada pelas ordens religiosas.

⁷⁶ CUNHA, Mafalda Soares da Cunha; MATOS, Artur Teodoro de; AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999. p. 61.

⁷⁷ DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*. Lisboa, 1998. p. 49.

⁷⁸ PEARSON, M. N. – *Os Portugueses na Índia*. Editorial Teorema, Lda., 1987. p. 159.

⁷⁹ «... foi lançado um elefante morto [...] dada a natureza porosa dos solos, a infiltração dos esgotos mais cedo ou mais tarde infectava os numerosos poços, pois aqueles eram tão rudimentares que mesmo os viajantes contemporâneos se lhes referiam com horror. [...] Assim é que durante o século XVII há notícia de repetidas epidemias, tendo havido em 1625 uma gravíssima peste, que quinze anos mais tarde reapareceu com virulência nunca vista». PENROSE, Boies – *Goa – Rainha do Oriente*. Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, p. 100.

⁸⁰ O Conde de Alvor e também 3º Marquês de Távora, Francisco de Assis e Távora foi nomeado em 1750 pelo Rei D. João V, como o 45º Vice-Rei da Índia, sucedendo no cargo a D. Pedro Miguel de Almeida Portugal, 1º Marquês de Alorna. MORAIS, Carlos Alexandre - *Cronologia Geral da Índia Portuguesa – 1498-1962*. Macau, Edições ICM, Instituto Rainha D. Leonor, 1993.

A Ilha e Cidade de Goa Metropolitana da Índia

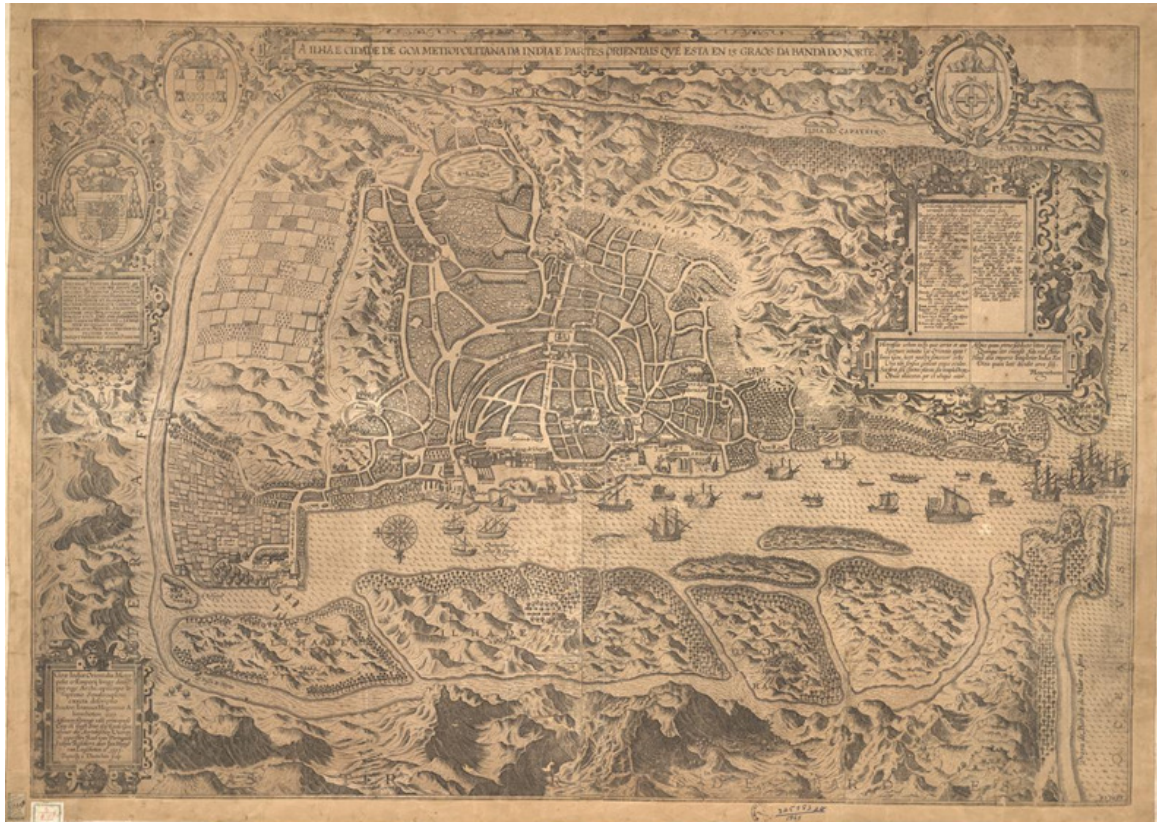


Figura 4

A Ilha e Cidade de Goa Metropolitana da India

Data: 1595

Mapa de Jan Huygen de Linschoten

(Fonte: http://www.wdl.org/pt/item/22/?qla=pt&countries=IN&institution=national-library-of-razil&view_type=gallery)

1.5. A sociedade civil de Goa e a conversão ao catolicismo dos Brâmanes e Chardós

A população de Goa era composta pelos reinóis⁸¹, pelos estrangeiros⁸² pelos mouros e pelos naturais, estes últimos que também eram denominados de canarins e estavam divididos em castas.

Casta⁸³ é uma expressão cunhada pelos portugueses para designar as diferentes divisões das famílias da Índia. Durante a vida o indivíduo permanece ligado à casta onde nasceu, sem qualquer hipótese de mudança, sendo o nascimento a condição para se definir uma dada posição. A sociedade das castas é marcada por uma forte rigidez na hierarquia social, baseada na hereditariedade de cada indivíduo. O filho teria a mesma profissão do pai e estão confinados a casarem-se com pessoas da mesma casta. Há quatro castas principais, os Brâmanes, os Chardós, os Vaixias e os Sudras. Os brâmanes assumiam a função de sacerdotes, chefes religiosos, intelectuais e estudiosos. Os chardós desempenham funções de chefia na política e na defesa militar sendo sobretudo uma classe de guerreiros. Os vaixias são nomeadamente os comerciantes os agricultores e os artesãos, por sua vez os sudras compõem a grande maioria sendo a grande falange dos servidores. Há um outro grupo, formado por um grande número de pessoas, que estão abaixo de todos os outros, sendo desprezados, e sem poder integrar qualquer casta, são designados de “intocáveis”⁸⁴ dalits ou pátrias.

Os brâmanes eram eficazes, e conhecedores da realidade local e os seus serviços possibilitavam o bom funcionamento do Estado Português da Índia, daí que eram claramente favorecidos pelos oficiais portugueses⁸⁵ e exerciam lugares de destaque na administração

⁸¹ «... “conhecidos pelos portugueses de Portugal”...». Uma das vias escolhidas pelos filhos segundos ou bastardos dos nobres portugueses, seria seguirem viagem para o Oriente, em sequência, do regime de morgadio. Pelo facto de serem nobres abria-se-lhes o caminho, sendo referenciados como os heróis das crónicas portuguesas na Ásia. Tinham na Índia a possibilidade de seguirem a carreira administrativo-militar e outras fases análogas, podendo percorrer o cargo de capitão de navio a capitão de armada e de fortaleza, e por vezes surgia a oportunidade de serem nomeados ao cargo de vice-rei. Durante o tempo que permaneciam na Índia, adoptavam a atitude de quem estava de passagem, contudo, nem sempre tal sucedia, até porque, por vezes acabavam por ficar a viver em Goa, outras vezes morriam durante este percurso. AAVV. – *Os Espaços de um Império- estudos. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999. pp. 60-61.

⁸² O grupo dos estrangeiros era constituído pela «...população oriunda de outras partes da Ásia ou até da Europa, [...] que, com permissão residia na cidade de Goa existia um “número infinito” de escravos oriundos das diversas regiões da Ásia, mas também da África, sobretudo da Oriental, vindos de Moçambique». CUNHA, Mafalda Soares da Cunha; MATOS, Artur Teodoro de; AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 61.

⁸³ Expressão casta em vez de varnas ou jāti «Casta é um termo que os portugueses introduziram e foi depois geralmente adoptado para designar as diferentes divisões de famílias na Índia. Eram primitivamente quatro». SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume I... p. 2.

⁸⁴ «Havia na Índia um número infundável destes desafortunados sem casta, que preenchiam as tarefas mais humildes e nojentas, que todos os outros recusavam fazer». ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” Matosinhos. Ed. Quidnovi, 2006. p. 90.

⁸⁵ «Numerosos oficiais portugueses colocavam-se do seu lado, afirmando que consideravam impossível gerir os negócios públicos e arrecadar as rendas da alfândega sem auxiliares preciosos, pois “os christãos eram muyto fracos e poucos”». ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” ... p. 88.

local, “[...] as populações indianas cristianizadas, sobretudo brâmanes e chardós, vão ser progressivamente chamadas a participar como verdadeiros súbitos do Rei, recebendo os mais variados privilégios, até de nobreza e Brasão de Armas”⁸⁶. Contudo, com o surgimento da Reforma Católica constatou-se um acréscimo de imposições que levavam à conversão do catolicismo, baseada numa maior intolerância em reconhecer outros modelos de culturas, marcados por “métodos coercivos de proselitização tais como «rigor da misericórdia», conversões forçadas, destruição de templos e imagens de divindades hindus... [...]”⁸⁷. Através do alvará régio em 1532, dava-se protecção aos convertidos oficializando o cargo de “*Peter christianorum*”⁸⁸, por outro lado, os canarins perseguiram aqueles que se haviam tornado cristãos, tentando que não se pudessem habilitar por herdeiros das suas casas. Por sua vez, pelas leis promulgadas entre 1555-1558⁸⁹, obtidas pela intercepção do padre Rodrigues, conseguiu-se que fossem estabelecidas importantes decisões no sentido de os “gentios” não poderem exercer cargos públicos, sendo estes necessariamente substituídos por pessoas convertidas, também se tomaram-se medidas de carácter oficial relativamente à proibição dos cultos locais, tais como o nascimento, casamento e morte.

Apesar de muitas decisões serem mal acolhidas pelas castas mais altas da sociedade goesa que por vezes, ameaçaram abandonar a cidade, muitas delas, acabaram por se converter ao cristianismo, como forma de não perderem os seus privilégios.

Ficou estabelecido que os brâmanes que se convertessem ao catolicismo, permaneceriam com os privilégios da sua casta, acrescentando-se ainda que gozariam das regalias dos cidadãos de Goa. O Padre Pêro de Almeida nomeado como o “*Pay dos cristãos*”⁹⁰, defendia-os e não consentia que contra eles, fossem praticadas injustiças. A conversão das famílias autóctones, levava a que se adoptasse um nome cristão “*e dos das famílias do reino*”⁹¹, também o desempenho de determinados cargos públicos originaram algumas mudanças, passando mesmo pelo vestuário e alimentação. Aquando da conversão de algumas importantes famílias brâmanes levava a que se fizesse um grandioso cerimonial,

⁸⁶ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Livros Quetzal S.A., Lisboa, 1995. B.M.S.M.F. Cota: 728 CARI-H p. 9.

⁸⁷ AZEVEDO, António do Carmo - *IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985. p. 29.

⁸⁸ ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” Matosinhos. Ed. Quidnovi, 2006. p. 87.

⁸⁹ ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” Matosinhos. Ed. Quidnovi, 2006. p. 88.

⁹⁰ Cargo para tratar de assuntos relacionados com a conversão, a fim de se concederem benefícios e protecção jurídica e também as normas sobre a vida religiosa. ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” Matosinhos. Ed. Quidnovi, 2006. p. 88.

⁹¹ BRITO, Joaquim Pais de; PEREZ, Rosa Maria; SARDO, Susana – *Histórias de Goa*. Fundação Oriente. Lisboa, 1997. p. 88.

realizando-se grandes festas, com corridas de touros, jogos de destreza e força, com prémios o que levava a serem bastante apelativos. Poderia ser atribuída uma tença às senhoras das castas mais altas que se convertessem ao cristianismo contra a vontade dos seus familiares, de forma a que, essa pensão, as ajudasse a viver com dignidade, sem terem que socorrer-se dos seus parentes. Assim, o número de cristãos foi aumentando, e consequentemente, novas igrejas foram erguidas e estabelecidas novas reitorias.

No século XVII foram dadas mercês e regalias a brâmanes⁹² convertidos ao Cristianismo, pelos bons serviços prestados, assim, foram-lhes concedidos títulos, como o de Cavaleiro Fidalgo e Carta de Armas, no entanto, também foram atribuídos privilégios a famílias hindus que contribuíram com a sua participação em delicados assuntos diplomáticos “... *Crisna Sinai, que, em 1646, é enviado para a corte do Sultão de Bijapour ... recebe directamente do Rei de Portugal privilégios especiais, entre eles o de poder residir em Goa ...*”⁹³. A partir de meados do século XVIII são atribuídos mais títulos às famílias autóctones convertidas ao Cristianismo, como o de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago da Espada, Escudeiro-Fidalgo e as mercês de Brasão de Armas, além de serem colocados em altos cargos da administração. Também a fundação de uma escola de oficiais em Goa, veio possibilitar às famílias o acesso a elevados cargos militares.

Afonso de Albuquerque, durante o seu governo de 1509-1515, de seis anos, promoveu os casamentos Inter-culturais, obrigando à atribuição de um dote pela parte da Fazenda Real aos oficiais e soldados portugueses que se dispusessem a contrair matrimónio com mulheres Indianas locais “*alvas e de bom parecer*”⁹⁴. Os portugueses relacionavam-se com as diferentes castas, sem fazerem grandes distinções, convivendo com os “intocáveis”, ficando assim, aos olhos das castas mais altas, “impuros” e também “intocáveis”, apreciavam qualquer mulher indiana sem dar ênfase à casta de proveniência, por sua vez os brâmanes e os chardós, não aceitavam os laços consanguíneos pretendendo a continuidade da pureza do sistema de castas, indeferindo qualquer ligação, daí que quando os nobres portugueses se aproximavam destas castas superiores, eram excluídos pelos parentes de contraírem casamento com estas mulheres, contudo esta elite goesa não deixou de absorver a cultura portuguesa.

⁹² «O complicadíssimo sistema de propriedade que se depara aos portugueses em Goa, a par de uma constante corrupção das autoridades portuguesas, levava à recorrência à classe de brâmanes convertidos que se distinguiam por um elevado comportamento ético e moral». CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Livros Quetzal S.A., Lisboa, 1995. B.M.S.M.F. Cota: 728 CARI-H. p. 76.

⁹³ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*... pp. 75-76.

⁹⁴ ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” ... p.6.

Se os portugueses casavam entre si, os filhos eram designados de “castiços”⁹⁵, se tivessem filhos de naturais teriam o nome de “mestiços”⁹⁶, este grupo é muito relevante, no sentido em que rivalizava com os brâmanes. Segundo Linschoten⁹⁷ os descendentes quando chegavam ao terceiro grau, já tinham feições de indianos.

⁹⁵ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 60.

⁹⁶ IDEM-*Ibidem*, p. 60.

⁹⁷ De origem holandesa, viveu em Goa de 1583 a 1588, tendo sido secretário particular do arcebispo D. Vicente da Fonseca. Através do contacto diário que estabeleceu em Goa com os portugueses e os autóctones, recolheu diversas informações e gravuras, as quais expôs na sua obra, o *Itinerário*, publicado em Amesterdão em 1596. Também constam 36 gravuras coloridas que faziam parte da versão original presente na Biblioteca Real de Haia e no Museu Marítimo em Roterdão. LINSCHOTEN, Jan Huyghen Van – *Itinerário, Viagem ou navegação de ...* (1ª edição 1596), edição de Arie Pos & Rui Loureiro. Lisboa, 1997.

2. A Arquitectura Doméstica dos Cristãos da *Taluka* de Salsete - Goa

2.1. Referências às Primeiras Construções Habitacionais dos Portugueses em Goa

Os portugueses quando chegaram a Goa adoptaram, para habitar, construções já existentes⁹⁸ e só mais tarde construíram as suas próprias casas. De início os nobres, pela circunstância de serem em número reduzido e estarem temporariamente em Goa no desempenho de cargos determinados pela Coroa, não tinham necessidade de construir casas de raiz, viviam dentro das fortalezas⁹⁹. As primeiras construções de residências portuguesas devem a sua origem a Afonso de Albuquerque, através da sua política de casamentos mistos, assim, os *casados* tiveram necessidade de se fixarem e terem a sua própria residência.

As primeiras grandes casas, quintas de recreio e palácios construídas ao longo do Mandovi denunciavam a época esplendorosa dos portugueses, através de um conjunto arquitectónico de grandiosa notoriedade. Hoje apenas existem alguns raros exemplos mais tardios, contudo, permanecem as descrições dos viajantes e historiadores e também alguns testemunhos gráficos, como os de Huyghen Van Linschoten, Lopes Mendes¹⁰⁰, a colecção de Alpoim Galvão e as fotografias do século XIX de Paul and Sousa.

Temos a alusão¹⁰¹ ao palácio dos arcebispos, classificado como um edifício despojado de ornamentação, grandioso na dimensão, tratando-se de um edifício sobradado com o andar superior de razoável altura, daí ser bem ventilado, e composto de compartimentos elegantes, amplos e alegres. Também temos a referência a vários edifícios civis, do qual consta o palácio dos vice-reis, assim como o Palácio de Recreio dos vice-reis situado em Daugim de Cima, onde passavam períodos de folga, era um edifício alto de três pavimentos, com algumas dependências térreas e jardim com vista para o rio Mandovi, também por aqui existiam alguns solares de fidalgos. O Palácio de Pangim, havia sido a fortaleza de Adil-Khan, Pyrard referiu-se a este palácio: “*Há nesta fortaleza bons aposentos, que formam um belo palácio e cómodo...*”¹⁰², o Conde de Ega em 1759 foi o primeiro vice-rei a habitar aqui, e assim continuou com os seus sucessores até 1918.

⁹⁸ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo - Índia - Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ª edição, Editor Publico, 2009. p. 48.

⁹⁹ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia - Arquitectura Civil e Religiosa...*p. 48.

¹⁰⁰ Lopes Mendes esteve na Índia Portuguesa durante nove anos, tendo desempenhado cargos ao serviço do conselheiro Mendes Leal, então ministro e secretário de estado dos negócios da marinha e ultramar de várias comissões oficiais. Durante o período de horas livres recolheu informação que expôs numa edição de dois volumes, movido pelo desejo de ser útil ao país que para além da escrita perpetua através dos desenhos que delineou dos monumentos que considerou serem gloriosos e que testemunhavam a grande eloquência dos portugueses na Índia e que naquela altura estavam em ruínas. MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, Volume I. Fundação Oriente, 1992. p. 175.

¹⁰¹ SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa - Política e Arqueológica*. Volume II, História Arqueológica – Casa Editora – Livraria Coelho, Nova Goa, 1926.

¹⁰² SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa - Política e Arqueológica*. Volume II... pp. 173-174.

Helder Carita¹⁰³, identifica dois ciclos na arquitectura civil Indo-portuguesa, o primeiro ciclo, relativo às construções das residências por parte dos colonos portugueses, a que designa arquitectura colonial e o segundo ciclo, relativo às construções de habitações por parte das famílias autóctones, brâmanes e chardós a qual designa de arquitectura indo-portuguesa. Apesar de considerar que ambos os ciclos são indo-portugueses, não deixa de frisar que o são, mas com ênfases diferentes.

Na primeira metade do século XVII¹⁰⁴ os nobres portugueses, proprietários das grandiosas casas e palácios, em virtude das pestes e da crise económica que assolaram Velha Goa, foram abandonando-as, “vão retirar-se progressivamente para outros lugares do império (...) estes grandes palácios não são reapropriados pelas classes privilegiadas de origem goesa, acabando a sua maioria em ruínas”¹⁰⁵. Os palácios portugueses, as quintas de recreio do século XVIII¹⁰⁶ que haviam sido construídas ao longo do Mandovi para a nobreza portuguesa que se fixara em Goa, com novas tendências estéticas, oriundas de Portugal, com a introdução do barroco, os quais de haviam aguentado durante o período de declínio, foram demolidos no século XIX por se tornar inexequível o restauro. Os brâmanes e os chardós não ocuparam as grandes casas nobres portuguesas pela diferença de hábitos e pureza de sangue¹⁰⁷. Alguns nobres portugueses regressaram a Portugal, outros partiram para outros locais do império. Partiram da Índia, os Condes de Nova Goa que haviam tido residência em Panjim, os Melo Sampaio com morada em Santa Inês nas proximidades de Panjim, os Almeida e os Melo. Assim, “as grandes famílias autóctones retiraram-se para as províncias de Bardez e Salcete, onde possuíam terras ou ligações familiares que detinham privilégios nas comunidades das aldeias”¹⁰⁸.

As casas que iremos analisar inserem-se numa segunda fase¹⁰⁹, num período compreendido entre o final do século XVII até ao final do século XIX, limitado à *taluka* de Salsete, cujos proprietários são os brâmanes e os chardós convertidos ao catolicismo. Focamos duas tipologias de arquitectura doméstica, a casa pátio e a casa sobrado.

¹⁰³ CARITA, Helder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* pp. 11-13.

¹⁰⁴ DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*. Lisboa, 1998, p. 49.

¹⁰⁵ CARITA, Helder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 73.

¹⁰⁶ IDEM-*Ibidem*, p. 101.

¹⁰⁷ IDEM-*Ibidem*, p. 73.

¹⁰⁸ IDEM-*Ibidem*, p. 78.

¹⁰⁹ Conforme a classificação de Helder Carita que identifica um segundo ciclo, relacionado com as construções de arquitectura residencial por parte das famílias autóctones, brâmanes e chardós a qual designa de arquitectura indo-portuguesa, apesar de frisar que este ciclo, assim como o anterior são ambos indo-portugueses. IDEM-*Ibidem*, pp. 11-13.

2.2. Taluka de Salsete: Algumas Notas

As grandes ordens religiosas ficaram sediadas em Goa, a província de Bardez ficou reservada aos Franciscanos, e na província de Salsete ficaram estabelecidos os Jesuítas¹¹⁰, que procederam à construção de grandes edificações com mão-de-obra local. Salsete faz parte das regiões das Velhas Conquista, foi adquirida em 1543 compreende cidades e várias aldeias, destacando-se nesta *taluka* Assolnã, Betalbatim, Calata, Cansaulim, Carmonã, Chandor, Chicalim, Chinchinim, Curtorim, Benaúlim, Coelim, Colvã, Cortalim, Cuncolim, Curtorim, Guirdolim, Loutulim, Majordã, Margão, Mormugão, Nagoá, Navelim, Orlim, Rachol, S. Tomé São, Saneale, Seraulim, Utordá, Varcã, Velsão e Vernã. A cidade de Margão¹¹¹ é considerada a segunda maior de Goa, a sede do distrito de Goa Sul, valorizada pelo seu centro administrativo e económico e um importante entreposto comercial, direccionado ao escoamento dos produtos pesqueiros e agrícolas, contribuindo para esse efeito a estação ferroviária a 2 km de Margão. Também aqui estão situados alguns monumentos antigos, como a Igreja do Espírito Santo junto ao Colégio Jesuíta de Todos os Santos e várias casas apalaçadas de estilo colonial, algumas sobradadas, mas na sua maioria só com um pavimento, das quais sobressai o alpendre.

A paisagem é ampla, com exuberantes arrozais verdes e lagos serenos, também brotam as trepadeiras de pimenta preta, folhas de bétule, árvores de fruto, como coqueiros, tamarindeiros, mangueiras, jaqueiras e as arecas. Florescem as árvores de flores cheirosas, os arbustos de mogrim e zui. Também são comuns as árvores de fruta-pão, ananás, plantações de bananas, plantas de especiarias, como a canela e a noz-moscada. A exportação dos produtos tradicionais já se faz há longo tempo, tal como o coco o óleo de coco a fruta o sal e o peixe, contudo a partir de 1955¹¹² o minério bruto, como o ferro e manganês têm sido os principais produtos exportados, sendo uma auspiciosa receita de lucros para os seus proprietários privados e com benefícios para o Estado¹¹³ através dos impostos e por sua vez contribuindo para a promoção de postos de trabalho.

¹¹⁰ «A península de Salsete pertenceu aos jesuítas, que em 1553 entraram em Cortalim, onde o Pe. Pêro Mascarenhas celebrou pela primeira vez, a 1 de Maio desse ano, o santo sacrifício da missa, dedicando-a à conversão de Salsete [...]». SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume II... p.31.

¹¹¹ «Margão é a capital da província, elevada por alvará de 12 de Junho de 1799, à categoria de vila, para onde foram transferidos de Rachol os estabelecimentos e repartições públicas». SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume I...p. 376.

¹¹² SOUZA, Teotónio R. de – *Goa. Roteiro Histórico – Cultural*...p. 35.

¹¹³ A indústria do minério bruto, através das exportações promove ao Estado uma receita de 10%. IDEM-*Ibidem*, p. 35.

A principal ocupação desde sempre é a agricultura, fornecendo o sustento essencial da população¹¹⁴. Os goeses têm como dieta alimentar o peixe, o caril e o arroz, a partir das palmeiras e dos cajueiros produzem as aguardentes¹¹⁵. A indústria pesqueira era quase inexistente até 1961, devido ao facto de o pescado ser vendido directamente aos conventos, daí que o Senado da Câmara de Goa ter emitido uma postura, na qual obrigava os pescadores a venderem o peixe nos mercados, de forma a que ficasse acessível a todos, neste momento os peixes mais consumidos são a cavala e a sardinha, por sua vez os caranguejos e os camarões vão directamente para os hotéis de cinco estrelas.

Os padres jesuítas influenciaram os estudos superiores¹¹⁶ das famílias brâmanes e chardós, os quais se preocuparam em transmitir essa preparação aos seus filhos. Nos finais do século XVIII temos indicação de estudos de Medicina no Hospital Real e em 1844 a fundação oficial da Escola de Medicina. Para outras formações superiores, poderiam partir para Portugal ou para as universidades de Bombaim ou Londres.

A falta¹¹⁷ de fontes documentais e monográficas relativas à *taluka* de Salsete, não possibilita determinar elementos precisos sobre o processo urbano, contudo, Hélder Carita atesta que “*A partir de meados do séc. XVI os jesuítas implementam em diversas aldeias de Salsete um conjunto de processos de urbanização que irão ter fortes repercussões no urbanismo e na imagem deste território*”¹¹⁸, embora também refira a complexidade de absorções recíprocas dos modelos importados pelos jesuítas, os quais terão sido submetidos e adaptados à vivência local, relacionados com o clima e com a tradição urbana bastante sólida de vários séculos.

Alguns padres Jesuítas tiveram uma formação de tradição arquitectónica, tendo estado ligados a grandes obras durante vários anos. Carita¹¹⁹ sugere-nos que talvez tenha sido um padre o arquitecto da Casa Santana da Silva, referindo-se possivelmente a um dos três

¹¹⁴ A agricultura continua a ser a principal ocupação, e o sustento da população, apesar dos sérios prejuízos causados nos diques de protecção dos arrozais contra as águas salgadas, os quais são provocados pelas barcaças que transportam o minério. IDEM-*Ibidem*, p. 37.

¹¹⁵ Os aguardentes produzidos pelos goeses são «(Urraca, cajal e feni) que os confortam nas suas vicissitudes e os acompanham nas alegrias da vida » IDEM-*Ibidem*, p. 34.

¹¹⁶ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 185.

¹¹⁷ CARITA, Hélder – *Novos aldeamentos jesuítas na Índia nos finais do séc. XVI e inícios XVII - Ensaios, confrontos e mutações*. Colloque International – *Terrains Coloniaux – Architecture et Urbanisme*. Centre Culturel Calouste Gulbenkian, Paris, 2004. p.2.

¹¹⁸ CARITA, Hélder – *Novos aldeamentos jesuítas na Índia nos finais do séc. XVI e inícios XVII - Ensaios, confrontos e mutações...* p.1.

¹¹⁹ «Se na altura da construção do palácio os Padres da Companhia já tinham sido expulsos de Goa, é natural que tenham deixado uma escola capaz de articular os pressupostos culturais da tradição goesa num projecto de inequívoca qualidade estética» Na opinião de Hélder Carita o arquitecto da Casa Santana da Silva revela um apurado conhecimento de arquitectura religiosa, perceptível pelo efeito de luminosidade criado através de duas janelas atrás do altar na capela. CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* pp. 126-127.

padres Jesuítas nomeados sucessivamente, sendo o Padre Theotónio de Rebello, o Padre Ignácio de Almeida e o Padre Manuel Carvalho.

Os Jesuítas também contribuíram para o aperfeiçoamento na qualidade do desenvolvimento de novas espécies de plantas, melhoraram a produção de arroz nas aldeias de Salsete, assim como promoveram a difusão de árvores de teca, pela necessidade que tinham de boa madeira para a construção das igrejas na área circunscrita à sua província. Durante a permanência dos portugueses no Estado da Índia, nem sempre estes zelaram pela protecção das árvores de Goa, a população tentou proteger a floresta e reclamou contra essas infracções ambientais, dirigindo-as ao Monarca de Portugal através da Câmara Agrária de Salsete¹²⁰. O Conde de Alvor e mais tarde o Marquês do Pombal¹²¹ tomaram uma atenção particular nessa matéria, tendo decretado medidas de protecção ambientais.

¹²⁰ Na nota de protesto dirigida ao monarca de Portugal «[...] dizia num post-scriptum que “o vice-rei Pero da Silva deu uma empreitada para a reparação de uns galeões que se queimaram na barra (em combates navais com os Holandeses) e permitira aos empreiteiros que cortassem as jaqueiras e outras árvores rendosas de Salcete, como se cortaram em muita quantidade”. Pediam ao monarca que passasse uma provisão para que no futuro os vice-reis e ministros do Estado não pudesse cortar árvores de fruto das ditas terras [...]» SOUZA, Teotónio R. de – Goa. *Roteiro Histórico – Cultural*...p. 42.

¹²¹ O Marquês do Pombal criou a “Intendência Geral da Agricultura em 1776” em 1834 alterado com a fundação da “Administração das Matas de Goa e Nagar Aveli”, em 1912 foi criada a “Direcção dos Serviços Agrícolas e Florestais”, tendo este departamento mudado de nome para “Direcção de Serviços Agrícolas, Florestais e Pecuária”. Em 1958 este departamento foi junto ao das Minas passando a designar-se “Direcção dos Serviços da Economia”. IDEM-*Ibidem*, p. 43.

Levantamento das casas visitadas na *taluka* de Salsete - Goa

Tipologia de Casas Cristãs visitadas na <i>taluka</i> de Salsete - Goa		
Localidades	Casa Sobrado	Casa Pátio
Assolná	—	3
Benaulim	—	7
Chandor	2	2
Chinchinim	—	2
Curtorim	—	9
Guirdolim	—	1
Loutolim	3	3
Margão	8	13
Nagoá (Verná)	1	4
Orlim	—	1
Raia	—	5
Sinquetim Navelim	—	1
Verná	2	2
Total	16	53

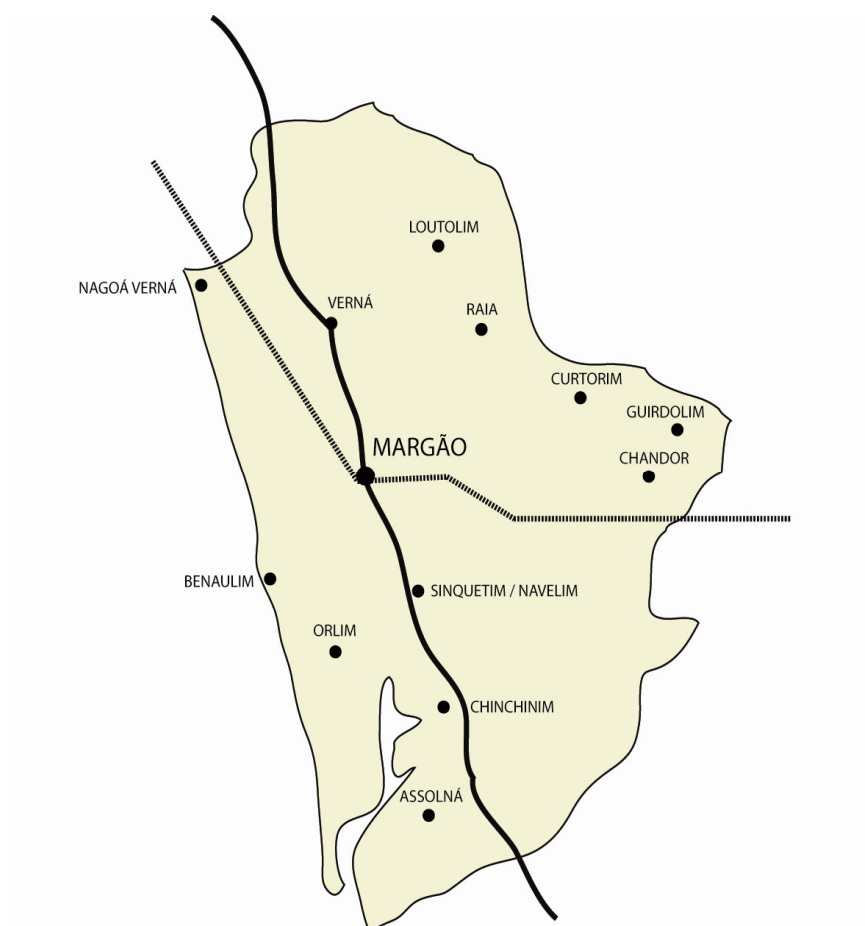




Figura 5
Mapa da *taluka* de Salsete

Legenda:
 Caminhos-de-ferro 
 Estrada principal 

2.3. A Caracterização Morfológica das Casas Cristãs das Elites de Salsete

2.3.1. Muros e Portões de Entrada

Constatamos que na *taluka* de Salsete existe um maior número de residências sobradadas, propriedade das elites de Goa que se encontram em bom estado de conservação¹²². Aferimos que o maior número de casas sobrado se concentra em Margão, a sede do distrito de Goa Sul, estando normalmente acessíveis, sem muro, à face da rua¹²³, ou, por vezes, surgem com um pequeno muro¹²⁴ a separar a casa da via pública. Fora do grande centro, esta tipologia apresenta-se com um jardim murado e por vezes com um portão a separar o acesso à casa¹²⁵. Apuramos que o mesmo se passa com a tipologia casa-pátio, encontram no centro de Margão, com maior regularidade à face da rua sem qualquer vedação¹²⁶ e em menor escala encontramos aí casas-pátio com um pequeno muro¹²⁷ a separar a via privada da via pública. Já nas pequenas cidades, vilas e aldeias do concelho de Salsete, encontramos com mais frequência os jardins, limitados por muros e portais a anteceder a entrada na casa¹²⁸, esses muros são de alvenaria¹²⁹ apresentam-se muitas vezes caiados de branco e para além da sua função de limitar o espaço privado da residência, os muros são normalmente baixos e ornamentados com balaústres denotando uma expressão decorativa no seu tratamento apresentando pequenas colunas ou pilares, também encontramos os motivos geométricos e estruturas vazadas. Nas extremidades surgem colunas ornamentadas

¹²² Veja-se no II volume Apêndice F – Gráfico sobre o Estado de Conservação das casas, p. 107.

¹²³ Conforme poderemos comprovar encontramos na cidade de Margão, casas sobrado sem muro à face da rua, os exemplos: a casa Aureleano Miranda n.º 6, a casa dos Monte da Silva n.º 10, a Casa dos Soares n.º 13. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Sobrado, pp. 11-14.

¹²⁴ Casas sobrado em Margão que apresentam um pequeno muro a separar a via privada da via pública, por exemplo: as casas Francisco Colaço n.º 8, Mariano Álvares n.º 9, Santana da Silva n.º 11 e Silva Coelho n.º 12. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Sobrado, pp. 12-13.

¹²⁵ Encontramos outros exemplos, de casas sobradas com muro exemplificamos em Chandor, na Casa dos Bragança n.º 1 e a casa Fernandes n.º 2. Há outras residências da mesma tipologia com um jardim murado a separar o acesso à casa, conforme poderemos verificar em Loutolim na casa dos Miranda n.º 4, a casa Roque Caetano Miranda n.º 5 e na casa de Inácio Monteiro n.º 3, também em Nagoã-Verná a casa dos Cabral n.º 14 e em Verná a casa Araújo n.º 15. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Sobrado, pp. 10-15.

¹²⁶ Distinguimos alguns exemplos de casas-pátio à face da rua sem vedação, em Margão a casa Emílio Colaço Álvares n.º 35, a casa Barreto Xavier n.º 30, a casa Costa n.º 33 e a casa Lourenço n.º 37. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio, p. 30-33.

¹²⁷ Como na casa dos Colaço n.º 32, casa Desidério Meneses n.º 34 e casa Gambeta da Costa n.º 36. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio, pp. 31-32.

¹²⁸ Assinalamos em em Assolná a casa do Dr. Tito Vaz n.º 2 e o Solar dos Monteiro n.º 3, em Benaulim as casas Eugénio Mesquita n.º 6 e a casa Maia Barreto n.º 8 e a casa Pereira n.º 10, em Chandor a Vivenda Fernandes n.º 12, em Chinchim a casa Loyola Furtado n.º 13 e a casa Tovar Dias n.º 14, em Curtorim a casa Meneses n.º 21, em Loutolim a casa Antonieta Figueiredo n.º 25, a casa Figueiredo n.º 26 e a casa Gracias n.º 27, em Orlim a casa Dr. José Inácio Loyola n.º 45, em Raia a casa Faleiro n.º 47, em Sinquetim – Navelim a casa Furtado n.º 51 e em Verná a casa José Filipe Abranches n.º 53. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio, pp. 21-38.

¹²⁹ “[...] muros de alvenaria caiados de branco asseguravam a geometria dos quarteirões e a coerência formal das morfologias urbanas. [...] Em termos de materiais de construção, a região de Goa não dispunha de pedra de boa qualidade. Esta falta é superada pela utilização de adobes tradicionais e uma pedra porosa e leve: a laterite. Os adobes eram utilizados nas construções mais populares, sendo os edifícios mais eruditos de laterite”. AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 85.

com volutas, folhas de acanto, pináculos, pirâmides e outros motivos vegetalistas e ainda o recurso decorativo dos animais guardiões¹³⁰. Ao centro, apresentam-se os portões¹³¹, normalmente baixos em ferro fundido.

2.3.2. A Fachada

Vasconcelos Quintão, define a fachada “*etimologicamente vindo do italiano, faccia, significa a cara do edifício, constituindo o elemento mais mediático de toda a construção*”¹³². Tratando-se de um resultado final, produto de uma acção desenvolvida por um projectista, ficando acessível à contemplação visual de todos.

As casas construídas pelas famílias autóctones, brâmanes e chardós convertidas ao cristianismo apresentam duas tipologias, a casa pátio e a casa sobrado, sendo naturalmente reconhecidas, pela arquitectura da fachada principal, onde se desenvolve a organização dos componentes construtivos e ornamentais.

Manuel Joaquim Moreira da Rocha, refere a propósito da fisionomia da arquitectura habitacional como “*um espaço de representação de valores, princípios, formas de estar e agir, de pensamentos e ideologias, das pessoas em função das quais foi produzida (...) é um reflexo da personalidade dos seus proprietários frente aos visitantes*”¹³³. Destacamos as particularidades decorativas patentes nas fachadas destas casas, enaltecidas pelos várias tipos de janelas, e enobrecidas pelos alpendres, escadarias, gradeamentos, guardas de varanda, pilastras e colunas. A fachada das casas pátio apresentam-se com um único piso sendo na sua grande maioria de composição simétrica e com uma organização tripartida, enquanto que, as casas sobrado são constituídas por um andar térreo e um primeiro andar, compostas usualmente por um grande corpo rectangular.

As casas das elites cristãs de Goa têm na maioria das vezes a fachada virada a norte, nordeste ou noroeste, verificamos que nestas casas sobressaem os volumes horizontais, sendo no frontispício que permanece a maior intensidade decorativa e os restantes alçados (laterais e posterior) apresentam-se mais austeros.

¹³⁰ “[...] símbolos, como o boi-viril, a cobra-fértil, o crocodilo, o leão, o cavalo, a vaca, a águia, ou mesmo desenhos geométricos, mais para o final do império, constituem parte da gramática decorativa da arte deste reino”. SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p.77.

¹³¹ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Portões de entrada, p. 41.

¹³² QUINTÃO, José César Vasconcelos – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico – Uma Sistematização Classificativa*. FAUP, Porto, 2005. p. 34.

¹³³ ROCHA, Manuel Moreira da – *A Memória de um Mosteiro – Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX) Das Construções e das Reconstruções*. Biblioteca das Ciências Sociais, Edições Afrontamento, 2011. p. 287.

Identificação das casas cristãs visitadas na *taluka* de Salsete – Goa

Tipologia de casa sobrado

n.º	localidade	nome da casa
01	Chandor	Casa dos Bragança
02	Chandor	Casa Fernandes
03	Loutolim	Casa Inácio Monteiro
04	Loutolim	Casa dos Miranda
05	Loutolim	Casa Roque Caetano Miranda
06	Margão	Casa Aureleano Miranda
07	Margão	Casa Colaço
08	Margão	Casa Francisco Colaço
09	Margão	Casa Mariano Álvares
10	Margão	Casa Monte da Silva
11	Margão	Casa Santana da Silva
12	Margão	Casa Silva Coelho
13	Margão	Casa dos Soares
14	Nagoã (Verná)	Casa Cabral
15	Verná	Casa Araújo
16	Verná	Casa Grisóleo Gama

Identificação das casas cristãs visitadas na *taluka* de Salsete – Goa

Tipologia de casa pátio

n.º	localidade	nome da casa
01	Assolná	Casa Almeida
02	Assolná	Casa Tito Vaz
03	Assolná	Solar dos Monteiro
04	Benaulim	Casa Alfredo Mesquita
05	Benaulim	Casa Araújo
06	Benaulim	Casa Eugénio Mesquita
07	Benaulim	Casa Fidelis Pereira
08	Benaulim	Casa Maia Barreto
09	Benaulim	Casa Fernandes Mesquita
10	Benaulim	Casa Pereira
11	Chandor	Casa Cota Cruz
12	Chandor	Vivenda Fernandes
13	Chinchinim	Casa Loyola Furtado
14	Chinchinim	Casa Tovar Dias
15	Curtorim	Casa Ângelo da Costa
16	Curtorim	Casa Pimenta
17	Curtorim	Casa Carminho Costa
18	Curtorim	Casa Cosme Matias Meneses
19	Curtorim	Casa Costa
20	Curtorim	Casa Paulito Meneses
21	Curtorim	Casa Meneses
22	Curtorim	Casa Veiga
23	Curtorim	Casa Viegas Peres
24	Guírdolim	Casa Gomes
25	Loutolim	Casa Antonieta Figueiredo
26	Loutolim	Casa Figueiredo
27	Loutolim	Casa Gracias
28	Margão	Casa Abel Colaço
29	Margão	Casa Álvares

Identificação das casas cristãs visitadas na *taluka* de Salsete – Goa

Tipologia de casa pátio

n.º	localidade	nome da casa
30	Margão	Casa Barreto Xavier
31	Margão	Casa Barreto e Noronha
32	Margão	Casa dos Colaço
33	Margão	Casa Costa
34	Margão	Casa Desidério Meneses
35	Margão	Casa Colaço Álvares
36	Margão	Casa Gambeta da Costa
37	Margão	Casa Lourenço
38	Margão	Casa Meneses
39	Margão	Miranda
40	Margão	Casa Quadros
41	Nagoã - Verná	Casa Carlos Noronha
42	Nagoã - Verná	Casa Vasco Figueiredo
43	Nagoã - Verná	Lar Soter da Gama
44	Nagoã - Verná	Solar Machado
45	Orlim	Casa José Inácio Loyola
46	Raia	Casa Vicente Costa
47	Raia	Casa Faleiro
48	Raia	Casa Parras
49	Raia	Casa Vaz
50	Raia	Casa Viegas
51	Sinquetim - Navelim	Casa Furtado
52	Vernã	Casa Augusto José da Gama
53	Vernã	Casa José Filipe Abranches

2.2.2.1. Alpendres

O alpendre centraliza a atenção decorativa das fachadas das casas pátio. Em Goa, este elemento é geralmente referenciado como balcão. Definimos alpendre como um espaço coberto e saliente de um edifício, podendo ser sustentado por pilares quadrangulares ou colunas circulares, onde normalmente se abre o patamar da escadaria com acesso à casa. Hélder Carita classifica o alpendre como “...o elemento mais característico da fachada da casa de pátio...”¹³⁴, considerando-o como um elemento evolutivo da arquitectura indo-portuguesa¹³⁵ e de origem portuguesa, apoiado na documentação dos antigos palácios de Goa dos séculos XVI e XVII, como os palácios dos Vice-Reis e dos Arcebispos, tendo estes, sido dotados de alpendres, referindo-se ainda à “*função social de enquadramento cenográfico aos aparatosos rituais desenvolvidos pelos portugueses na Índia*”¹³⁶.

Constatamos que a Casa Silva Coelho¹³⁷ é um dos poucos exemplares que temos de casa sobrado com alpendre no rés-do-chão, formado pelo próprio varandim superior. Também a Casa dos Bragança¹³⁸ em Chandor nos apresenta uma estrutura semelhante em forma de alpendre no piso térreo, caracterizado por ser um corpo saliente em relação à fachada, é ladeado por duas consistentes pilastras, formando um arco de volta inteira, estabelecendo-se um contacto visual com a porta da entrada, de verga recta. No seu interior, compreende uma estrutura de escadas com dois lances que culminam num patamar, por sua vez, virada para o exterior, no andar nobre, a encimar a porta da entrada destaca-se uma janela de sacada que apresenta um telhado autónomo. Essa janela encontra-se ladeada por duas pilastras lisas e salientes que sustentam o entablamento, esta composição é rematada por um frontão triangular¹³⁹ contendo pináculos nas suas extremidades, encontrando-se pintado de branco, em conformidade com a cor da casa.

A Casa Loyola Furtado¹⁴⁰ em Chinchinim de tipologia de Casa Pátio, apresenta dois alpendres, arquitectados de forma diferente, destaca-se o principal, mais antigo, sendo aberto através de uma larga escadaria de acesso e ladeado por colunas, verificamos que

¹³⁴ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 165.

¹³⁵ Hélder Carita refere que para além do alpendre apresentar uma componente indo-portuguesa “*não pode deixar de ser pensado igualmente como uma forte componente da génese do chamado bungalow, divulgado por todo o Império Britânico no século XIX. Também no Brasil, num quadro de influência franciscana e carmelita, as tipologias de casas grandes e de engenho, com alpendres e varandas corridas, poderão encontrar uma origem nesta tipologia que dera mostras de capacidade de adaptação em zonas de clima tropical*”. AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 88.

¹³⁶ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 166.

¹³⁷ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Sobrado casa n.º.12. p. 13.

¹³⁸ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Sobrado casa n.º.01 p. 10.

¹³⁹ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Frontões, p. 50.

¹⁴⁰ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Alpendres, p. 42.

este alpendre é composto por um andar superior, arrematado por uma varanda com um tecto alto, de aberturas decoradas e composto com uma cobertura de quatro águas de forte inclinação, que se eleva muito acima da cumeeira da casa.

O alpendre caracteriza-se por ter colunas ou pilares e de ser acessível através de uma escadaria. Na casa nobre portuguesa a escadaria, embora nem sempre fosse adoptada, representa um “*papel primacial no exterior do edifício*”¹⁴¹, transmitindo uma avivada concepção de movimento. Deparamos que na arquitectura doméstica da tipologia casa pátio cristã de Salsete a grande maioria, possui largas escadarias¹⁴², concedendo movimento à fachada, o exemplo da Casa da Família Colaço¹⁴³ em Margão que possui uma escadaria de curva e contracurva com a particularidade de apresentar volutas nas extremidades dos muros. Essas escadas são normalmente centradas, contudo, existem excepções, também temos alguns exemplos de escadas de lanços divergentes e a convergir num patamar, como a Casa dos Meneses em Curtorim¹⁴⁴, também referimos a Casa Desidério Meneses¹⁴⁵, em Margão.

Os planos laterais, podem ser completamente abertos, ou então, poderão ter janelas de carepas¹⁴⁶, que poderiam ser abertas durante o tempo quente como refrescamento do ar e apreciação da paisagem e fechadas durante a época das chuvas. Possuem um pavimento de betonilha. Verificamos que nos alpendres, apesar do calor de Verão se fazer sentir intensamente, estes espaços mantêm-se frescos, beneficiados pelas técnicas construtivas, caracterizados por terem tectos muito altos, os quais, por vezes, formam aberturas decoradas¹⁴⁷ que deixam passar o ar quente, permitindo a refrigeração do ar, o exemplo da Casa Maia Barreto¹⁴⁸ e a Casa Pereira¹⁴⁹ ambas em Benaulim, também a Casa Loyola

¹⁴¹ AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Livros Horizonte, 2ª edição 1988. p. 72.

¹⁴² Exemplificamos com as escadarias de acesso aos alpendres das casas pátio dos Loyola Furtado em Chinchinim, da Casa dos Colaço em Margão, da Casa Maia Barreto em Benaulim, da Casa Gracias em Loutolim, da Vivenda Fernandes em Chandor e da Casa Figueiredo em Loutolim. Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Alpendres, pp. 42-44.

¹⁴³ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio n.º.28 p. 30.

¹⁴⁴ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio n.º.21 p. 27.

¹⁴⁵ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio n.º.34 p. 32.

¹⁴⁶ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Janelas de carepas dos alpendres p. 45.

¹⁴⁷ Trata-se de tectos de madeira decorados com pequenas e várias aberturas (grelhas de respiração) formando desenhos bem elaborados com a intenção de deixar passar o ar quente e tornar o ambiente da casa mais fresco. Este tipo de tectos encontra-se no interior das casas.

¹⁴⁸ Distinguimos alguns exemplos de casas pátio com aberturas no tecto que permitem a refrigeração do ar, a casa Maia Barreto. Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Alpendres, p. 43.

¹⁴⁹ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio n.º.10 p. 24.

Furtado¹⁵⁰ em Chinchinim, normalmente possuem um telhado de forte inclinação de quatro águas, erguendo-se muitas vezes acima do beirado das casas. A cobertura encontra-se encostada ao edifício principal, dando a impressão de ser independente, constatamos que por vezes o alpendre foi posteriormente acrescentado à construção das casas.

Os alpendres evitam a incidência da chuva durante as monções e por sua vez garantem a protecção solar durante os dias quentes, é um local de encontro de carácter familiar, sociável e comunitário, aprazível, e um lugar propício para colocar as conversas em dia, para o efeito se utilizavam os bancos corridos em alvenaria existentes nas áreas laterais. Também as senhoras que passavam muito tempo dentro de casa, tinham a partir do alpendre a possibilidade de presenciarem o que se passava na rua. A utilização do alpendre também surge ligada aos ensaios do fim de tarde das práticas musicais do mandó. Em consonância com a marcada rigidez na hierarquia social do sistema das castas, os brâmanes e os chardós mantinham um distanciamento das castas mais baixas não consentindo a sua entrada dentro de casa, contudo, poderiam aceder ao alpendre, considerado como uma sala no exterior da residência¹⁵¹.

Ângelo Silveira a propósito dos alpendres das casas hindus que visitou durante os anos de 1995 e 1996 refere “*é uma constante a existência de um espaço abrigado, em frente da entrada, onde se pode fazer a sesta, cavaquear ou fazer trabalhos domésticos. Nestas casas não há intenção de organização*”¹⁵². Também menciona que esses alpendres se encontram bastante adulterados, e com vestígios de betão, sendo um indicador de recentes alterações.

Apesar do alpendre já ter sido introduzido no século XVII, foi mais utilizado a partir do final do século XVIII¹⁵³ é que é destacado na casa pátio cristã, passando a ser reconhecido com “*carácter de distinção*”¹⁵⁴ e ligado a um valor simbólico e da importância da família, não sendo assim possível o assentimento a todas as castas. Conforme atesta Hélder Carita “*como elemento capaz de gerar e desenvolver novos contactos entre castas, o alpendre acaba por ter a nível social, uma influência humanista de raiz cristã*”¹⁵⁵.

Passamos a referenciar o exemplo de um alpendre que nos pareceram mais exemplificativo, como o da Casa Figueiredo¹⁵⁶ de Loutolim, do qual consta um exemplar impar

¹⁵⁰ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Casa Pátio n.º 13 p.25.

¹⁵¹ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* pp. 166- 170.

¹⁵² SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 273.

¹⁵³ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 170.

¹⁵⁴ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 278.

¹⁵⁵ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 173.

¹⁵⁶ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Alpendres, p.44.

pela sua forma trilobada, pela sua grandiosidade e pelo volume das colunas caneladas que sustentam a estrutura coberta, a própria porta principal da casa apresenta a mesma forma trilobada e a larga escadaria imprime dinamismo à fachada, marcado pelo teor decorativo do tecto e a inclinação acentuada do telhado de quatro águas.

2.3.2.2. Janelas

As casas hindus de Goa não apresentam varandas viradas para o exterior. Conforme refere Ângelo Silveira, “*A varanda embora possa ser entendida como uma criação autónoma (...) é no caso de Goa e prioritariamente o resultado de um percurso evolutivo (...) comporta o manancial formal dos respectivos emigrantes ou colonos*”¹⁵⁷. Nas casas hindus o horizonte não é manifestado para o exterior, mas exposto para os pátios interiores das suas habitações, enquanto que, nas casas pátio cristãs as varandas são uma componente integrante da sua arquitectura, apropriada ao modo de vida. A varanda das casas cristãs de Goa pode corresponder à “*exteriorização da varanda do pátio da casa hindu, (...) a assimilação eruditizada das casas rurais ou ainda (...) a evolução do modelo da janela de sacada difundido (...) das casas sobradadas de raiz inequivocamente portuguesa*”¹⁵⁸.

Tendo em consideração as casas nobres portuguesas, no século XVI, dá-se lugar a um novo programa renascentista, conjugado com a antiga tradição medieval em que a fachada se abre para o exterior, tendo-se diligenciando uma maior proximidade com a natureza e nessa perspectiva aumentaram-se as janelas, tendo-se introduzido a varanda. Nas casas nobres setecentistas, deparamo-nos com residências que se destacam na arquitectura decorativa da fachada, apresentando normalmente dois andares, sendo o primeiro piso considerado o “andar nobre” e a sua importância prontamente calculada pela opulência das janelas, comparadas com o piso inferior, que se exibem mais modestas, sendo de peitoril. As janelas do andar superior são de sacada¹⁵⁹, esta tipologia de janela começou a ser uma componente constante da arquitectura doméstica portuguesa no século XVIII. Definimos janela de sacada, uma plataforma destacada e suspensa na parede de um edifício que se abre para o exterior e tem comunicação através de uma porta ou portas com acesso

¹⁵⁷ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 279.

¹⁵⁸ IDEM – *Ibidem*, p. 281.

¹⁵⁹ A aplicação da janela de sacada foi uma das inovações inseridas na arquitectura durante o Renascimento, e que passou a fazer parte integrante da arquitectura doméstica portuguesa em pleno século XVIII. AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre...* p. 53.

ao interior do edifício. A demarcação desse espaço é efectuada por um gradeamento ou balaústre com parapeito.

As janelas de sacada à face em Salsete são protegidas pelo beirado¹⁶⁰, exigindo uma aplicação de soluções que mais pudessem garantir a sombra durante os dias de Verão e evitasse a chuva directa durante as monções, assim surgiram as chapas metálicas onduladas.

Encontramos em Salsete vários exemplos de casas sobrado que apresentam janelas de peitoril no piso térreo e expõem janelas de sacada no primeiro piso.

As janelas afiguram-se de diversas formas, de estrutura rectilínea ou de verga recta, ortogonais simples, com arcos de volta perfeita, com arcos abatidos, com arcos trilobados, com arcos quebrados e arcos contracurvados envoltos de molduras, com correspondência nos vãos. A estrutura dos vãos, a soleira, as ombreiras e a padieira são de madeira, assim como o caixilho.

Emergiram as varandas autónomas, estreitas e corridas apoiadas em mísulas ou sobre um elemento corrido, as quais detinham um grande efeito decorativo, tendo mais tarde sido alargadas, passando a apresentar os telhados autónomos. As janelas viradas para o exterior, passam a ser comuns nas casas cristãs de Goa, tornando-se ornamentadas. Antes do vidro¹⁶¹ se tornar acessível em Goa, recorria-se ao uso de carepas¹⁶² nas janelas, tendo sido largamente utilizado, para além da função de protegerem os ambientes da imensa luz, o próprio processo de disposição das carepas em *escama*¹⁶³, levava a uma livre movimentação de ar, entre o interior e o exterior, também permitiam trespassar uma luminosidade translúcida, possibilitando uma atmosfera suave, esta ambiência proporcionava às senhoras a oportunidade de observarem o exterior sem serem vistas da rua. Hoje a maioria das casas possui janelas de vidro, por vezes encontramos a utilização do vidro de cor.

Há relatos de viajantes que se referem a situações quotidianas perante as casas, assim Pyrard de Laval se referiu à forma de estar das senhoras à janela “(...) *o mais habitual passatempo das mulheres é estar todo o dia à janela, que são muito belas, grandes e*

¹⁶⁰ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 281.

¹⁶¹ Embora o vidro estivesse disponível em outras partes do mundo a partir do século XVI, só em meados do século XIX é que se tornou disponível em Goa. O vidro teve um desenvolvimento de grande impacto no desenho das casas de Goa (sendo no princípio muito fino e cinzento). PANDIT, Heta; MASCARENHAS, Annabel – *Houses of Goa*. Architecture Autonomous, India, 2006. p. 83.

¹⁶² «...as carepas (madrepérola) que cortadas à dimensão média de 60 mm x 50 mm eram enfiadas em escama entre régua de madeira que compunham o caixilho... De manutenção difícil a substituição de uma peça é sempre dificultada pela necessidade de remover todas as que a antecedem». SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 181.

¹⁶³ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 118.

*espaçosas em forma de galerias e sacadas, com gelosias e rótulas mui lindamente pintadas, de forma que elas pudessem ver sem ser vistas (...)*¹⁶⁴. As varandas a partir do século XVIII¹⁶⁵ passam a ser os espaços preferidos das **senhoras**, sem a preocupação antiga de se resguardarem, as carepas tendem a desaparecer e o teor decorativo passa a aglomerar-se nos gradeamentos das varandas e nos prumos de sustentação dos telheiros.

A arquitectura civil dos séculos XVIII e XIX¹⁶⁶, alcança um novo gosto, liberto de condicionalismos da legislação camarária¹⁶⁷, levado a cabo por uma nova tendência para a manifestação do luxo por parte das famílias autóctones privilegiadas, assinalado por planos arquitectónicos que se distanciam do protótipo de construções urbanas do interior das cidades, facultando soluções mais apropriadas às condições climatéricas da Índia.

Assinalamos alguns exemplos de janelas de peitoril e de sacada que nos parecem mais significativos, como a casa sobrado dos Bragança¹⁶⁸ em Chandor, apresentando na fachada vinte e quatro janelas de sacada no primeiro piso em arco trilobado, envoltas por uma moldura e cada janela individual é sustentada por três pequenas mísulas, também no piso térreo, se apresentam vinte e quatro janelas de peitoril, com arcos sobrepostos e em carepas. A casa de Mariano Álvares¹⁶⁹ em Margão apresenta no piso superior uma varanda corrida com seis janelas de sacada com um vão em forma de arco trilobado envolta por uma moldura simples. Em Guirdolim a Casa Gomes¹⁷⁰ exhibe oito janelas de peitoril de forma trilobada e com moldura pintada a vermelho formando um avental. Também a Casa dos Miranda¹⁷¹ ostenta sete janelas de sacada no primeiro piso e sete janelas no seu conjunto no piso térreo¹⁷² em verga recta e com molduras brancas salientes. Na Casa Pau-

¹⁶⁴ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 86.

¹⁶⁵ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 162.

¹⁶⁶ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 87.

¹⁶⁷ “Estas tipologias de varanda, particularmente importantes na formação de um modelo de casa indo-portuguesa, apresentam utilizações diferentes em termos de arquitectura urbana e arquitectura suburbana e rural. A legislação urbana que proibia a abertura de arcarias e balcões, dificultava a utilização destas varandas nas áreas submetidas à sua regulamentação. O seu uso era limitado às fachadas laterais ou aos pátios, como verificamos no Palácio-Fortaleza dos Vice-reis ou dos Arcebispos. Nas áreas suburbanas e rurais a arquitectura civil adquire uma nova independência relativamente às normas de legislação urbana (...) O modelo de funcionamento do Senado da Câmara de Goa é enviado para a Índia, logo em 1517, com o mesmo regimento do da cidade de Lisboa. Goa é assim equiparada a Lisboa como capital do Estado da Índia, sendo dotada de uma legislação com as mesmas posturas desta cidade”. AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 84.

¹⁶⁸ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 01, p. 10.

¹⁶⁹ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 09, p. 12.

¹⁷⁰ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 24, p. 28.

¹⁷¹ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Janelas de peitoril e de sacada, p. 46.

¹⁷² A fachada principal da Casa dos Miranda apresenta no piso térreo o total de sete janelas, sendo três de peitoril e quatro de sacada que dão acesso a um grande terraço. Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 04, p. 11.

lito Meneses¹⁷³ em Curtorim estão expostas oito janelas de sacada individuais em arco de volta perfeita, suportadas por três mísulas e envoltas por uma moldura branca.

2.3.3. Elementos que Nobilitam a Fachada

2.3.3.1. Frontões

Na casa nobre portuguesa a propensão era “*para acentuar a linha superior dos edifícios, efeito obtido pela decoração dos telhados e pelo emprego de frontões e outros ornatos que coroam as fachadas*”¹⁷⁴. No universo de casas por nós seleccionado na *taluka* de Salsete, verificamos que não é comum encontrarmos frontões a encimar as janelas, contudo, vemos na Casa Santana da Silva¹⁷⁵ em Margão, frontões ondulados ao longo de cada janela de sacada individual e que se repetem continuamente com a mesma decoração. No centro encontramos uma flor-de-lis e de cada lado dessa composição observamos duas volutas. Também a Casa Lar Soter da Gama¹⁷⁶ em Nagoá Vernã compreende frontões triangulares a encimar as janelas de peitoril, esta casa consta de duas alas correspondentes na extremidade do edifício tendo ao centro uma varanda recuada e corrida que compreende janelas de sacada e um alpendre. As alas desta casa são simétricas e cada composição é rematada por um frontão triangular contendo uma empena e um pináculo no vértice do telhado. A Casa dos Bragança¹⁷⁷ apresenta na entrada da casa a encimar o alpendre uma composição rematada por um frontão triangular contendo pináculos nas suas extremidades.

2.3.3.2. Portas e Brasões

As portas na sua grande maioria caracterizam-se por não serem grandiosas, comparadas com os elementos decorativos das fachadas, sendo normalmente de verga recta ou de arco abatido ou mesmo trilobado, possuem molduras, regularmente a condizer com a delineação das janelas. As portas destacam-se sobretudo quando o brasão de armas da família é evidenciado na entrada da casa, conforme podemos confirmar na Casa dos

¹⁷³ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Janelas de peitoril e de sacada, p. 47. Ou no Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa pátio, casa n.º 20, p. 27.

¹⁷⁴ AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre...* p. 71.

¹⁷⁵ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Frontões, p. 50.

¹⁷⁶ IDEM – *Ibidem*.

¹⁷⁷ IDEM – *Ibidem*.

Miranda¹⁷⁸ em Loutolim, na Casa Mariano Álvares¹⁷⁹ em Margão, na Casa Fernandes Mesquita¹⁸⁰ em Benaulim e na Casa Álvares¹⁸¹ em Margão.

Foram atribuídos vários títulos às elites autóctones convertidas ao Cristianismo pelos bons serviços prestados, entre os quais as mercês do Brasão de Armas, que rematavam a porta principal da casa, também surgem no seu interior, nas consideradas zonas nobres da casa, mais precisamente no salão da casa, a decorar os grandiosos espelhos ou as harmónicas sanefas, conforme podemos verificar na Casa Álvares, em Margão. Na Casa dos Bragança em Chandor, o brasão está patente na fachada principal da casa, entre duas janelas de sacada com varanda conjunta.

2.3.3.3. Colunas e Pilastras

Completámos o assunto da fachada com uma análise às colunas e às pilastras que nos surgem na arquitectura doméstica das casas das elites de Salsete. Presenciamos colunas, pilastra e pilares como apoio das edificações.

Na casa nobre portuguesa, Carlos de Azevedo qualifica as fachadas setecentistas como sendo “ ... articuladas com pilastras lisas e pouco salientes que as dividem em três ou mais secções. Frequentemente, as pilastras são acentuadas, sobre os telhados ...”¹⁸².

As pilastras adossadas são uma constante nas duas tipologias de habitação por nós estudadas, apuramos normalmente a alternância de pilastras com janelas. No caso particular da tipologia casa sobrado, verificamos a aplicação de pilastras que dividem o edifício em várias secções, a título de exemplo, distinguimos a Casa dos Bragança¹⁸³ em Chandor compreende vinte e duas pilastras lisas pouco salientes e alternadas com as janelas, a Casa Fernandes¹⁸⁴ em Chandor tem doze pilastras lisas intercaladas com as janelas apresentando-se decoradas com duas nervuras brancas a coincidir com as molduras, na Casa Miranda¹⁸⁵ em Loutolim afiguram-se nove pilastras salientes, encontrando-se articuladas

¹⁷⁸ Constâncio do Rosário e Miranda (antepassado de Mário Miranda, o actual dono da casa) recebeu no século XIX o título de Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real e o Brasão de armas, o qual se apresenta a encimar na entrada principal da casa. Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Brasões, p. 51.

¹⁷⁹ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Brasões, p. 51.

¹⁸⁰ IDEM – *Ibidem*. p. 52.

¹⁸¹ O Brasão encontra-se a encimar a porta principal da casa e também o encontramos no salão a encimar as portas, centralizado nas graciosas sanefas. Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Brasões, p. 52.

¹⁸² AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre...* p. 71.

¹⁸³ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 01, p. 10.

¹⁸⁴ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 02, p. 10.

¹⁸⁵ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 04, p. 11.

entre janelas e pilastras. Na Casa Santana da Silva¹⁸⁶ em Margão, deparamo-nos com dez pilastras pintadas com a mesma cor da casa e decoradas com duas nervuras brancas na sua extremidade, dividindo a casa em nove sessões. Realçamos a Casa Aureleano Miranda¹⁸⁷ em Margão, com uma fachada dividida em três sessões a qual aponta com grande destaque o centro da casa, através da acentuação de uma pilastra mais larga com outra sobreposta a ladear a entrada, com um prolongamento no friso emitindo um engrandecimento arquitectónico através da acentuação vertical.

Detectamos que das dezasseis casas de tipologia sobrado que visitamos, apenas a Casa Cabral¹⁸⁸ em Nagoá-Verná possui colunas, aplicadas ao longo de uma varanda recuada e corrida, caracterizada por expressar uma tipologia arquitectónica diferente da fachada principal, apresentando um só piso, virada directamente para o jardim da entrada, evidenciado por uma extensa escadaria.

A tipologia casa pátio apresenta pilastras e colunas, abrangendo vários estilos esculpidos em blocos de laterite e cal de ostra e com elementos decorativos em estuque. As colunas surgem ligadas ao apoio do alpendre, sem sofrerem de uma influência concreta de um estilo em particular, contudo estão mais relacionadas com uma estética de inspiração coríntia, conforme podemos observar nos capitéis apresentando formas exóticas, com florões, flores de pétalas, folhas de acanto e outros motivos florais. Quanto ao fuste, surgem-nos vários exemplares, alguns apresentam um desenho mais evidente com a influência de uma decoração de elementos vegetalistas e folhas de acanto, para marcação da base.

Sobressaem as colunas do alpendre da Vivenda Fernandes¹⁸⁹, em Chandor, pela decoração original de folhagens em relevo que se enrolam à volta do fuste, também o capitel se evidencia por sofrer influências jónicas e simultaneamente coríntias, através das volutas, das flores e folhas de acanto é visível a opção simplificada da delimitação da base do fuste.

¹⁸⁶ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 11, p. 13.

¹⁸⁷ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 06, p. 11.

¹⁸⁸ Veja-se no II volume Apêndice A – Tabela de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa, Tipologia casa sobrado, casa n.º 14, p. 14.

¹⁸⁹ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Colunas, p. 49.

2.3. O Oratório e a Capela Privada

2.4.1. O Oratório e a Capela nas Casas da Taluka de Salsete

O oratório e a capela privada fazem parte das casas das famílias autóctones cristãs, brâmanes e chardós de Salsete, aparecendo ligados a uma importante tradição religiosa dando lugar a um espaço particular de oração. As capelas surgem em menor número e usualmente junto às casas grandiosas, enquanto que os oratórios estão presentes em quase todas as residências que visitamos.

Conforme o relato atribuído a Álvaro Velho, aquando da chegada a Calecut, o capitão-mor mandou um degradado a terra, cremos que tivesse sido João Nunes o qual seguiu numa choupala, rodeado pelas pequenas embarcações de pesca locais, e ao chegar a uma casa muçulmana foi inquirido por dois mouros da Tunísia que se lhe dirigiram em espanhol acerca do motivo que o teria trazido de terras tão distantes, ao que ele respondeu “*Vimos buscar cristãos e especiarias*”¹⁹⁰. De acordo com esta ideia, está patente a divulgação da Mensagem de Cristo, sendo o catolicismo manifestado como a religião oficial nos territórios dependentes da coroa portuguesa¹⁹¹. Na Índia a evangelização ficou a cargo dos padres regulares e seculares, pela actuação dos Franciscanos, Jesuítas, Dominicanos, Agostinhos, Carmelitas Descalços, Teatinos e a Congregação da Oratória de Santa Cruz por sacerdotes goeses. A acção evangelizadora acarreta consigo formas de arte, e nesse âmbito, emergem grandes edificações e vários objectos cristãos com carácter artístico, conforme menciona Fátima Eusébio “*o desejo de luxo dos reinóis, postularam a ida de numerosas obras de arte – alfaia, esculturas, paramentaria, pinturas, retábulos, etc. – da metrópole*”¹⁹², neste contexto surgem os oratórios e as capelas privadas.

Os oratórios são obras devocionais que se apresentam no espaço íntimo do quotidiano, destinado à oração individual, com uma utilização doméstica, não havendo qualquer intenção de serem divulgados em espaços públicos. Trata-se de pequenas estruturas de madeira¹⁹³ trabalhada, que têm a finalidade de abrigar o santo ou os santos de devoção, cujas peças evocam a fé e a força das imagens na missionação, as quais são reproduzidas em miniatura, estabelecendo uma ligação entre a pintura simples, policromada ou lacada.

¹⁹⁰ MARGARIDO, Manuel – *Vasco da Gama*. Grandes Protagonistas da História de Portugal, Planeta de Agostini, Lisboa, 2004. p. 89.

¹⁹¹ OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996. p. 20.

¹⁹² EUSÉBIO, Fátima – *O Intercâmbio de formas na Arte Indo-Portuguesa: O Caso Específico da Arte da Talha*, 2003. p. 57.

¹⁹³ «[...] o uso sistemático de certas madeiras exóticas (a teca, o sissó, o ébano, e mesmo o cedro), as aplicações de metal ou o colorido vistoso dos lacados, a madrepérola e a tartaruga, faziam ressaltar o cunho oriental.». PINTO, Maria Helena Mendes – *Catálogo de Goa a Lisboa*. Lisboa: Europália, 1992. p. 15.

A combinação arquitectónica e decorativa leva a que estes oratórios entalhados sejam considerados “*as criações mais notáveis e complexas da arte indo-portuguesa*”¹⁹⁴.

Nos oratórios indo-portugueses está patente uma determinação ocidental, como o exemplo de temas ligados ao cristianismo partindo dos modelos portugueses continentais, em que se fundem elementos orientais a partir da execução dos artistas locais, aos quais designamos de luso-oriental¹⁹⁵ provavelmente convertidos e que colaboram para o carácter miscigenado, manifestado através dos componentes decorativos hindus. Pedro Dias¹⁹⁶ refere que um escultor da Companhia de Jesus, o padre Maecht que viveu em Goa, fazia os oratórios conforme os templates hindus, resistindo assim à permanência dos modelos locais, como o exemplo do sol, da lua, dos dragões e com outras representações inspiradas na fauna e na flora, embora com um maior peso de motivos cristãos.

As famílias antes de se converterem ao cristianismo, celebravam o seu culto num dos topos do *vasary*, após a conversão, mantiveram a tradição de conservar o oratório no mesmo local que anteriormente era utilizado para as práticas hinduístas. Assim, encontramos frequentemente nas residências das castas brâmanes os oratórios na sala herdada das casas hindus¹⁹⁷, o antigo *vasary*, preservando o mesmo local de orar¹⁹⁸, posteriormente adaptado ao culto cristão, ocupando aí normalmente, o seu lugar.

Das sessenta e nove casas que percorremos na *taluka* de Salsete, fazem parte do nosso inventário um total de cinquenta e um oratórios e cinco capelas. Sendo trinta oratórios de pousar, três de parede e dezoito oratórios-altar, assim designado por nós, por se encontrarem aliados a um altar, permanecendo, em alguns casos, num aposento próprio, desempenhando a função de capela¹⁹⁹, podendo ser utilizados como espaço de ritual litúrgico, conforme o exemplo do oratório-altar da Casa Santana da Silva, que obteve da parte do Papa um breve²⁰⁰ que autorizou os baptismos, os casamentos e os funerais, assim como aprovou a celebração de todos os sacramentos. Cinco capelas concebem uma edificação arquitectónica no exterior. No interior encontra-se a ornamentação inevitável a uma capela,

¹⁹⁴ HESPANHA, António Manuel; AAVV. – *Os Construtores do Oriente Português. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1998. p. 322.

¹⁹⁵ A designação de Luso-orientais deve-se à «[...]*existência no Oriente de fortes tradições culturais, as quais são representadas através de artesãos e encomendadores locais, porventura convertidos, tem grande importância nesta arte, contribuindo, assim, para o carácter próprio (...)*». OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996. p. 34.

¹⁹⁶ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Artes decorativas e iconográficas...* p. 134.

¹⁹⁷ «*Algumas práticas hindus foram conservadas, mas adaptadas ao culto cristão; é o caso do oratório, peça de mobiliário das casas cristãs, que substitui os deuses dos lares hindus. Neste oratório, a chama votiva das casas dos gentios passou a alumiar um crucifixo ou imagens de Santos*». BRITO, Joaquim Pais de; PEREZ, Rosa Maria; SARDO, Susana – *Histórias de Goa*. Fundação Oriente. Lisboa, 1997. p. 93.

¹⁹⁸ CARITA, Helder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 45.

¹⁹⁹ Estes oratórios têm características de capelas, embora não apresentem qualquer estrutura arquitectónica no exterior.

²⁰⁰ Esta informação foi-nos concedida por via oral pelo actual dono da casa, o Dr. Eurico Santana da Silva, no dia 29 de Março de 2011.

conforme podemos verificar na Capela da Casa dos Bragança Pereira em Chandor no interior da residência, a Casa Inácio Monteiro em Loutolim integrada na fachada, a Capela do Solar Machado em Nagoã-Verná inteirada num pátio de acesso à habitação, a Capela da Casa José Inácio Loyola em Orlim integrada na fachada e a Capela da Casa Furtado²⁰¹ em Sinquelim-Navelim localizada no exterior da residência, situada na mesma rua, à qual não tivemos acesso ao interior.

Definimos capela como uma pequena igreja ou espaço autónomo dentro de uma igreja, ermida ou santuário ou pertencente a uma casa particular. Rafael Bluteau faz referência a capelas reais e menciona que este termo é utilizado na Cúria Romana, pelo facto de os templos estarem integrados em ilustres capelas, assim, indica-nos como maior exemplo o da Capela Sistina, em que alude “*Ter o Papa Capella he afffirtir com folemnidade aos Offícios Divinos*”²⁰². As capelas caracterizam-se por terem uma estrutura arquitectónica exterior, dispondo no interior de um altar para a realização dos ofícios litúrgicos. Rafael Bluteau²⁰³ faz a ligação entre as capelas e os testamentos, assim, alguém que tivesse instituído uma capela poderia determinar em testamento a imposição de os herdeiros terem o encargo de determinadas obras pias, entre as quais, poderia ser a obrigação de mandarem rezar missas.

Detectamos que as capelas são mais restritas, sendo apenas acessíveis a famílias com maiores recursos económicos capazes de suportar os custos que acarretam a sua edificação, e a respectiva decoração interior, como a imaginária, o retábulo, os rituais e a sua manutenção. As motivações que levam à origem de uma capela privada, conforme atesta Manuel Joaquim Moreira da Rocha, estão relacionadas com três linhas de força²⁰⁴, a Dignificação, a Devoção e a Comodidade. Como *dignificação* salienta-se o facto de a capela valorizar uma casa e engrandecer o seu dono, como *devoção* evidencia-se que a edificação de uma capela está relacionada com uma promessa ou voto e a *comodidade* está relacionada com a distância, com a acessibilidade, e problemas de saúde que poderiam limitar a família proprietária da casa de estar presente na missa. As capelas particulares eram extensíveis aos agregados da casa, incluindo caseiros e criados, assim como também a

²⁰¹ A Capela da Casa Furtado de Sinquelim-Navelim, fez parte da casa, entretanto foi doada à aldeia. Não nos foi possível o acesso ao seu interior.

²⁰² BLUTEAU, D. Rafael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. L-2772-A_0000_capa-capa_t24-C-R0090. p. 121.

²⁰³ BLUTEAU, D. Rafael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra. .. pp. 131-132.

²⁰⁴ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Espaços de Culto Público e Privado nas Margens do Douro: Uma Abordagem*. Separata da Revista Poligrafia n.º 5. Publicação do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1996. p. 68.

população que residia nas proximidades. Os fundadores das capelas deveriam justificar ao bispo os motivos que levavam a instaurar essa edificação.

Oratórios e Capelas			
Oratórios de Pousar total: 30	Oratórios de Parede total: 3	Oratórios-Altar total: 18	Capelas total: 5
Casa Solar dos Monteiro em Assolná	Casa Tito Vaz em Assoná	Casa Almeida em Assolná	Casa dos Bragança Pereira em Chandor
Casa Eugénio Mesquita em Benaulim	Casa Furtado Em Sinquetim-Navelim	Casa Alfredo-Mesquita em Benaulim	Casa José Inácio Loyola em Orlim
Casa dos Meneses Bragança em Chandor	Casa Monte da Silva em Margão	Casa Fidelis Pereira em Benaulim	Casa Inácio Monteiro em Loutolim
Casa Cota Cruz em Chandor		Casa Vivenda Fernandes em Chandor	Solar Machado em Nagoã-Verná
Casa Fernandes em Chandor		Casa Tovar Dias em Chinchinim	Casa Furtado em Sinquetim
Casa Carminho Costa em Curtorim		Casa Loyola Furtado em Chinchinim	
Casa Cosme Matias Meneses em Curtorim		Casa Ângelo da Costa em Curtorim	
Casa Costa em Curtorim		Casa Roque Caetano Miranda em Loutolim	
Casa Meneses em Curtorim		Casa dos Miranda em Loutolim	
Casa Veiga em Curtorim		Casa Álvares em Margão	
Casa Antonieta Figueiredo em Loutolim		Casa Santana da Silva em Margão	
Casa Figueiredo em Loutolim		Casa dos Soares em Margão	
Casa Gracias em Loutolim		Casa Cabral em Nagoã-Verná	
Casa Aureleano Miranda em Margão		Casa Carlos Noronha em Nagoã-Verná	
Casa Barreto e Noronha em Margão		Casa Maia Barreto em Benaulim	
Casa Barreto Xavier em Margão		Casa Vasco Figueiredo em Nagoã-Verná	

Oratórios e Capelas			
Oratórios de Pousar total: 30	Oratórios de Parede total: 3	Oratórios-Altar total: 18	Capelas total: 5
Casa Carvalho Miranda em Margão		Casa Pereira em Benaulim	
Casa Colaço Álvares em Margão		Casa José Filipe Abranches em Verná	
Casa dos Colaço em Margão			
Casa Costa em Margão			
Casa Desidério Meneses em Margão			
Casa Gambeta da Costa em Margão			
Casa Lourenço em Margão			
Casa Quadros em Margão			
Lar Soter da Gama em Nagoá-Verná			
Casa Vicente Costa em Raia			
Casa Viegas em Raia			
Casa Araújo em Verná			
Casa Grisóleo Gama em Verná			
Casa Augusto José da Gama em Verná			

2.4.2. O Interior dos Oratórios e das Capelas

Verificamos que no interior destes oratórios privados estão expostos alguns artefactos religiosos que terão sido acumulados durante as viagens ou por oferta. Encontramos com frequência, o uso de imagens e gravuras soltas de livros, classificadas de registos ou pagelas²⁰⁵. Os crentes tinham acesso a esses registos através dos missionários que os distribuíam nas igrejas e nas casas cristãs das aldeias, de forma a que os cristãos tivessem uma ideia mais concreta “do mistério de sua redenção”²⁰⁶, também explicavam o cristianismo através dessas ilustrações.

No interior dos oratórios as paredes do fundo são por vezes azuis claras e decoradas com estrelas pintadas, conforme podemos encontrar em Portugal, os santos nessas paredes pousam nas peanhas²⁰⁷. Encontram-se as pequenas imagens devocionais, esculpidas em marfim ou madeira²⁰⁸ e policromadas. A imaginária luso-oriental, está ligada à produção artística missionária católica do Oriente aliada ao culto privado e público, podendo aparecer como escultura de relevo ou de vulto.

A escultura de relevo encontra-se em peanhas, surgindo isoladas, como de pousar e pendurar, fazendo parte de oratórios e de alfaia litúrgicas, enquanto que a escultura de vulto está representada com imagens isoladas formando grupos “*apresentam-se esculpidas em uma peça ou formadas por várias peças (...) ligadas entre si pelo sistema de malhete ou pinos*”²⁰⁹, que têm como propósito, serem introduzidas nos oratórios. As peças de vulto em marfim, são esculpidas de um bloco único, e obedecem a uma altura máxima de 350mm e largura de 150 a 180 mm²¹⁰.

²⁰⁵ Pagelas e registos «[...] constituindo um importante meio utilizado por artistas europeus (Miguel Angelo, Tiziano) para a divulgação da sua arte a partir do séc. XVI, poderão ter sido uma importante fonte de inspiração, pois trata-se de um material facilmente transportável entre regiões distantes e periféricas e de preço mais acessível do que qualquer outro tipo de produção artística. [...] Aliás a Igreja Católica rapidamente constata a importância deste meio de difusão para a divulgação da sua mensagem evangélica, enquanto iconografia “iconografia de combate e de propaganda”. Neste combate, salienta-se a produção de várias oficinas localizadas em Antuérpia, em particular, a tipografia de Christophe Platin (1514?-1589), à qual Filipe II concede o monopólio particularmente lucrativo da produção dos novos breviários, missais e de outras obras litúrgicas, motivadas pelas reformas propostas durante o Concílio de Trento (1445-1563), para os mercados hispânico e ibero-americano. (...) Deverá também ser referido o costume dos missionários explicarem o conteúdo das obras através da ilustração das mesmas». OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim...* p. 32.

²⁰⁶ IDEM – *Ibidem*, p. 33.

²⁰⁷ «Toda a peanha, de madeira entalhada, é extraordinária e revela uma concepção fortemente indianizada. [...]» HESPANHA, António Manuel; AAVV. – *Os Construtores do Oriente Português. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 323.

²⁰⁸ «[...] madeiras consideradas exóticas, como a teca, o sissó ou o ébano». OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim...* p. 59.

²⁰⁹ IDEM, *Ibidem*, p. 40.

²¹⁰ Estas medidas estão directamente relacionadas com os condicionalismos inerentes às dimensões dos dentes das defesas do elefante macho (diâmetro máximo). OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim...* p. 40.

As imagens devocionais esculpidas apresentam-se com uma pintura policromada ou douramento ou então afiguram-se com panejamento de tecidos, conforme era costume nos conventos femininos portugueses. Este tipo de imaginária é colocada nos oratórios e engrandecida com materiais valiosos²¹¹, também, por vezes os próprios oratórios de madeira são revestidos com tecido. Destacamos a título de exemplo, oratório pendurado da Casa Tito Vaz²¹² de Assoná, que se apresenta forrado a tecido e com a Nossa Senhora trajada com panejamento, também na Casa Carvalho Miranda²¹³ em Margão detectamos que consta do vestuário da Nossa Senhora do Rosário um manto vermelho de tecido, bordado a alto-relevo com motivos prateados.

2.4.3. Temas e Invocações

A imaginária anuncia o contacto travado entre o Cristianismo que os missionários levavam e o fundo religioso local pré-existente.

A imaginária está ligada a três ciclos principais, sendo, o Ciclo Cristológico, o Ciclo Mariano e o Ciclo Hagiológico, os quais surgem naturalmente nos oratórios e capelas que presenciamos.

No Ciclo Cristológico identificamos a representação de cenas da vida terrena ou histórica de Cristo associada às representações da infância de Cristo, tal como a Anunciação, Apresentação no Templo e Fuga para o Egipto. Também associamos a esta representação o tema do fim da vida terrena de Cristo, assim, a representação da Crucificação de Cristo, integrada por vezes em calvários concebendo outras figuras como S. João Evangelista, Santa Madalena e os Passos da Paixão. Identificamos o Menino Jesus de Praga²¹⁴ intensamente aplicado, destacam-se as representações de carácter simbólico como o Menino Jesus Salvador do Mundo²¹⁵ e o Menino Jesus Bom Pastor, representando o Menino Jesus dormindo, tendo ao colo uma ovelha e uma outra no ombro “*O Bom pastor indo-português é porventura o melhor exemplo de miscigenação simbólica entre a iconografia*

²¹¹ Os materiais valiosos das esculturas vestidas «[...] lâmina de cobre dourado a azouge ou estanho dourado recortada, perfurada, cabuchões com pedras semi-preciosas, laca, madrepérola, tartaruga, madeiras diferentes da madeira da estrutura ou mesmo pequenas placas de marfim policromadas». OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim...* p. 40.

²¹² Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.Oratórios de parede p. 72.

²¹³ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.Oratórios de pousar p. 65.

²¹⁴ O exemplo do Menino Jesus de Praga presente no oratório-altar da Casa Loyola Furtado em Chinchinim ou na casa Monte da Silva em Margão presente no oratório de parede. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.oratórios-altar p.77 e oratórios de parede p. 73.

²¹⁵ Encontramos o Menino Jesus Salvador do Mundo, apresentando o mundo aos pés, como imagem de vestir de vulto pleno na Casa Vasco Figueiredo em Nagoá-Verná. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.Oratórios-Altar p. 82.

e a religião cristãs ocidentais (...)”²¹⁶. O melhor exemplo²¹⁷ encontrado do Menino Jesus é apresentado pela árvore da vida e encimado por uma representação da Santíssima Trindade e com uma peanha decorada com vários andares, e cenas alusivas à infância e batismo de Jesus.

Dentro da temática do Ciclo Cristológico a representação da imaginária que mais encontramos foi a da Crucifixão. Passamos a identificar essas temáticas nos oratórios e capelas que visitamos em Salsete, assim, em relação ao Ciclo Cristológico, encontramos a representação da Crucifixão de Cristo, integrada em quase todos os oratórios, surgindo ao centro. Referimo-nos em particular a algumas imagens de Cristo que se nos apresentam com um grande rigor anatómico, assim, o oratório-capela da Casa José Filipe Abranches, em Verná²¹⁸ expõe um Cristo com uma caixa torácica e massas musculares minuciosamente tratadas e com a invulgaridade de um coração que aparece visível, este Cristo aparece envolvido numa auréola de cobre prateada com uma forma raiada. Na Casa Monte da Silva em Margão, encontramos um calvário com uma cruz prateada e uma auréola raiada, que sustenta um Cristo em marfim que se apresenta com um panejamento de pregas, conferindo movimento à imagem, as pernas ligeiramente encurvadas e com um único prego no pés.

O Ciclo Mariano engloba na sua iconografia mais habitual uma imaginária que apresenta a Nossa Senhora com o Menino Jesus, Nossa Senhora a aprender a ler com Santa Ana, Nossa Senhora em Majestade com o Menino, a Pietá, Nossa Senhora do Rosário, a Nossa Senhora de Fátima, a Nossa Senhora das Dores e particularmente a Nossa Senhora da Conceição com o Menino nos Braços.

Da iconografia Mariana, as imagens devocionais que mais contemplamos nos oratórios e capelas de Salsete, em Goa, foi a Nossa Senhora com o Menino e a Pietà²¹⁹, embora também tenhamos encontrado a Nossa Senhora Entronizada²²⁰, a Nossa Senhora do Rosário²²¹ e a Nossa Senhora da Conceição. Vimos a Pietá²²² a Nossa Senhora com Cris-

²¹⁶ PEREIRA, Fernando António Baptista – *História da Arte Portuguesa época moderna (1500-1800)*. Universidade Aberta, 1992, p. 227.

²¹⁷ Encontra-se numa colecção particular J.J. Horta Correia em Lisboa. PEREIRA, Fernando António Baptista – *História da Arte Portuguesa época moderna (1500-1800)* p. 227.

²¹⁸ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.Oratórios-Altar p. 212.

²¹⁹ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.Imagens Devocionais p. 87.

²²⁰ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete Imagens devocionais – Imagem de Nossa Senhora. p. 88.

²²¹ IDEM – *Ibidem*.

²²² Vimos a Pietà na Casa Alfredo Mesquita em Benaulim, na Casa Maia Barreto em Benaulim, na Casa Pereira em Benaulim, na Capela da Casa dos Bragança Pereira em Chandor, na Casa Loyola Furtado em Chinchinim, na Casa Veiga em Corturim, na Casa Quadros em Margão, na Casa dos Soares em Margão na Casa Cabral em Nagoã - Verná e na Casa José Filipe Abranches em Verná. Veja-se no II volume Apêndice C – Imagens devocionais – Imagem de Nossa Senhora. Pietà, p. 87.

to morto no regaço em diversos oratórios das casas que visitamos, constatamos que a pietà da Casa dos Colação em Margão, apresenta um Cristo pouco comum, com sete espadas cravejadas, havendo a referência à mãe dolorosa que tem o Cristo nos braços, evidenciando-se Nossa Senhora das Dores. As imagens são policromadas e esculpidas com grande delicadeza, conforme podemos comprovar pelos pormenores das vestes, das mãos, dos rostos e do corpo de Cristo. Encontramos a Nossa Senhora com o Menino²²³, em vários oratórios, evidenciando-se a Nossa Senhora da Casa Fidelis Pereira em Benaulim, por se encontrar sobrelevada por uma nuvem de anjos. Na imaginária sacra indo-portuguesa a Nossa Senhora destaca-se pela representação minuciosa da escultura e de grande veneração.

Em relação ao Ciclo Hagiológico encontramos uma grande quantidade de santos, nos oratórios e capelas que consideramos no nosso estudo. Assim destacamos o Santo Agostinho, Santa Ana, Santo António de Lisboa ou de Pádua, Apóstolos e Evangelistas, São Francisco de Assis, São Francisco Xavier, Santo Inácio de Loiola, Santa Isabel – Rainha de Portugal, São João Baptista, Santa Joana de Portugal, São Lucas, Santa Madalena, São Marcos, São Mateus, São Miguel Arcanjo, Santa Rita de Cássia, São Roque, São Sebastião e Santa Teresa de Jesus ou de Ávila e outros Santos não identificados. Também destacamos alguns santos que vimos venerados, em maior número, como o Santo António²²⁴ na Casa Lourenço em Margão, na Casa Monte da Silva em Margão e na Casa José Filipe Abranches em Verná. Encontramos o São Sebastião²²⁵ Casa Alfredo Mesquita e na Casa Fidelis Pereira em Benaulim e também na Casa Monte da Silva em Margão. Também encontramos diversas vezes a Santa Ana a ensinar a ler a Nossa Senhora.

²²³ Observamos a Nossa Senhora com o Menino na Casa Solar dos Monteiro em Assolná, na Casa Fidelis Pereira em Benaulim, na Casa Fernandes em Chandor, na Casa Barreto e Noronha em Margão, na Casa Costa em Margão, na Casa Vicente Costa em Raia, na Casa Augusto José da Gama em Verná, na Casa Monte da Silva em Margão, na Casa Tovar Dias em Chinchinim, na Casa Carlos Noronha em Nagoã– Verná, na Casa Carlos Noronha em Nagoá-Verná, e na Casa Vasco Figueiredo em Nagoã – Verná. Veja-se no II volume Apêndice C – Imagens devocionais – Imagem de Nossa Senhora. Pietà, p. 87.

²²⁴ Santo António nasceu em Lisboa entre 1191 e 1192 e faleceu em Pádua com cerca de 40 anos no dia 13 de Junho de 1231. Vestiu o hábito franciscano. Foi canonizado como Santo pelo Papa Gregório IX, devido aos seus milagres e à sua popularidade. A 16 de Janeiro de 1946, Pio XII proclamou-o de Doutor Evangélico. *Santos de Todos os Dias* - Janeiro, Editorial A.O., Braga, 2005. Junho, pp 85-73. Veja-se no II volume Apêndice C – Imagens devocionais – Imagem de Santo António, p. 89.

²²⁵ O São Sebastião «*Tem o cognome de “Defensor da Igreja”, promoveu a conversão ao Cristianismo, acompanhada de vários milagres. [...] Morreu a 20 de Janeiro do ano 288 ou próximo do ano 300*». *Santos de Todos os Dias* - Janeiro, Editorial A.O., Braga, 2005. pp. 85-90. Veja-se no II volume Apêndice C – Imagens devocionais – Imagem de São Sebastião.

2.4.3.1. Estampas

São várias as representações encontradas do Sagrado Coração de Jesus²²⁶ e do Imaculado Coração de Maria, além do Anjo da Guarda²²⁷ e cenas de episódios da “vida e martírio” de S. Luís Gonzaga²²⁸, surgem-nos outras estampas de carácter particular com a intenção de agradecimento por uma dádiva recebida. Estas estampas encontram-se normalmente pendurados junto aos altares e dos oratórios, ou então ficam colocados nas portas articuladas, conforme atesta Sofia Vechina, “*estas estampas circulavam em Portugal (...)* ”²²⁹, análogas às que se apresentam na Casa-Museu de Arte Sacra Franciscana Secular de Ovar. Exemplificamos através das estampas encontradas²³⁰ em várias residências, nas quais se expõe o Sagrado Coração de Jesus²³¹ e o Imaculado Coração de Maria²³².

2.4.4. Elementos Estruturais e Decorativos

2.4.4.1. Tipos de Oratórios

São vários os tipos de oratórios encontrados, alguns de pousar os quais ficam assentes num móvel, podendo ser, uma arca, uma mesa, uma cómoda, ou inseridos numa estrutura própria criada para esse propósito. Encontramos alguns oratórios de pousar nos quartos²³³ e deparamo-nos com exemplares inseridos num nicho²³⁴, outros pendurados²³⁵, também em certos casos fomos informados pelos proprietários de que os oratórios já haviam sido

²²⁶ «O Sagrado Coração, que por si, também remetem para esse mesmo momento da vida de Cristo, pelo coração que sai do corpo, em chamas (dor), envolvido pela coroa de espinhos e encimado pela cruz dessa mesma paixão». VECHINA, Sofia Nunes – *Arte e Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça*. Comemorações do Centenário da Igreja Matriz 1910-2010, Paróquia de Cortegaça, 2010. pp. 38-39.

²²⁷ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas - Oratório da Casa Monte da Silva, p. 73.

²²⁸ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas - Oratório da Casa Monte da Silva, p. 73.

²²⁹ VECHINA, Sofia Nunes – *Arte e Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça*. pp. 38-39.

²³⁰ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete – Estampas, p. 90.

²³¹ «O Sagrado Coração, que por si, também remetem para esse mesmo momento da vida de Cristo, pelo coração que sai do corpo, em chamas (dor), envolvido pela coroa de espinhos e encimado pela cruz dessa mesma paixão». VECHINA, Sofia Nunes – *Arte e Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça*. pp. 38-39.

²³² Estampas que apresentam o Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria, nas seguintes casas: Casa Tito Vaz em Assolná, Casa Solar dos Monteiro em Assolná, Casa Pereira em Benaulim, Casa dos Bragança Pereira em Chandor, Casa Cota Cruz em Chandor, Casa Fernandes em Chandor, Vivenda Fernandes em Chandor, Casa Roque Caetano Miranda em Loutolim, Casa dos Miranda em Loutolim, Casa Carlos Noronha em Nagoã-Verná, Casa Lar Soter da Gama em Nagoã-Verná, Casa Vicente Costa em Raia, na Casa Furtado em Sinquetim e na Casa Grisóleo Gama em Verná.

²³³ Encontramos oratórios nos quartos, como o exemplo da Casa Aureleano Miranda n.º 06 e na Casa Monte da Silva n.º 10, ambas em Margão de tipologia casa sobrado.

²³⁴ O oratório da Casa Monte da Silva n.º 10, em Margão de tipologia casa sobrado e o da Casa José Filipe Abranches n.º 53, em Verná de tipologia casa pátio, encontram-se inseridos num nicho.

²³⁵ Encontramos oratórios pendurados na parede, assim como o da Casa Tito Vaz em Assolná n.º 02 de tipologia casa pátio e o da Casa Furtado em Sinquetim – Navelim de tipologia casa pátio.

alterados de local, dentro de casa. Os oratórios considerados mais originais²³⁶ são os que manifestam a configuração de *templete*²³⁷ com base trapezoidal e três faces da mesma largura, constatamos que se apresentam várias formas, podendo também ser constituídos por um corpo rectangular, um por um espaço poligonal, por estruturas lisas que ficam penduradas nas paredes, ostentados com molduras e muitas vezes compostos por duas portas articuladas.

Encontramos alguns exemplares com portas articuladas, como o oratório de parede da Casa Monte da Silva que contém duas portas e no seu interior estão patentes de forma simétrica, em cada volante dois registos e uma estampa. Uma das estampas é alusiva ao anjo da guarda e a outra é referente a São Luís Goanzaga, representando episódios da sua vida, “Vida e Martírio”. Os registos serão de carácter particular, naturalmente o resultado do agradecimento por uma dádiva recebida.

Faz parte do nosso inventário um único oratório em forma de tríptico, conforme se pode verificar no oratório-altar da Casa Vasco Figueiredo, em Nagoá-Verná²³⁸, apresentando-se o painel central com dois registos. No registo inferior, ao centro está exposta a Nossa Senhora do Rosário com o Menino, trazendo consigo um terço em vez de um rosário. A ladeá-la estão quatro nichos simétricos, do lado esquerdo inferior está o São José, a encimá-lo está o Santo António, do lado direito inferior está o São Pedro e a encimá-lo está a Santa Rita de Cássia com o hábito da Ordem dos Agostinhos. No registo superior, ao centro, encontra-se o nicho do Menino Jesus Bom Pastor com o mundo aos pés, tratando-se de uma imagem de vestir de vulto pleno, de cada lado estão patentes dois nichos, no lado esquerdo encontra-se o São Francisco²³⁹, e do lado direito o São José. Todas as imagens se apresentam em nichos de arco de volta perfeita com moldura. Ainda, no registo superior, ao lado do Menino Jesus Bom Pastor, estão pintados em alto-relevo os fundadores da igreja, do lado esquerdo São Pedro, e do lado direito o São Paulo. Ao centro, a encimar a composição está Deus Pai, envolvido numa cartela, e com dois anjos alados pintados em cada vértice. Estes dois registos remetem-nos para mundos diferentes, o registo inferior mostra-nos um mundo terrestre, enquanto que, o superior, nos anuncia um mundo celeste, associado a Deus Pai. Nos dois volantes estão pintados os tetramorfos, do

²³⁶ HESPANHA, António Manuel; AAVV. – *Os Construtores do Oriente Português. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 323.

²³⁷ Encontramos alguns oratórios em forma de *templete*, conforme podemos certificar através dos seguintes oratório: Casa Veiga em Curtorim, Casa Roque Caetano Miranda em Loutolim e Casa Costa em Margão. Veja-se no II volume Apêndice C - Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 61;66 e78.

²³⁸ Veja-se no II volume Apêndice C - Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete - Oratórios-Altar, p. 82.

²³⁹ A imagem esculpida de São Francisco de Assis, assemelha-se ao Santo António, consideramos tratar-se de São Francisco de Assis, até porque o Santo António se encontra no registo inferior.

lado esquerdo inferior está o São Lucas²⁴⁰, a encimá-lo está o São João Evangelista²⁴¹, que está representado de uma forma diferente, não apresentando a águia mas uma aparição de Nossa Senhora com e um Menino. Do lado direito inferior está o São Marcos²⁴² e na parte superior está São Mateus²⁴³. O coroamento do painel central apresenta uma decoração vegetalista, onde se evidencia ao centro uma flor. Sobreposto a este oratório-altar apresenta-se um pequeno oratório, apoiado numa peanha, o qual apresenta as imagens do Sagrado Coração de Jesus e o Imaculado Coração de Maria, encimado por um baldaquino, e conforme o coração trespassado nos indica, este oratório é dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Ainda na banqueta deste oratório-altar encontramos a Nossa Senhora de Fátima e um calvário. A encimar o altar encontram-se alguns registos ou pagelas. A estrutura deste altar é pintada, embora pretenda imitar o murmurado.

A estrutura dos oratórios apresentam um corpo com diversos tipos de arcos, protegidos na maior parte das vezes por um vidro, podendo ser arcos quebrados²⁴⁴, abatidos²⁴⁵, trilobados²⁴⁶, contracurvados²⁴⁷, de volta perfeita²⁴⁸ ou com uma estrutura rectilínea²⁴⁹.

²⁴⁰ São Lucas «Era médico na cidade de Antioquia e, segundo o *Flos Santorum*, agiu rectamente com Deus, com o próximo, consigo próprio, viveu com continência, convivência e humildade, agiu justamente, foi piedoso e desempenhou o mistério da escrita do evangelho». VECHINA, Sofia Nunes – *Arte e Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça*. p. 52.

²⁴¹ São João Evangelista «João quer dizer [aquele em quem está a graça]. Amado por Jesus, depois da Pentecostes foi para a Ásia e onde fundou algumas igrejas, entretanto o imperador Domiciano, ao conhecer a sua aclamação, mandou torturá-lo numa caldeira de azeite diante da Porta Latina, foi exilado na ilha de Patmos. Com a morte do imperador foi entusiasticamente louvado». IDEM, *Ibidem*, p. 50.

²⁴² São Marcos «Sendo sacerdote, foi com Pedro para Roma, onde escreveu o evangelho. [Tinha o São Marcos o nariz longo, sobrancelhas fartas, olhos belos, um pouco calvo, barba comprida, de óptima compleição, de meia-idade, cabelo grisalho, era comedido nos afectos e cheio de graça]». IDEM, *Ibidem*.

²⁴³ São Mateus «Era cobrador de impostos, mas logo que foi chamado para Cristo, converteu-se e abandonou a sua profissão. Obediente, generoso e humilde, pregou na Etiópia, onde ao libertar o povo de dois magos manipuladores, foi-lhe oferecido ouro e prata, que rejeitou, aconselhando o dito povo a constituir com esses bens uma grande igreja, na qual durante trinta e três anos converteu muitos egípcios». IDEM, *Ibidem*, pp. 50-52.

²⁴⁴ Os exemplos dos oratórios da Casa Almeida em Assolná e a Casa Costa em Margão que apresentam arcos quebrados. Veja-se no II volume Apêndice C - Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 57-86.

²⁴⁵ Os exemplos dos oratórios da Casa Solar dos Monteiro em Assolná, da Casa Fidelis Pereira em Benaulim, da Casa Cota Cruz em Chandor, da Casa Monte da Silva em Margão da Casa Pereira em Benaulim e da Casa Tito Vaz em Assolná que apresentam arcos abatidos. Veja-se no II volume Apêndice C - Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 57-86.

²⁴⁶ Os exemplos dos oratórios da Casa Meneses em Curtorim, da Casa Gracias em Loutolim, da Casa Viegas em Raia, da Casa Furtado em Sinquetim, da Casa Roque Caetano Miranda em Loutolim, da Casa dos Miranda em Loutolim e da Casa José Filipe Abranches em Verná que apresentam arcos trilobados. Veja-se no II volume Apêndice C - Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 57-86.

²⁴⁷ O exemplo do oratório da Casa Veiga em Curtorim que apresentam arcos contracurvado. Veja-se no II volume Apêndice C - Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, p. 61.

²⁴⁸ Os exemplos dos oratórios da Casa Eugénio Mesquita em Benaulim, da Casa dos Colaço em Margão, o oratório-altar da Casa dos Santana da Silva em Margão que apresentam arcos de volta perfeita.

²⁴⁹ O exemplo dos oratórios da Casa Figueiredo em Loutolim, da Casa Barreto Xavier em Margão e da Casa Desidério Meneses de Margão, que apresentam uma estrutura rectilínea,

2.4.4.2. Trono

A capela do Solar Machado²⁵⁰ em Nagoã-Verná, dedicado ao Imaculado Coração de Maria, apresenta uma estrutura azul celeste e um trono piramidal composto por quatro degraus de planta hexagonal, sendo a peça central desta composição o último registo, onde se encontra o nicho de Nossa Senhora com o Menino. Os outros patamares servem de suporte a velas. Os ornatos, são as flores, as folhas e os motivos vegetalistas que preenchem a totalidade dos degraus.

2.4.4.3. Colunas

Dos oratórios que fazem parte da nossa investigação, detectamos que nem todos têm colunas. Dispusemos de alguns exemplares dos vários tipos de oratórios que fazem parte do nosso inventário e nos pareceram mais exemplificativos, pelas suas diferenças. Assim, constatamos que na maioria das composições o fuste se manifesta canelado, conforme podemos comprovar pelas colunas das casas Fidelis Pereira em Benaulim, Loyola Furtado em Chinchinim, Veiga em Corturim, Monte da Silva e Lourenço em Margão.



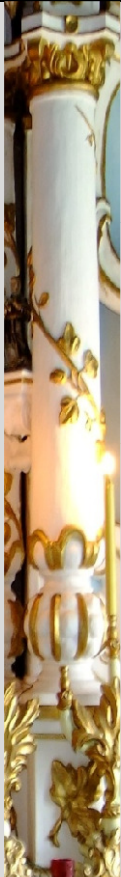



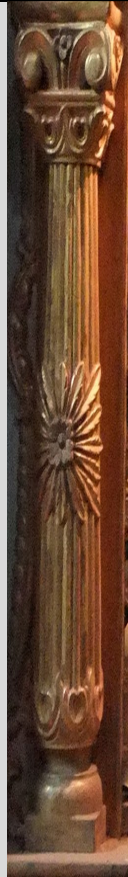



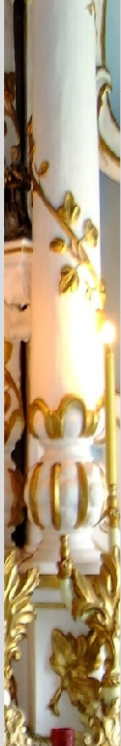







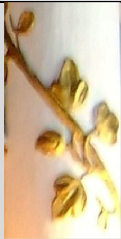



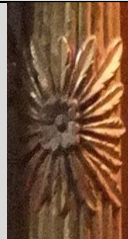

Análogo ao estilo Joanino, encontramos aplicada a delimitação do terço inferior por um anel, embora não tenhamos encontrado colunas salomónicas ou berninianas. Exemplificamos a delimitação do terço inferior nos oratórios das casas Tito Vaz em Assolná e Fidelis Pereira em Benaulim.

O oratório-altar da casa Tovar Dias em Chinchinim e da capela da Casa José Inácio Loyola em Orlim expõem colunas de fuste liso, marmoreado e decorado com enrolamentos de flores e folhas.

Conforme podemos verificar os fustes, estão da generalidade, decorados com flores e outros motivos vegetais.

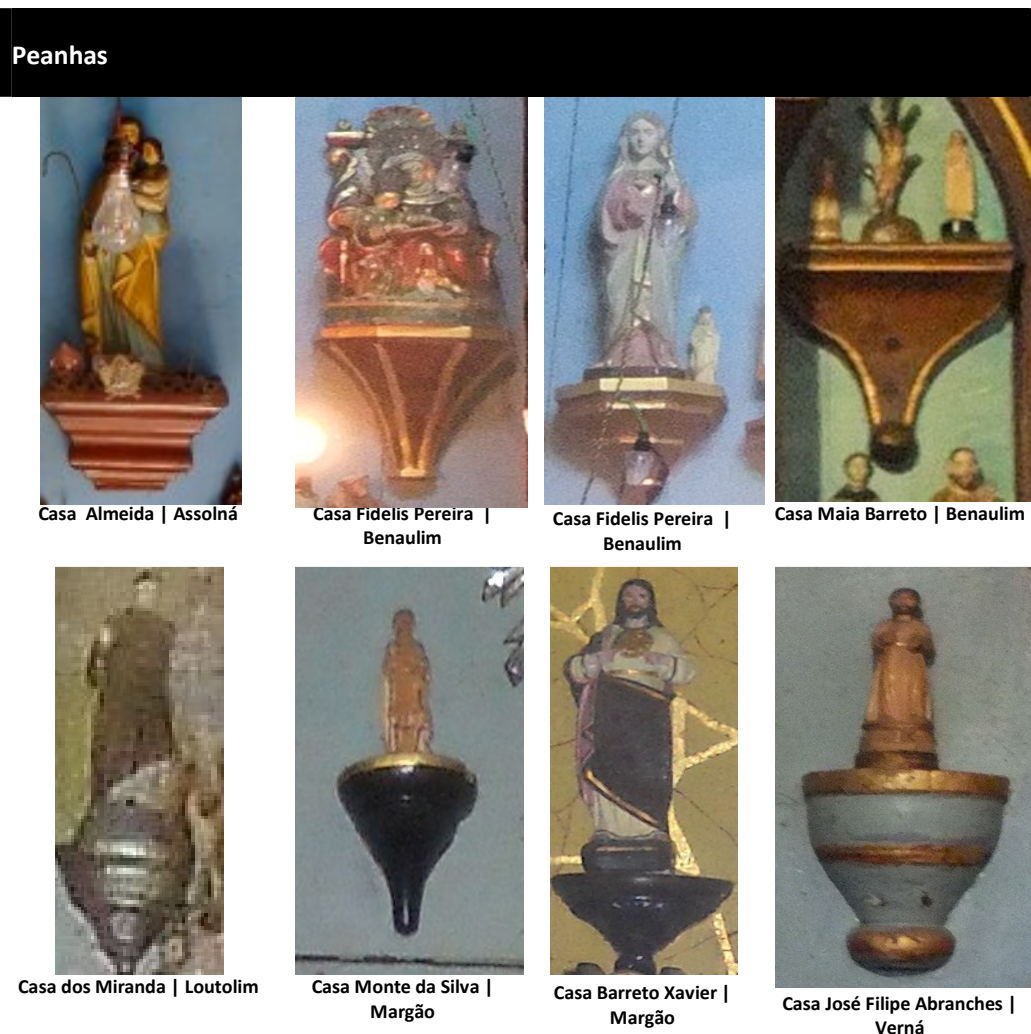
As colunas, estão na sua grande maioria encimadas por capitéis da ordem coríntia, de acordo com o gosto da Contra Reforma e com uma outra vertente vernacular, ao gosto dos encomendantes ou do próprio artista.

²⁵⁰ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na taluka de Salsete -.Capelas p. 86

Colunas dos Oratórios								
Identificação da Casa	Casa Tito Vaz Assolná	Casa Fidelis Pereira Benaúlim	Casa Tovar Dias Chinchinim	Casa Loyola Furtado Chinchinim	Casa Veiga Corturim	Casa Monte da Silva Margão	Casa Lourenço Margão	Casa José Inácio Loyola Orlim
Capitel								
Fuste								
Motivos Decorativos								
Tipo de Oratório ou Capela	Oratório de Parede	Oratório-altar	Oratório-altar	Oratório-altar	Oratório de Pousar	Oratório de Parede	Oratório de Pousar	Capela

2.4.4.4. Peanhas

Encontramos várias peanhas a suportarem a imaginária de vulto perfeito no interior dos pequenos oratórios, tratando-se de pequenos pedestais tratados com uma decoração meticulosa e pormenorizada, pela função a que se destinam. As peanhas encontram-se normalmente nas paredes do fundo dos oratórios. Os santos pousam nas peanhas²⁵¹, revelando uma criação de carácter hindu. A forma da peanha é variada, desde a piramidal invertida, ao hexágono, ao polígono ou ao meio círculo.



²⁵¹ «Toda a peanha, de madeira entalhada, é extraordinária e revela uma concepção fortemente indianizada. [...]» HESPANHA, António Manuel; AAVV. – *Os Construtores do Oriente Português. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1998. p. 323.

2.4.4.5. Coroamento

Apuramos que a decoração dos remates dos oratórios, oratórios-altar e capelas objecto do nosso estudo, manifestam alguma variedade no tratamento da gramática decorativa.

Os remates são decorados com elementos vegetalistas e florais, também surgem as cartelas, as coroas raiadas, os anjos e as volutas. Encontramos representações do Sagrado Coração de Jesus²⁵², do Imaculado Coração de Maria²⁵³ e do Espírito Santo²⁵⁴.

Encontramos no oratório da Casa Quadros em Margão, a representação do Espírito Santo, encimada por uma coroa e com anjos alados de cada lado dessa evocação. De ambos os lados da composição apresentam-se volutas a encimar esta estrutura, afigurando-se uma pequena sanefa côncava a evidenciar a sua importância.

Apontamos alguns oratórios rematados por frontões de vários formatos, alguns triangulares²⁵⁵, outros com motivos vegetalistas, que se apresentam ornamentados de forma delicada. Encontramos por vezes o sol²⁵⁶ a encimar a estrutura de alguns oratórios, *“pequenas arquitecturas utilizando formulário ocidental renascentista, nelas se fundem de forma densa mas harmónica, elementos orientais como o Sol (...)”*²⁵⁷ como símbolo da permanência dos modelos locais.

Normalmente os oratórios apresentam pináculos ou motivos vegetalistas nas extremidades, também encontramos anjos²⁵⁸ a encimar a composição. Os oratórios são geralmente rematados com uma cruz no vértice central.

O remate da capela da Casa dos Bragança Pereira em Chandor tem de cada lado da composição volutas e motivos vegetais simétricos, ao centro está uma estampa do Sagrado Coração de Jesus. O coroamento da capela da Casa José Inácio Loyola em Orlim prenuncia um friso de volta perfeita, ornamentado com uma coroa raiada ao centro, na qual apa-

²⁵² Encontramos representações do Sagrado Coração de Jesus na Casa Pereira em Benaulim e Casa Costa em Margão. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete – Monogramas, p. 92.

²⁵³ Encontramos representações do Imaculado Coração de Maria na Casa Tito Vaz em Assolná, na Casa dos Bragança Pereira em Chandor e na Casa Loyola Furtado em Chinchinim. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete – Monogramas, p. 92.

²⁵⁴ Encontramos a representação do Espírito Santo no oratório da Casa Quadros em Margão. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete – Monogramas, p. 92.

²⁵⁵ Conforme podemos comprovar através do oratório da Casa Eugénio Mesquita em Benaulim, o oratório da Casa Veiga em Curtorim, Oratório Capela da Casa Loyola Furtado em Chinchinim, Oratório da Casa Carminho Costa em Curtorim. Também a capela do Solar Machado em Nagoá-Verná apresenta um imponente frontão triangular de cor azul celeste, a encimar a estrutura retabular. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 57-86.

²⁵⁶ Encontramos o Sol a encimar o oratório-altar da Casa Roque Caetano Miranda em Loutolim e na Casa Gambeta da Costa em Margão. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 67 e 78.

²⁵⁷ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Catálogo, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999. p. 113.

²⁵⁸ Encontramos anjos nas duas extremidades da composição na Casa Tito Vaz em Assolná. Encontramos anjos a encimar a composição na Casa Quadros em Margão e na Casa Pereira em Benaulim. Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete, pp. 68; 72 e 83..

recem caras de anjos e uma voluta de cada lado da composição com motivos vegetalistas dispostos de forma simétrica.

O oratório-altar da Casa Loyola Furtado em Chichinim, compreende três nichos que terminam numa empena, apresentando-se seis pináculos que encimam a própria estrutura, emitindo uma acentuação vertical desta composição. A rematar este oratório-altar encontra-se um pequeno corpo rectangular, coroado com um frontão interrompido em asa de morcego, tendo no vértice central uma cruz.

A encimar os retábulos surgem os baldaquinos ou pequenos dosséis, com a intenção de facultar uma encenação de enquadramento, abrigando as imagens, demonstrando assim a sua importância. Encontramos sete exemplos de baldaquinos²⁵⁹ com superfícies planas, a coroar toda a estrutura. Encontramos lambrequins, no oratório-capela da Casa dos Miranda em Loutolim apresentando borlas no rebordo, enquanto que na Casa Álvares em Margão, embora não contenha lambrequins, no entanto emergem borlas penduradas. No oratório da Casa Figueiredo em Loutolim o baldaquino abriga o oratório, na Casa Grisóleo Gama em Verná o baldaquino surge a coroar as estampas do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria e o próprio oratório que se encontra de abaixo no mesmo plano. Na Casa Eugénio Mesquita em Benaulim, encontramos dois baldaquinos sobrepostos, um a resguardar a estampa do Sagrado Coração de Jesus e um outro que serve de suporte a essa mesma estampa e ao mesmo tempo surge a coroar o oratório. Na Casa Vasco Figueiredo em Nagoã-Verná, aparece-nos um baldaquino a abrigar as imagens do Sagrado Coração de Jesus e do Imaculado Coração de Maria a encimar o oratório-altar.

²⁵⁹ Veja-se no II volume Apêndice C – Oratórios e Capelas em Goa na *taluka* de Salsete – p. 91.

2.5. A Casa Sobrado e a Casa Pátio

2.5.1. O Enquadramento Histórico destas Tipologias de Habitação

A origem da palavra sobrado²⁶⁰, como tipologia de habitação é controversa na opinião dos etimologistas, conforme alude José Custódio Vieira da Silva, sobrado seria “(...) *apesar de tudo, a mais convincente (...) casa de dois andares que rapidamente evoluiu para casa importante*”²⁶¹. A palavra remonta à Idade Média, tendo sido adoptada na toponímia do Norte de Portugal e na Galiza, assim nas inquirições de D. Dinis há referência à casa sobrado “(...) *e a outra que ffoy de esteaum do Casal que chamam o paaço e a que chamam o ssobrado que he de Joham Garcia de farazom*”²⁶².

Rafael Bluteau²⁶³ define “sobrado” como o assoalhado de um dos andares da casa, menciona a casa sobrado dos romanos e refere que o sobrado se trata de uma casa que tem mais do que aquilo que é necessário para se viver comodamente.

A casa sobrado está associada a dois espaços, o paço e a sala, sendo comparável às residências da nobreza pela sua grandeza de extensão e por possuir dois pisos, o térreo e o andar sobrado. Também, por sua vez, a aplicação da expressão sobrado exprime um sinónimo de Casa de Concelho pela importância que detém um edifício público, com carácter de excepção e sem paralelo, assim, “*en Ponte de linhã en no sobrado da Casa do Conçelho da dicta villa en hu se de Custume soe de ffazer a vereaçom do dicto Conçelho*”²⁶⁴.

A tipologia de habitação casa pátio provém de civilizações antigas, tendo a sua origem no Egipto, nas civilizações Clássicas, Grega e Romana, também se reflecte na casa tradicional chinesa, na casa islâmica, há ainda referência desta tipologia de habitação no Brasil e na Índia.

No Egipto, Chueca Goitia²⁶⁵ menciona a descoberta de vestígios de “*pequenas casas ou células, constituídas por habitações minúsculas à volta de um pátio fechado*”²⁶⁶ e de dimensão variáveis consoante a hierarquia dos habitantes.

²⁶⁰ Sobrado «[...] *casa de dois andares que rapidamente evoluiu para casa importante. Só assim se compreende o papel que a palavra assumiu na toponímia sobretudo da Galiza e do Norte de Portugal [...] desta forma, a palavra sobrado terá que ser associado a paço e sala como outra designação das habitações da nobreza, distintas das residências comuns não só pelas dimensões mais avantajadas e número maior de dependências como também pela elevação em dois pisos: o térreo e o sobrado.*». SILVA, José Custódio Vieira da - *Paços Medievais Portugueses*. Instituto Português do Património Arquitectónico, Segunda Edição, Lisboa, Abril de 2002. pp. 21-22.

²⁶¹ SILVA, José Custódio Vieira da - *Paços Medievais Portugueses*. p. 21.

²⁶² IDEM, *Ibidem*, p. 22.

²⁶³ BLUTEAU, D. Rafael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: 1712, 1-2777capa t24-C-R0090, 672.

²⁶⁴ SILVA, José Custódio Vieira da - *Paços Medievais Portugueses*. p. 22.

²⁶⁵ Fernando Chueca Goitia, trata-se de um arquitecto e historiador natural de Madrid, Espanha. GOITIA, Fernando Chueca – *Arquitectura Muçulmana Peninsular e sua influência na Arquitectura Cristã*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

²⁶⁶ Chueca Goitia referiu uma descoberta em Kahun do Egipto, SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. p. 59.

Na Grécia Antiga, as casas eram viradas para o interior, organizadas em torno de um pátio central aberto, aí se dispunha o altar doméstico, e existiam três alas com funções específicas. Estas casas não pautavam pelo aparato exterior e caracterizavam-se por terem dois andares, no piso inferior ficavam as divisões sociais, como a sala de estar na qual ao fundo, de modo a receber a luz do pátio ficava o *andron*²⁶⁷, assim como a cozinha e a dependência do banho. O piso superior estava reservado ao *tálamo*²⁶⁸, ao *geniceu*²⁶⁹ e às divisões dirigidas aos escravos das casas.

As primeiras casas Romanas com *atrium*²⁷⁰ parecem ter sido influenciadas pelos Etruscos, com plano rectangular e construídas em pedra. De início o pátio seria um espaço onde os homens e os animais se recolhiam, no centro existia um tanque que amparava a água da chuva e que poderia servir para os animais beberem. Mais tarde em torno deste espaço abriram-se e dispuseram-se divisões específicas, o *atrium* teria a papel de centro da casa, local onde se convivia, se cozinava e comia. Nas noites de calor deslocavam-se para aí os leitos, também era neste local que ficavam expostos os familiares recém-falecidos. Com o passar do tempo, o *atrium* deixou de ser o centro primordial de vida doméstica para se transformar num espaço onde os clientes vinham saudar e solicitar o patrono, o senhor da casa de quem dependiam, para a cerimónia diária. O *atrium* continuou a conservar as suas iniciais funções, através do *compluium*²⁷¹, o *impluium*²⁷². Os Romanos influenciaram-se na grandiosidade da Grécia. E à sua semelhança adicionaram “*espaços verdejantes e rodeados de colunas (...) acrescentam como uma segunda casa em torno de um jardim (...) com uma pequena fonte ao centro e um pórtico de belas colunas*”²⁷³, em torno desse espaço, desabam divisões mais largas e arejadas, localizando-se aí a cozinha e a sala de jantar e é aí que a família passa a viver. O jardim perdura ao fundo da casa.

²⁶⁷ O andron consistia numa sala de refeições utilizada pelos homens para receber os amigos.

²⁶⁸ O tálamo designa o quarto conjugal da Grécia clássica. FERREIRA, José Ribeiro – *Civilizações Clássicas I Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1966. p. 241,

²⁶⁹ Na antiguidade grega, o geniceu é um aposento reservado às mulheres. FERREIRA, José Ribeiro – *Civilizações Clássicas I Grécia*. p. 241.

²⁷⁰ O atrium é um «Espaço descoberto, e geralmente rodeado de pórticos que existe em alguns edifícios. [...] Pátio interior das casas romanas em comunicação directa com os aposentos». AA.VV, *História da Arte – Glossário, Índice Geral da Obra*. Vol. 20. Barcelona: Editorial Salvat, 2006, ISBN: 978-84-471-0476-5.

²⁷¹ O compluium é o espaço deixado a descoberto para a passagem livre das águas da chuva. SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 63.

²⁷² O impluium é o espaço correspondente ao compluium no chão «tanque onde as águas eram recolhidas e aproveitadas, escoadas para um depósito subterrâneo para posterior utilização, ou, quando o abastecimento de água não constituía problema para os proprietários da casa, para fins ornamentais em pequenas cascatas e repuxos que refrescavam e alegravam o ambiente». CENTEIRO, Rui Manuel Sobral – *Civilizações Clássicas II Roma*. Universidade Aberta, Lisboa, 1997. p. 185.

²⁷³ CENTEIRO, Rui Manuel Sobral – *Civilizações Clássicas II Roma*. p. 186.

Na China a casa tradicional é quadrada, designada de *Ming-t'ang*²⁷⁴, composta por um pátio, com a função de amparar a água da chuva e a saída de fumo e firmada conforme as normas da geomancia, diligenciando atrair e harmonizar as energias vitais existentes no solo. A geomancia assume um carácter de tal forma importante, que muitos povos só iniciam uma construção após consultarem um geomante.

As casas islâmicas estão relacionadas com as determinações do Alcorão, da importância da família e de preservar as mulheres, mantendo-as dentro de casa. Daí que as suas casas tivessem sido reservadas e desenvolvidas em torno de um pátio com a intenção da família descansar e trabalhar “*uma casa fechada em volta de um claustro, com um jardim ou uma fonte ao centro numa evocação do Éden*”²⁷⁵. A fachada poderia ter um aspecto austero, na medida em que poderia ser apenas uma parede branca sem janelas, se por acaso as tivesse essas seriam pequenas, ou então “*se as janelas se encontrassem em pisos mais elevados então serão maiores, protegidas por gelosias sobre a rua, não permitindo nunca que dela se vislumbre o interior*”²⁷⁶. A entrada das casas é espaçosa e poderia mesmo ser esplendorosa, apresentando-se com cores. A entrada dava acesso a uma sala para os homens²⁷⁷, no entanto a parte maior das casas estava reservada às mulheres, a “área sagrada” sala esta que estava ligada a um pátio sendo restrita a homens, exceptuando os da casa. Há menções²⁷⁸ que a partir do século XIII esta tipologia sofre alterações sendo por vezes excluído o espaço do jardim, as casas mais ricas também poderiam ter dois pátios com uma fonte no centro.

No Brasil, na região do nordeste, no século XVIII temos indicação de redutos que patenteiam conhecimento de projectos que incluem normas de influência portuguesa através da via colonizadora, “*o pátio surge na arquitectura civil brasileira no final do século XVIII (...) através dos livros de Tratadistas do Renascimento*”²⁷⁹, temos indicação que no Estado da Bahia no município de Candeias, a Casa do Engenho em Matoim é vista como a casa mais exemplificativa de casa pátio, por ser desenvolvida à volta de um pátio rectangular. Também em Salvador surgem alguns exemplos.

²⁷⁴ Ming'tang é o nome da casa tradicional chinesa. «*tem os quatro lados orientados para as quatro estações, sendo cada um aberto por três portas “num total de doze portas [...]”*». SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. p. 65.

²⁷⁵ IDEM, *Ibidem*, p. 67.

²⁷⁶ IDEM, *Ibidem*.

²⁷⁷ «*[...] sala para os homens onde a decoração indica o nível económico da família e onde aqueles queimam o tempo falando de poesia ou de religião*». IDEM, *Ibidem*.

²⁷⁸ «*[...] Nas regiões do Magreb (palácio de El-Eubbad (Tremecén) e casas de Qasr Seghir) e de Valencia*». IDEM, *Ibidem*. p. 69.

²⁷⁹ IDEM, *Ibidem*. p. 69.

A cultura indiana recebeu um misto de várias influências de carácter histórico que se expressaram na arquitectura religiosa e civil, conforme menciona Ângelo Silveira, “... já ao nível da arquitectura doméstica elas são mais ténues, materializando-se em aspectos formais e decorativos e não nos estruturais”²⁸⁰. A casa pátio da Índia está relacionada com determinadas condições que a tornaram favorável, como o carácter climático, a importância da família, o isolamento da mulher, a protecção do espaço privado e o suporte místico ligado aos ritos védicos²⁸¹, os quais foram legado pela antiga civilização dos Arianos, oriundos da Ásia Central e que entraram na península pela região do Vale do Indo²⁸², local onde se encontram as referências mais antigas desta tipologia de habitação. As várias religiões concomitantes no continente indiano, podem ou não partilhar do princípio dos Vedas mas todos são unânimes em realçar o papel importante da família e em expor esse facto nas suas casas através do resguardo do espaço privado.

2.5.2. Os Pátios das Casas Pátio e das Casas Sobrado

Em Goa, o pátio é reconhecido como Rozangon, resultando do termo hindu Raj Angon, que denomina um pátio interior, situado numa zona centrada e sem cobertura, e envolvido de colunas, com carácter importante nas casas da Índia. Os cristãos associam o termo a um pátio interior de rosas. Em Salsete, conforme nos indica Luís Filipe Thomaz, os jesuítas conseguiram que os cristãos trocassem “a planta sagrada usada como protecção – tulâss – que todo o hindu mantinha na entrada de sua casa, por uma roseira de Santa Catarina ou por um cruzeiro, tornando, assim, fácil a identificação das habitações”²⁸³.

As casas pátio são ordenadas à volta de um pátio sobretudo interiores, que se abrem para as várias divisões da casa, também encontramos frequentemente pátios nas casas sobrado. Identificamos que a maioria dos pátios são fechados, contudo, algumas residên-

²⁸⁰ IDEM, *Ibidem*. p. 71.

²⁸¹ Vedas – sagradas escrituras hindus. IDEM, *Ibidem*. p. 29.

²⁸² Civilização do Vale do Indo (2500 a. C.) «civilização complexa e rica onde assentam os princípios do hinduísmo». Os Arianos (2500-1500) a.C.) «Oriundos da Ásia Central, entraram na península pela região do Vale do Indo [...] De pouco contacto com outros povos e habituados a uma relação estreita com a Natureza, trouxeram consigo o culto das forças naturais e cósmicas [...] Estruturaram e doutrinaram os Vedas (sagradas escrituras hindus). [...] A teoria de alguns historiadores modernos de que os Arianos trouxeram (cerca de 2000 a. C) os rituais e os costumes védicos não oferece muita consistência, na medida em que a cultura do Vale do Indo floresceu antes, entre 3500 a 2500 a. C. Muitos dos aspectos do hinduísmo, prescrição dos Vedas, já eram seguidos pelas culturas do Indo». IDEM, *Ibidem*. p. 71. pp. 29-31.

²⁸³ Os cristãos substituíam a planta sagrada, tulâss pela roseira de Santa Catarina «tornando, assim, fácil a identificação das habitações dos cristãos locais, ao mesmo tempo em que se combatia uma manifestação de “gentilidade”». THOMAZ, Luís Filipe - *O cristianismo e as tradições pagãs na Índia portuguesa - Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. v. 4. pp. 9-10.

cias possuem mais do que um pátio, podendo ser de feição diferente. Os cristãos preservaram este espaço, conforme alude Ângelo Silveira “(...) o pátio surge na casa cristã associado a uma necessidade climática, a uma conveniência de programa no respeito por um tipo de construção com que os hindus estavam particularmente familiarizados”²⁸⁴, emergindo no piso térreo, ligado a uma herança arquitectónica hindu, aliado às suas formas tradicionais de vivência.

Os pátios dos cristãos de Salsete, encontram-se normalmente fechados no interior das habitações, contudo, passamos a identificar outras designações, classificadas por Ângelo Silveira²⁸⁵, assinalados como os pátios em “L”, pátios em “U” com uma ala proeminente, pátios fechados de origem, os quais podem ter uma galeria circundante aberta ou fechada, também existem os pátios fechados por cumulação, pátios que resultam da reformulação da casa, da construção de uma nova frente, pátios jardim, pátios com poço (doméstico), pátios-saguão, pátios agrícolas, pátios com capela, pátios de aparato e pátios com escadaria de acesso à casa.

Exemplificamos com os pátios da casas sobrado dos Miranda²⁸⁶ em Loutolim, que se apresenta centrado com uma galeria circundante fechada, onde se abrem vários dependências, como salas, a capela e a cozinha. Expomos entre outras as casas pátio Barreto Cruz²⁸⁷ em Benaulim e a casa Tovar Dias²⁸⁸ em Chinchinim com um pátio fechado.

Assinalamos como pátio em L, o pátio da casa sobrado Aureleano Miranda²⁸⁹ em Margão e a casa pátio Eugénio Mesquita em Benaulim que se apresenta em U.

Conforme menciona Hélder Carita²⁹⁰, o pátio central, que durante o século XVIII surge com uma forma circundante de galeria com colunas sem ser completamente fechado, acaba por se fechar completamente durante o século XIX, tornando-se como um componente gerador da organização dos interiores.

²⁸⁴ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. p. 183.

²⁸⁵ IDEM, *Ibidem*. pp. 183 -191.

²⁸⁶ Veja-se no II volume Apêndice D – Imagens de Pátios. Pátios fechados. pp. 95-100.

²⁸⁷ Veja-se no II volume Apêndice D – Imagens de Pátios. Pátios fechados. pp. 95-100.

²⁸⁸ Veja-se no II volume Apêndice D – Imagens de Pátios. Pátios fechados. pp. 95-100.

²⁸⁹ Veja-se no II volume Apêndice D – Imagens de Pátios. Pátios em L. p. 101.

²⁹⁰ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. p. 162.

2.5.3. As Casas Cristãs Sobradadas

Esta tipologia de habitação consta de um andar térreo e um primeiro andar. As casas sobrado de Salsete, na sua grande parte, desenvolvem-se a partir de um centro marcado para a entrada principal, caracterizando-se por ter uma fachada simétrica.

As casas sobrado de Salsete apresentam no primeiro piso grandes janelas decoradas, geralmente de sacada ao contrário do andar térreo que apresenta janelas de peitoril e menos ornamentadas. As janelas de sacada estão dentro do esquema utilizado para ventilação das casas. As janelas de carepas fazem parte das residências de Goa, a sua forma de disposição, com pequenas aberturas, proporcionava uma movimentação do ar, para além de proteger da chuva durante a época das monções.

Os alpendres normalmente não se manifestam nestas casas, embora tivéssemos constatado que a Casa Silva Coelho²⁹¹ é um dos poucos exemplares que temos de casa sobrado com alpendre no rés-do-chão, formado pelo próprio varandim superior, sendo esse alpendre rematado centralmente com um mirante. Também a Casa dos Bragança²⁹² em Chandor nos apresenta uma estrutura semelhante em forma de alpendre no piso térreo. Verificamos que estes dois alpendres têm características diferentes das das casas pátio, não apresentando a imponente escadaria central.

Geralmente as residências de tipologia sobrado não difundem colunas nas fachadas, assinalamos que das dezasseis casas de tipologia sobrado que visitamos, apenas a Casa Cabral²⁹³ em Nagoá-Verná possui colunas ao longo da varanda recuada e corrida, caracterizada por expressar uma tipologia arquitectónica diferente da fachada principal, apresentando um só piso, assente numa plataforma alta.

Apuramos que as pilastras adossadas são uma constante nas duas tipologias de habitação por nós estudadas, regularmente encontramos a alternância de pilastras com janelas, no caso específico da tipologia casa sobrado, verificamos o emprego de pilastras que dividem as casas em várias secções.

Verificamos que não é comum encontrarmos frontões a encimar as janelas, contudo, vemos na Casa Santana da Silva em Margão, frontões ondulados ao longo de cada janela de sacada individual e que se repetem continuamente com a mesma decoração.

²⁹¹ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Sobrado em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.12. p. 13.

²⁹² Veja-se no II volume Apêndice C - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Sobrado em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.01. p. 10..

²⁹³ Veja-se no II volume Apêndice C - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Sobrado em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.14. p. 14,

A Casa dos Bragança apresenta na entrada da casa a encimar o alpendre uma composição rematada por um frontão triangular contendo pináculos nas suas extremidades.

O brasão de armas apresenta-se a rematar a porta principal de algumas casas sobrado, como a Casa Mariano Álvares²⁹⁴ em Margão e a Casa dos Miranda²⁹⁵ em Loutolim. Na Casa dos Bragança em Chandor, o brasão está patente na fachada principal da casa, entre duas janelas de sacada com varanda conjunta.

Os telhados de tesoura são muito altos e muito inclinados, constituindo uma soluções de arejamento e ventilação dos interiores, “*o facto de os climas de ambas as regiões incluírem chuvas torrenciais e sol forte pode ser razão suficiente para a similitude da resposta formal, isto é, dos telhados inclinados dos beirados salientes*”²⁹⁶, encontramos como o único exemplo a Casa Santana da Silva²⁹⁷ em Margão, a grande maioria das casas apresenta telhados de quatro águas.

A casa sobrado caracteriza-se por ser composta de um andar térreo e por um piso superior, contudo no século XVIII “*a par de uma autonomia das famílias brâmanes e chardós, a casa sobrado perde o seu valor e significado de modelo de casa senhorial*”²⁹⁸, como tal verificamos que se começam a formar casas com um piso térreo baixo com pequenas janelas, conforme podemos verificar na casa Cabral²⁹⁹ em Nágão (Verná) e na casa Araújo³⁰⁰ em Verná. Posteriormente apuramos a transição da casa sobrado para a casa pátio, observamos na fachada principal, uma plataforma alta, como podemos observar na casa Ângelo da Costa³⁰¹ em Curtorim, Loyola Furtado³⁰² em Chinchinim, na casa Figueiredo³⁰³ em Loutolim, na casa Paulito Meneses³⁰⁴ em Curtorim e o exemplo da casa

²⁹⁴ Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa, Brasões, Casa dos Mariano Álvares em Margão. Fig. p. 51.

²⁹⁵ Constâncio do Rosário e Miranda (antepassado de Mário Miranda, o actual dono da casa) recebeu no século XIX o título de Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real e o Brasão de armas, o qual se apresenta a encimar na entrada principal da casa. Veja-se no II volume Apêndice B – Expressão decorativa – Brasões, Casa dos Miranda em Loutolim. Fig., p. 51.

²⁹⁶ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. p. 267.

²⁹⁷ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens das Casas da *taluka* de Salsete em Goa - Tipologia de Casa Sobrado, Casa n.º.11. p. 13.

²⁹⁸ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. p. 148.

²⁹⁹ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Sobrado em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.14. p. 14.

³⁰⁰ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Sobrado em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa Ângelo da Costa n.º.15. p. 14.

³⁰¹ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Pátio em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.15. p. 25.

³⁰² Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Pátio em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.13. p. 25.

³⁰³ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Pátio em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.26. p. 29.

³⁰⁴ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Pátio em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.20. p. 27.

Barreto Xavier³⁰⁵ em Margão, no século XIX a plataforma pende a fixar-se numa altura de cerca de um metro e meio.

Nas casas sobrado, encontramos frequentemente pátios interiores que se abrem para vários aposentos da casa.

Os oratórios e as capelas fazem parte desta tipologia de habitação.

2.5.4. As Casas Pátio Cristãs

Apresentam um só piso, o auge decorativo apresenta-se na fachada principal.

As janelas apresentam-se de peitoril ou de sacada, dever-se-ão ao modelo difundido pelas casas sobrado. Tal como na casa sobrado surgem de variados formatos, de estrutura rectilínea ou de verga recta, ortogonais simples, com arcos de volta perfeita, com arcos abatidos, com arcos trilobados, com arcos quebrados e arcos contracurvados envoltos de molduras, com correspondência nos vãos.

Apareceram as varandas independentes, estreitas e corridas apoiadas em mísulas ou sobre um elemento corrido³⁰⁶, tendo mais tarde sido prolongadas, passando a apresentar os telhados autónomos.

O alpendre é eminente na casa pátio cristã, associado a um valor simbólico, da distinção da família, não sendo permissível a autorização de o arquitectar a todas as castas. Caracterizam-se por se encontrarem no centro da fachada, perfazendo usualmente uma equilibrada simetria, frequentemente ligados a varandas, de ambos os lados com proporções correspondentes. Estas varandas compreendem janelas de sacada que dão para os salões da casa. O alpendre passou a ser regularmente mais utilizado a partir do final do século XVIII³⁰⁷, considerado com uma ambiência adequada para conceber proximidade através do convívio entre castas, por ser encarado como uma sala no exterior da residência. Distingue-se por ter colunas ou pilares, e de ser acessível através de uma escadaria, concedendo movimento à fachada.

As colunas são uma constante da tipologia casa pátio, surgindo ligadas ao apoio do alpendre, sem comportarem de uma influência concreta ou um estilo específico, embora estejam mais comparadas com uma estética de inspiração coríntia, conforme podemos

³⁰⁵ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Pátio em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa n.º.30. p. 30.

³⁰⁶ Veja-se no II volume Apêndice A - Tabelas de Identificação e Imagens da Tipologia de Casa Pátio em Salsete – Goa - Tabela de imagem, Casa Lourenço – Margão n.º.37. p. 33.

³⁰⁷ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. p. 170.

observar nos capitéis apresentando formas exóticas, com florões, flores de pétalas, folhas de acanto e outros motivos florais.

Os frontões, aparecem ligados às duas tipologias de habitação por nós estudadas. Exemplificamos com a Casa Lar Soter da Gama³⁰⁸ em Nagoá Vernã, que compreende frontões triangulares a encimar as janelas de peitoril, as alas desta casa são simétricas e cada composição é completada por um frontão triangular contendo um pináculo no vértice do telhado.

Os brasões ocorrem nas casas de Salsete, independentemente da tipologia da casa, mostramos os brasões de armas que evidenciam a entrada das casas pátio das famílias Fernandes Mesquita³⁰⁹ em Benaulim e Álvares em Margão³¹⁰.

Nas casas pátio encontramos casas ordenadas à volta de um pátio interior que se abrem para vários compartimentos da casa.

O *vasary*, como elemento herdado das casas tradicionais hindus, considerada a sala mais importante com simetrias e normas claras, três vezes mais comprida do que larga. Constatamos que existe uma sala com estas características, nas duas tipologias por nós estudadas, assinalada por ser um local de refeições em família e regularmente por aí estar localizado o oratório, ou oratório-altar das famílias cristãs.

Os oratórios e as capelas fazem parte das casas cristãs de Salsete, independentemente de serem da tipologia da casa pátio ou da casa sobrado. Detectamos que as capelas são de carácter mais restrito, sendo atingíveis apenas a famílias com maiores recursos económicos capazes de comportar a despesa da sua edificação e a devida ornamentação.

2.6. Os Aspectos Similares e Divergentes entre a Casa Cristã de Salsete e a Casa Nobre Portuguesa

As fachadas das casas sobrado de Salsete, caracterizam-se por serem compostas de um andar térreo e um piso superior, assemelhando-se à casa nobre portuguesa, que se desenvolve usualmente com dois andares, sendo o primeiro piso o dominante, designado de *“andar nobre, que corresponde ao segundo sobrado”*³¹¹, o piso habitado pela família,

³⁰⁸ Veja-se no II volume Apêndice B – Elementos de Nobilitação e decoração da fachada – Frontões, p. 50.

³⁰⁹ Veja-se no II volume Apêndice B – Elementos de Nobilitação e decoração da fachada – Brasões, pp. 51-52.

³¹⁰ O Brasão encontra-se a encimar a porta principal da casa e também o encontramos no salão a encimar as portas, centralizado nas graciosas sanefas. Veja-se no II volume Apêndice B – Elementos de Nobilitação e decoração da fachada – Brasões, pp. 51-52.

³¹¹ ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira – *O Porto na Época dos Almadás – Arquitectura, Obras Públicas*, p. 128.

enquanto que o piso térreo seria para arrecadações e outros serviços necessários. A casa pátio apresenta um só piso e o auge decorativo apresenta-se na fachada principal.

Ambas as tipologias por nós analisadas, manifestam uma ampla fachada, em conformidade com a arquitectura portuguesa, assim, Joaquim Jaime B. Ferreira Alves descreve a fachada da casa nobre como tendo um “*desenvolvimento horizontal, criando longas fachadas (...)*”³¹². Em Salsete, encontramos algumas entradas descentradas, mas na sua maioria as casas apresentam-se com uma entrada principal centrada com proporções idênticas de ambos os lados,

Na arquitectura portuguesa, Carlos de Azevedo alude “*A casa fechada cede o lugar a uma nova concepção em que a mesma se abre para o exterior, buscando maior contacto com a natureza, rasgando e multiplicando aberturas, procurando rodear-se de um interesse paisagístico*”³¹³, esta particularidade emergiu no Renascimento, embora a arquitectura portuguesa tenha alcançado uma renovada expressão durante a primeira metade do século XVIII, assim, a entrada nobre da casa setecentista apresenta normalmente uma entrada engrandecida por colunas e pilastras a suportar o balcão. Relacionamos essa singularidade com o alpendre das casas pátio das elites de Salsete, onde detectamos semelhanças por apresentar colunas, pilares e pilastras, sendo normalmente alcançável através de uma escadaria que exprime uma percepção de movimento, em sintonia com as características da casa nobre portuguesa, a qual se apresenta como um componente fundamental. Hélder Carita considera que o alpendre se integra “*na evolução da arquitectura indo-portuguesa (...) tendo uma origem portuguesa*”³¹⁴. Apuramos que nas casas sobrado de Salsete, não é vulgar encontrarem-se alpendres nas fachadas, contudo, encontramos dois exemplares formados pelo próprio varandim superior não ostentando escadas exteriores, sendo o acesso ao andar superior realizado através de uma escadaria no interior da casa, ao contrário da casa pátio, assim, o alpendre da casa sobrado apresenta uma configuração completamente diferente da casa pátio.

No centro urbano de Margão, encontramos com maior frequência as casas cristãs à face da rua sem qualquer vedação e em menor escala encontramos aí casas com um pequeno muro a separar a via privada da via pública. Conforme atesta Joaquim Jaime Ferreira Alves, “*A casa nobre portuense, construída à face da rua, no Porto intramuros, desconhecia o jardim*”³¹⁵. Já nas pequenas cidades, vilas e aldeias do concelho de Salsete,

³¹² ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - *A casa nobre no Porto na época moderna*. p. 16.

³¹³ AZEVEDO, Carlos de - *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. p. 53.

³¹⁴ CARITA, Hélder - *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. p. 166.

³¹⁵ ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - *O Porto na Época dos Almadas – Arquitectura, Obras Públicas*. p. 129.

encontramos com mais frequência os jardins, limitados por muros e portais a anteceder a entrada na casa, também similarmente com o que acontecia na casa nobre. Exemplificamos com os palacetes portuenses edificados extramuros “*é que o jardim aparece, algumas vezes com uma certa grandiosidade (...)*”³¹⁶.

À semelhança da casa nobre portuguesa, as casas sobrado de Salsete apresentam no primeiro piso grandes janelas decoradas, geralmente de sacada ao contrário do andar térreo que apresenta janelas de peitoril e menos ornamentadas. Carlos de Azevedo alude “*(...) todo o esforço arquitectónico e decorativo se concentra na fachada*”³¹⁷, a importância da casa é prontamente calculada pela opulência das janelas, a aplicação da janela de sacada foi uma das inovações inseridas na arquitectura durante o Renascimento, e que passou a fazer parte integrante da arquitectura doméstica portuguesa em pleno século XVIII. As janelas viradas para o exterior, passam a ser comuns nas casas cristãs de Goa, tornando-se ornamentadas independentemente da tipologia de habitação e afigurando-se de várias formas, de estrutura rectilínea ou de verga recta, ortogonais simples, com arcos de volta perfeita, com arcos abatidos, com arcos trilobados, com arcos quebrados e arcos contracurvados envoltas de molduras, com correspondência nos vãos. Em Salsete, verificamos várias varandas autónomas, estreitas e corridas apoiadas em mísulas ou sobre um elemento corrido, as quais detinham um grande efeito decorativo, apresentando os telhados autónomos. Também na casa nobre portuguesa tiveram uma função relevante, assim “*Das inovações introduzidas na arquitectura a adopção da varanda é porventura a mais importante e não mais abandonará a casa portuguesa*”³¹⁸.

Em Goa o vidro tornou-se acessível apenas no século XIX, tendo-se até aí recorrido ao uso de carepas nas janelas, tendo sido largamente usado, pela funcionalidade de protegerem os ambientes da imensa luz, facultando uma luminosidade translúcida, contribuindo para uma atmosfera suave para além de protegerem das chuvas durante o período das monções. A utilização das carepas não tem a sua origem em Portugal, ficamos sugestionados a acreditar que sejam de origem hindu, mas tal como atesta Hélder Carita “*É no entanto estranho que os inúmeros relatos de viajantes que escreveram sobre a Índia entre os séculos XVI e XVIII só refiram a existência destas Karepas nas cidades portuguesas*”³¹⁹, acreditamos que tenham tido a sua origem numa ideia desenvolvida pelos portugueses.

³¹⁶ IDEM, *Ibidem*.

³¹⁷ AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. p. 70.

³¹⁸ IDEM, *Ibidem*, p. 53.

³¹⁹ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. p. 86.

No inventário de casas por nós definido na *taluka* de Salsete, verificamos que não é comum encontrarmos frontões a encimar as janelas, no entanto, temos alguns exemplos. Na casa nobre portuguesa a propensão era “*para acentuar a linha superior dos edifícios, efeito obtido pela decoração dos telhados e pelo emprego de frontões e outros ornatos que coroam as fachadas*”³²⁰.

As portas das casas de Salsete, assinalam-se por não conceberem um carácter grandioso, comparadas com os elementos ornamentais das fachadas, sendo normalmente de verga recta ou de arco abatido ou mesmo trilobado, possuindo molduras, regularmente a condizer com a delineação das janelas. Distinguem-se sobretudo quando o brasão de armas da família é evidenciado na entrada da casa. Verificamos que independentemente da tipologia de habitação, o brasão remata a porta principal de algumas casas, também surgem no seu interior, nas consideradas zonas nobres da casa, mais precisamente no salão da casa, a decorar as sanefas e os espelhos. Nas casas nobres portuguesas é comum encontrarmos o brasão de armas, a evidenciar a entrada.

Só a tipologia casa pátio é que apresenta colunas, surgindo ligadas ao apoio do alpendre, sem sofrerem de uma influência concreta de um estilo em particular, contudo estão mais relacionadas com uma estética de inspiração coríntia. As pilastras adossadas são uma constante nas duas tipologias de habitação por nós estudadas, apuramos normalmente a alternância de pilastras com janelas. Na casa nobre portuguesa, Carlos de Azevedo qualifica as fachadas setecentistas como sendo “... *articuladas com pilastras lisas e pouco salientes que as dividem em três ou mais secções. Frequentemente, as pilastras são acentuadas, sobre os telhados* ...”³²¹.

Independentemente da tipologia de habitação, encontramos capelas e oratórios nas casas de Salsete. Em conformidade com a casa nobre portuguesa encontramos capelas integradas nas fachadas das casas, assim, Carlos de Azevedo enuncia “*O segundo tipo de casa que se desenvolve durante o século se setecentos e que adquire expressão muito característica é a casa que integra a capela na fachada*”³²². Também os oratórios se encontram em conformidade com os modelos portugueses, havendo um conjunto de aspectos similares relacionados com o catolicismo que são de devoção habitual em Portugal, explicável pela permanência portuguesa na Índia, o exemplo dos oratórios que apresentam um fundo azul claro decorados com estrelas pintadas de dourado, a imaginária luso-oriental. Deparamo-nos com várias estampas, na sua grande parte alusivas ao

³²⁰ AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. p. 71.

³²¹ IDEM, *Ibidem*, p. 71.

³²² IDEM, *Ibidem*, p. 81.

Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, conforme atesta Sofia Vechina, “*estas estampas circulavam em Portugal (...)* ”³²³, análogas às que se apresentam na Casa–Museu de Arte Sacra Franciscana Secular de Ovar.

Em relação aos pátios, comuns nas duas tipologias de habitação indagadas em Goa, detectamos que a casa pátio, no seu interior se desenvolve em torno do pátio central. Também a casa sobrado se apresenta, frequentemente com pátios interiores que se abrem para vários aposentos da casa. Os pátios não estão relacionados com a casa nobre portuguesa, contudo existem alguns raros exemplos, como na Casa da Quinta das Torres próximo do local da Bacalhoa, apresentando uma planta de feição italiana, “*que nada tem que ver com a arquitectura tradicional portuguesa*”³²⁴.

³²³ Vechina, Sofia Nunes – *Arte e Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça. Comemorações do Centenário da Igreja Matriz 1910-2010*. pp. 38-39.

³²⁴ AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. p. 50.

3. Conclusão

O propósito deste trabalho foi o estudo específico de duas tipologias de casas cristãs circunscritas à *taluka* de Salsete em Goa, com a finalidade de entendermos as interinfluências estéticas que as ligassem à casa nobre portuguesa. Com este objectivo, analisamos a morfologia das casas cristãs e detectamos similitudes.

As casas sobrado caracterizam-se por serem compostas por um andar térreo e um piso superior, assemelhando-se à casa nobre portuguesa. A casa pátio, apresenta um único piso, por vezes com uma plataforma alta, e manifesta o auge decorativo na fachada, exibindo normalmente o alpendre e as colunas, as quais se trata de uma especificidade desta tipologia de habitação, sem reportarem a uma influência concreta. Ambas as tipologias expressam uma ampla fachada, em conformidade com a casa nobre portuguesa.

Encontramos influências de carácter social que permitem explicar os conceitos estéticos introduzidos nas residências das elites de Goa, relacionados com a forma de estar dos portugueses, patente na imagem veiculada dos vice-reis, dos governadores, estendendo-se aos nobres, através de um cerimonial, que se combina por uma postura de aparato, como forma de registar a superioridade da metrópole, face ao domínio e à riqueza dos príncipes orientais. Admitimos, que nesta perspectiva, os portugueses levaram para a Índia os conceitos estéticos da casa nobre, sendo absorvidos pelas elites autóctones e expostos com uma combinação de costumes indianos e portugueses, pautados por uma evolução própria, que se faz sentir nas casas por nós estudadas, edificadas entre o século XVII e o século XIX.

As janelas passam a ter um novo horizonte, viradas para o exterior da casa. A sua função está dentro do esquema usado para ventilação das residências, correspondendo ao desenvolvimento do modelo da janela de sacada veiculado nas casas sobrado de origem genuinamente portuguesa, ligadas à introdução da varanda.

O alpendre, surge como um dos elementos mais efusivos da decoração das fachadas das casas pátio, apreendendo os princípios arquitectónicos e formais procedentes de Portugal, com afinidades aos pórticos das casas nobres. Nas casas das elites autóctones de Salsete, os alpendres caracterizam-se por terem uma evolução própria e serem assinalados como um atributo de poder, acessíveis através de uma escadaria, compreendendo colunas ligadas ao seu apoio.

As capelas privadas que fazem parte do nosso inventário, simbolizam a religiosidade e o poder, por apenas ser possível esta edificação às famílias com maiores recursos econó-

micos, capazes de comportar a despesa da sua edificação e conseqüente ornamentação. Os oratórios invocam a fé, pela força da imaginária que prenuncia uma determinação ocidental, pelos temas ligados ao cristianismo, a partir dos modelos portugueses continentais e o fundo religioso pré-existente.

O interior das residências manteve os mesmos hábitos da tradição hindu, assim, em relação aos pátios, detectamos que as casas pátio se desenvolvem em torno do pátio central. Também, as casas sobrado, apresentam frequentemente pátios interiores que se abrem para vários aposentos da casa. A sala de refeições, e aposento da família, é usualmente utilizada para a localização do oratório e oratório-altar, continuando a ter as mesmas características do antigo *vasary* e a fazer parte das casas cristãs.

As famílias brâmanes e chardós convertidas ao cristianismo construíram entre os séculos XVII e XIX casas que testemunham um intercâmbio entre a cultura da tradição hindu, cruzada com características de influências portuguesas. Assim, constatamos que as casas de Salsete apresentam particularidades genuinamente portuguesas na fachada, mas o interior destas residências permanece resistente às características enraizadas hindus.

Todavia, para um mais aprofundado conhecimento neste tema, seria útil trabalhar outros assuntos, que gostaríamos de ter analisado, mas que se tornou inexequível. Assim, almejaríamos ter caracterizado o assunto dos salões, as artes decorativas patentes nesses salões, nos quais se destacam os canapés, as consolas, as cadeiras, os espelhos e as sanefas. Também ficaram por indagar as pinturas nas paredes, os tectos ventilados com as aberturas decoradas para a passagem do ar, as guardas das varandas, os telhados de tesoura e as bibliotecas.

No dia dezanove de Dezembro de 2011, fará cinquenta anos que as tropas portuguesas se renderam, face à invasão da União Indiana. O território Português do Oriente ficou a ser administrado a partir de Nova Deli, constituindo o “*Union Territory*”. Assim, em 1987 passou a ser o vigésimo quinto Estado da União Indiana. E apesar disso, através dos contactos que estabelecemos com os proprietários das casas que visitamos e do que observamos, ainda encontramos, cinquenta anos depois, uma presença portuguesa, na história, na cultura e na língua, que utilizamos frequentemente.

Glossário

Alpendre – Espaço coberto e saliente de um edifício, podendo ser sustentado por pilares quadrangulares ou colunas circulares, onde normalmente se abre o patamar da escadaria com acesso à casa.

Átrio Romano (atrium) – Pátio interior das casas romanas circundado de colunas e com um tanque ao centro para receber a água da chuva. Era em volta do pátio que se fazia a passagem directa para os vários compartimentos.

Balcão – Em Goa chama-se balcão ou balcony ao alpendre, sendo a entrada de uma casa com patamar coberto, sustentado por colunas ou cachorros, contendo escadas exteriores.

Baldaquino³²⁵ - Cobertura arquitectónica ou escultórica em forma de dossel, sobreceú ou pavilhão; adossado à parede ou isolado.

Canarins – Naturais da antiga Índia portuguesa, incluem-se as castas, brâmanes, chardós, surdas, corumbins e também os mouros.

Carepa – Parte plana da concha de um bivalde. Utilizada sobretudo nas janelas das casas, palacetes e igrejas, difundindo uma luz translúcida.

Casa de sobrado – Casa constituída por um grande corpo rectangular, composto por dois pisos.

Casa pátio - Apresentam-se com um único piso sendo na sua grande maioria simétricas e com uma organização tripartida, organizadas normalmente com um alpendre ao centro e varandas. Estas casas são ordenadas à volta de um pátio interior e mais adaptadas ao modo de vida tradicional hindu.

Casados – Homens de nascimento português ou goês, casados, chefes de família que tinham a residência permanente em Goa.

³²⁵ DIAS, Pedro – Arte de Portugal no Mundo; *Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ª edição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-148-1.p. 142.

Castas – Sistema de hierarquia social na Índia.

Castiços - Filhos dos portugueses nascidos na Índia e que acabavam por casar entre si.

Gentio – Aplica-se aos hindus, aqueles que não professavam uma das três religiões do Livro, ou seja a religião cristã, a judaica e a islâmica.

Mestiços – Filhos de portugueses com autóctones.

Mirante³²⁶ – Construções que se elevam acima do telhado, num sector qualquer da sua linha longitudinal, muitas vezes a meio, por vezes à frente, outras atrás; nas casas estreitas eles geralmente ocupam toda a largura do prédio.

Novas conquistas – Compreende as conquistas adquiridas na segunda metade do século XVIII, as regiões de Pérnem, Bicholim, Satari, Pondá, Sanguém, Quepém e Canácona.

Oficiais³²⁷ – São oficiais de alto nível que pertencem ao governo português, e quando atingiam o término da sua função, normalmente regressavam a Portugal.

Pilastra³²⁸ – Pilar de quatro faces, embebido na parede, com proporções e ornamentos idênticos aos da ordem clássica. Também funciona como pé-direito.

Pináculo³²⁹ – Pequena pirâmide terminal de um contraforte, arcobotante, muro, cúpula ou corucéu.

Portal³³⁰ - Porta principal monumental de um edifício, por vezes muito decorada (portas, arquivoltas, tímpanos, etc).

Pórtico³³¹ - Local ou átrio coberto, ladeado de colunas, erigida na fachada de edifícios sumptuosos, podendo estar adossado a estes.

³²⁶ OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 3ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1998. p. 354.

³²⁷ SOUZA, Teotónio R. de - *Goa Medieval – A cidade e o Interior no Século XVII*. Lisboa, Editora Estampa, 1994.p. 115.

³²⁸ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ªedição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-148-1.p. 149.

³²⁹ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ªedição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-148-1.p. 149.

³³⁰ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ªedição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-148-1.p. 149.

Reinóis – Portugueses de Portugal, que residiam no Oriente temporariamente, no desempenho de cargos que a Coroa havia determinado.

Rozangon – Deriva do termo hindu Raj Angon, que designa um pátio interior, localizado numa zona centrada e sem cobertura, e envolvido de colunas, com carácter importante nas casas da Índia. Os cristãos associam o termo a um pátio interior de rosas.

As casas pátio são ordenadas à volta de um pátio interior e mais adaptadas ao modo de vida tradicional hindu.

Sadery – Sala grandiosa utilizada particularmente em datas festivas, como casamentos, baptizados e dedicada a audiências. Esta sala situava-se no primeiro andar, ficando afastada do conjunto do interior da casa e da vida doméstica. Esta divisão também era utilizada como zona de altar durante as festas das divindades. Este aposento está ligado às residências dos grandes senhores e proprietários.

Soldado³³² – Homem disponível para o serviço militar e que iam nos navios de carreira para servirem no Oriente.

Taluka – Áreas administrativas dentro de um Estado da União Indiana, correspondendo a concelhos. Em Goa existem 11 talukas, sendo, Perném, Bardez, Bicholim, Satari, Tiswadi, Mormugão, Pondá, Sanguém, Salsete, Quepém e Canácona.

Vasary – Trata-se do espaço interior da casa, consistindo numa sala tradicional considerada a mais importante da casa hindu, com proporções e regras claras, três vezes mais comprida do que larga, estruturada com o hábito das refeições decorrerem numa longa fila. Era aqui que ficava localizado o altar. As características desta divisão permaneceram nas casas indo-portuguesas do século XVIII.

³³¹ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ª edição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-148-1.p. 150.

³³² SOUZA, Teotónio R. de - *Goa Medieval – A cidade e o Interior no Século XVII*. Lisboa, Editora Estampa, 1994.p. 115.

Velhas conquistas – Compreendem as talukas de Tiswadi, Bardez, Mormugão e Salcete. A Ilha de Tiswadi foi conquistada em 1510 por Afonso de Albuquerque enquanto que os territórios de Bardez, Mormugão e Salcete foram adquiridos em 1543.

Fontes Bibliográficas:

AA.VV, *A Alta Nobreza e a Fundação do Estado da Índia - Actas do Colóquio Internacional*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Centro de História de Além-Mar. 2004. ISBN. 972-98672-8-3.

AA.VV, *História da Arte – Glossário, Índice Geral da Obra*. Vol. 20. Barcelona: Editorial Salvat, 2006, ISBN: 978-84-471-0476-5.

AA.VV, *As relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente - IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985.

AA.VV, *O Estado da Índia e os Desafios Europeus - Actas do XII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Centro de História de Além-Mar, Lisboa, 2006.

AA.VV, *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Catálogo, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999.

AA.VV, *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Estudos, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999.

AA.VV, *Os Papas de são Pedro a João Paulo II – A História da Igreja Católica protagonizada por 264 Pontífices*. Correio da Manhã, 2006.

ALBUQUERQUE, Luís de – *Os Descobrimentos Portugueses*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989.

ALBUQUERQUE, Luís de – *Portugal no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, 1989, volume II.

ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira - *A casa nobre no Porto na época moderna* . Lisboa: INAPA; 2001.

ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira – *O Porto na Época dos Almadás* – Arquitectura, Obras Públicas. Volume I, Porto, 1988.

ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*. Matosinhos. Edição Quidnovi, 2006.

AZEVEDO, Carlos de - 1918-1995. Lisboa: *Ministério do Ultramar. Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar*, 1956.

AZEVEDO, Carlos de - *A Arte de Goa, Damão e Diu*. Agência Geral do Ultramar, Lisboa, 1969.

AZEVEDO, Carlos de – *Solares Portugueses – Introdução ao Estudo da Casa Nobre*. Livros Horizonte, 2ª edição 1988.

BARBOSA, Duarte - *Livro do que viu e ouviu no Oriente*, 1516. Alfa Biblioteca da Expansão Portuguesa, Lisboa 1946.

BARREIRA, João – *Arte Portuguesa*. Lisboa, Edições Excelsior, 1946.

BOXER, C. R. – *A Índia Portuguesa em Meados do Século XVII*. Edições 70, 1980.

BLUTEAU, D. Rafael – *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BRITO, Joaquim Pais de; PEREZ, Rosa Maria; SARDO, Susana – *Histórias de Goa*. Fundação Oriente. Lisboa, 1997.

CAGIGAL E SILVA, Maria Madalena de – *A Arte Indo-Portuguesa. João Barreira (dir.) Arte Portuguesa: As Artes Decorativas*. II vols. Lisboa, Edições Excelsior, 1951, vol. I, pp. 245-264.

CARITA, Hélder – *Novos aldeamentos jesuítas na Índia nos finais do séc. XVI e inícios XVII - Ensaio, confrontos e mutações*. Colloque International – *Terrains Coloniaux – Architecture et Urbanisme*. Centre Culturel Calouste Gulbenkian, Paris, 2004.

CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Livros Quetzal S.A., Lisboa, 1995.

CENTEIRO, Rui Manuel Sobral – *Civilizações Clássicas II Roma*. Universidade Aberta, Lisboa, 1997.

CHICÓ, Mário Tavares - *Algumas observações acerca da arquitectura da Companhia de Jesus no distrito de Goa*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, 1956.

CORTESÃO, Jaime – *O Império Português no Oriente*. Lisboa. Edições Portugália, 1968.

CORREIA, Gaspar – *Lendas da Índia*.

Typographia da Academia Real das Sciencias, 1858.

COSTA, João Paulo Oliveira e – *O Império Português do Oriente*. 1.^a edição. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. ISBN – 972-8186-36-3.

COUTO, João – *Alguns Subsídios para o Estudo Técnico das Peças de Ourivesaria no Estilo denominado Indo-Português, Primeiro Congresso da História da Expansão Portuguesa no Mundo*. 2.^a secção: Portugueses no Oriente. Lisboa, Ministério das Colónias, 1938. pp. 35-49.

CORREA, Gaspar – *Lendas da India*. Thipographia da Academia Real das Ciências, Lisboa, 1859.

DIAS, Pedro – “*A construção da Casa Professa da Companhia de Jesus em Goa*”. In *Memoriam Carlos Alberto Ferreira de Almeida*, direcção de Mário Barroca. Porto, 1999.

DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1.^aedição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-148-1.

DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Artes decorativas e iconográficas*. 1.^aedição, Editor Publico, 2008. ISBN 978-989-619-149-8.

DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Urbanização e fortificação*. 1.^aedição, Editor Publico, 2009. ISBN 978-989-619-147-4.

DIAS, Pedro - *Arte Indo-Portuguesa: capítulos da história* Almedina, Coimbra 2004.

DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*. Lisboa, 1998.

EUSÉBIO, Fátima – *O Intercâmbio de formas na Arte Indo-Portuguesa: O Caso Específico da Arte da Talha*, 2003.

FERRÃO, Bernardo – *Mobiliário Português*, 4 volumes, Porto, 1990.

FERREIRA, José Ribeiro – *Civilizações Clássicas I Grécia*. Universidade Aberta, Lisboa, 1966.

Goa 1510. Grandes Batalhas da História Universal. Obra organizada e dirigida por Quidnovi. Matosinhos, 2003.p. 62-63.

GOITIA, Fernando Chueca – *Arquitectura Muçulmana Peninsular e sua influência na Arquitectura Cristã*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

GOMES, Marques e VASCONCELOS, Joaquim de – *Exposição Distrital de Aveiro em 1882*. Aveiro, 1883.

GOMES, Paulo Varela; ROSSA, Walter - O Primeiro Território – Bombaim e os Portugueses. In: *Oceanos*, n. 41, Jan./Março, Lisboa.

HAUPT, Albrecht – *A arquitectura do Renascimento em Portugal*. Presença, Lisboa, 1985 (ed. original 1890-95).

Himalayan express: mantra, memória e viagem na Índia - esquissos Álvaro Siza, Fernando Távora, Eduardo Alves. Coimbra: Almedina.

IFEKA, Caroline - *IV Seminário Internacional de Arte Indo-Portuguesa*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, Instituto de Investigação Científica Tropical, 1985.

IRWIN, John – *Reflection on Indo-Portuguese Art*. Burlington Magazine, December 1955.

KEIL, Alfred – *A arte portuguesa e a Arte Oriental*, in “*Congresso do Mundo Português*”. Vol. V, tomo III, Lisboa, 1940. p. 161.

MARGARIDO, Manuel – *Vasco da Gama*. Grandes Protagonistas da História de Portugal, Planeta de Agostini, Lisboa, 2004.

MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, Volume I. Fundação Oriente, 1992.

MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, Volume II. Fundação Oriente, 1992.

MENDONÇA, Maria José de – *Alguns tipos de Colchas Indo-Portuguesas na colecção do Museu de Arte Antiga*. Boletim do Museu, vol. II, facc. II, 1949Janeiro-Dezembro. pp. 1-21.

MITTERWALLNER, Gritli Von – *The Indu past, in Goa*. Cultural Patterns, Bombay, Marg, 1984.

MORAIS, Carlos Alexandre - *Cronologia Geral da Índia Portuguesa – 1498-1962*. Macau, Edições ICM, Instituto Rainha D. Leonor, 1993.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga; GALHANO, Fernando – *Arquitectura Tradicional Portuguesa*. 3ª edição, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1998.

OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996.

OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 2.º vol. Porto, 1996.

PAIS DA SILVA, Jorge Henriques – *Estudos Sobre o Maneirismo*. Lisboa, Editorial Estampa, 1983, pp.150-182.

PANDIT, Heta; MASCARENHAS, Annabel – *Houses of Goa*. Architecture Autonomous, India, 2006.

PEARSON, M. N. – *Os Portugueses na Índia*. Editorial Teorema, Lda., 1987.

PENROSE, Boies – *Goa – Rainha do Oriente*. Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, 1960.

PEREIRA, Fernando António Baptista – *História da Arte Portuguesa época moderna (1500-1800)*. Universidade Aberta, 1992.

PINTO, Maria Helena Mendes – *Catálogo de Goa a Lisboa*. Lisboa: Europália, 1992.

PINTO, Maria Helena Mendes; GARCIA, José Manuel; AAVV - *Vasco da Gama*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998.

POZZO, Andrea – *Prespectivae Pictorum atque Architectorum*. I Pars. Roma: Impensis Joannis Frider Probst, 1709.

QUINTÃO, José César Vasconcelos – *Fachadas de Igrejas Portuguesas de Referente Clássico – Uma Sistematização Classificativa*. FAUP, Porto, 2005.

RIBEIRO, Orlando – *Goa em 1956 - Relatório do Governo*. Lisboa: Gráfica Maiadouro, SA, 1999. ISSN – 972-787-002-3.

ROCHA, Manuel Moreira da – *A Memória de um Mosteiro – Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX) Das Construções e das Reconstruções*. Biblioteca das Ciências Sociais, Edições Afrontamento, 2011.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Espaços de Culto Público e Privado nas Margens do Douro: Uma Abordagem*. Separata da Revista Poligrafia n.º 5. Publicação do Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão, 1996.

ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Manifestações do Barroco Português: Casas e quintas com capela – A Encomenda. O Artista. A Obra*. Edição CEPESSE, Porto, 2009. pp. 325-341.

SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume I, História Política, Casa Editora, Livraria Coelho, Nova Goa, 1925. ISBN: 81-206-0590-X / 81-206-0591-8.

SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume II, História Arqueológica, Casa Editora, Livraria Coelho, Nova Goa, 1926. ISBN: 81-206-0590-X / 81-206-0592-6.

SANTOS, Catarina Madeira - *Goa é a chave de toda a Índia: perfil político da capital do Estado da Índia (1505-1570)*. 1ª edição. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1999. ISSN - 972-8325-96-7

SANTOS, Reynaldo dos – *A Índia Portuguesa e as Artes Decorativas*. Belas Artes, 2ª Série, nº 7, 1954.

SANTOS, Reynaldo dos – *História da Arte em Portugal*. Vol. III, Portucalense Editora, Porto, 1953.

SANTOS, Reynaldo dos – *O Espírito e a Essência da Arte em Portugal, Conferências de Arte*. Sá da Costa, Lisboa, 1943.

SILVA, José Custódio Vieira da - *Paços Medievais Portugueses*. Instituto Português do Património Arquitectónico, Segunda Edição, Lisboa, Abril de 2002.

SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ISBN: 972-9483-36-1, 1999.

SMITH, Robert C. - *A Talha em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte, 1963.

SOUZA, Teotónio R. de - *Goa Medieval – A cidade e o Interior no Século XVII*. Lisboa, Editora Estampa, 1994.

SOUZA, Teotónio R. de – *Goa. Roteiro Histórico – Cultural*, Lisboa, FLUP Cota: 9e/II/529, 1996.

TÁVORA, Bernardo Ferrão Tavares e – *A Imaginária Luso-oriental*. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

TAVARES, Célia Cristina da Silva - *Cristandade Insular: Jesuítas e Inquisidores em Goa (1540-1682)*. Tese de Pós- Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, para a obtenção do Grau de Doutor. Niterói, 2002.

THOMAZ, Luís Filipe - *O cristianismo e as tradições pagãs na Índia portuguesa - Actas do Congresso Internacional de Etnografia*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965. v. 4.

Vasco da Gama e a Índia – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1998.

VECHINA, Sofia Nunes – *Arte e Documentação da Antiquíssima Paróquia de Cortegaça*. Comemorações do Centenário da Igreja Matriz 1910-2010, Paróquia de Cortegaça, 2010.

VITERBO, Francisco Marques Sousa – *A Exposição D' Arte Ornamental*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1883.

VITERBO, Francisco Marques Sousa – *O Orientalismo em Portugal no século XVI*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1893.

"Os primeiros cristãos em Salsete" in "O Oriente Português", João Baptista Amâncio Gracias.

Fontes Electrónicas:

http://www.wdl.org/pt/item/22/?qla=pt&countries=IN&institution=national-library-of-razil&view_type=gallery

Índice

Lista de Abreviaturas e Siglas	9
Introdução	10
O Estado da Arte.....	13
1. Cenário Histórico-Geográfico da Presença Portuguesa em Goa.....	24
2. A Arquitectura Doméstica dos Cristãos da <i>Taluka</i> de Salsete - Goa	38
3. Conclusão	89
Glossário.....	91
Bibliografia.....	95